UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Divino Alves Bueno

RÁDIO ESCOLA RODA PIÃO:
COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CIDADANIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

GOIÂNIA
OUTUBRO DE 2013

sistema de bibliotecas ufg

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[X] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Divino Alves Bueno				
E-mail:	divno.bueno@hotmail.com				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? [X]Sim [ ] Não					
Vínculo empregatício do autor	SEDUC-GO e SME de Goiânia				
Agência de fomento:				Sigla:	
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	Rádio Escola Roda Pião: comunicação, mídia e cidadania na prática pedagógica				
Palavras-chave:	Rádio Escola. Roda Pião. Comunicação. Educação. Cidadania.				
Título em outra língua:	Spinning Wheel Radio School: communication, media and citizenship in teaching practice				
Palavras-chave em outra língua:	Spinning wheel. Radio School. Comunication. Education.Citizenship				
Área de concentração:	Mídia e Cidadania				
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	08/10/2013				
Programa de Pós-Graduação:	Mestrado em Comunicação				
Orientador (a):	Profa. Dra. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues				
E-mail:	cleideacr@gmail.com				
Co-orientador (a):*					
E-mail:					

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

_____ Data: ____ / ____ / _____

Assinatura do (a) autor (a)

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Divino Alves Bueno

RÁDIO ESCOLA RODA PIÃO: COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CIDADANIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Mídia e Cidadania.

Orientadora: Profª. Drª. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues

GOIÂNIA
OUTUBRO DE 2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
(GPT/BC/UFG)

Bueno, Divino Alves.
B928r Rádio Escola Roda Pião: comunicação, mídia e cidadania na prática pedagógica [manuscrito] / Divino Alves Bueno. - 2013.
xv, 179 f. : il., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, 2013.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.
Apêndices.

1. Radio Escola Roda Pião, Projeto – Escolas públicas – Silvânia (GO). 2. Radio Escola. 3. Comunicação – Educação – Cidadania. I. Título

CDU: 654.1:37

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Divino Alves Bueno

RÁDIO ESCOLA RODA PIÃO:
COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CIDADANIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovada em 08 de outubro de 2013, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

_____
Profa. Dra. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues
Orientadora - UFG

_____
Profa. Dra. Juliana Guimarães Faria
Membro externo - UFG

_____
Profa Dra. Simone Antoniaci Tuzzo
Membro interno - UFG

GOIÂNIA
OUTUBRO DE 2013

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Norma, e à minha filha, Byanca Nicolly,
por todo seu amor, carinho e compreensão.

À minha orientadora, Profa. Dra. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues,
por me mostrar o rumo e me acompanhar no percurso.

Aos membros do Grupo de Estudo Novas Tecnologias e Educação (GENTE),
pelas contribuições e reflexões importantes.

Às Professoras Dra. Juliana Guimarães Faria e Dra. Simone Antoniaci Tuzzo,
por me honrarem com sua participação na Banca Examinadora.

À Professora Lydia Poleck,
por despertar em mim o interesse pela tecnologia educacional.

À equipe do Núcleo de Tecnologia Educacional de Silvânia,
pelo apoio durante a coleta de dados.

A concepção do campo comunicação/educação está estritamente relacionada
à necessidade de implantação de uma nova variável histórica [...]
Pensar os desafios das relações comunicação/educação é, sobretudo,
pensar formas de fortalecimento da inclusão social,
do respeito às diversidades,
da garantia aos direitos dos sujeitos.

BACCEGA, 2009

RESUMO

BUENO, Divino Alves. **Rádio Escola Roda Pião**: comunicação, mídia e cidadania na prática pedagógica. 2013. 179 f. Dissertação. Mestrado em Comunicação - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

A contemporaneidade, cada vez mais midiática, tem colocado grandes desafios para a comunicação, educação e cidadania. Um deles é o de compreender as mediações comunicacionais constitutivas dos processos educacionais. Atualmente, torna-se imprescindível para os educadores, mais do que compreender, apropriar-se das novas e dinâmicas linguagens que circulam de modo cada vez mais frequente, no contexto da sala de aula e para além dela, de "forma clandestina" (BACCEGA, 2000). Neste contexto marcado pela cultura digital, refletir, estudar e compreender as interfaces entre comunicação, educação e cidadania parece um desafio urgente e fundamental para educadores e comunicólogos. Esta investigação tem por finalidade empreender um esforço no sentido de explicitar a relação intrínseca existente entre comunicação, educação e cidadania no processo educativo, a partir da visão dos gestores, alunos e professores participantes do Projeto Rádio Escola Roda Pião, desenvolvido em escolas estaduais e municipais da cidade de Silvânia, no Estado de Goiás, no período de 1999 a 2011. Dada a natureza e a complexidade do objeto de estudo, a abordagem qualitativa se mostrou a mais adequada. Para a coleta de dados, após investigações preliminares, de caráter exploratório sobre a temática de estudo, foram utilizadas as técnicas de entrevistas semiestruturadas, grupo focal e análise documental. Para uma melhor compreensão do uso pedagógico do rádio, esta investigação assume como referencial teórico abordagens da comunicação que privilegiam a participação ativa dos sujeitos na constituição do ato comunicativo, para além da dimensão instrumental e unidirecional que as mídias tendem a assumir na sociedade em que vivemos. Do ponto de vista educacional, o estudo se fundamenta no entendimento de que o ato educativo se torna pleno quando professores e alunos participam ativamente da construção do conhecimento, processo que pode ser enriquecido pela presença das tecnologias midiáticas no processo ensino-aprendizagem. Assim entendidas, as interfaces entre comunicação e educação, constatadas ao longo do desenvolvimento do Roda Pião, contribuíram significativamente para a constituição de sujeitos cidadãos conscientes de seus direitos e deveres.

Palavras-chave: Rádio Escola. Roda Pião. Comunicação. Educação. Cidadania.

ABSTRACT

BUENO, Divino Alves. **School Radio Roda Pião**: communication, media and citizenship in pedagogical practice. 2013. 179 f. Dissertação. Mestrado em Comunicação - Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

The contemporary world, increasingly mediatic, has placed great challenges for communication, education and citizenship. One is to understand the communication mediation constitutive of educational processes. At present, it is essential for educators, more than to understand, to appropriate the new dynamic languages that circulate so increasingly frequent in the context of the classroom and beyond "clandestinely" (Baccega, 2000). In this context - marked by digital culture - reflect, study and understand the interfaces among communication, education and citizenship seem a fundamental and urgent challenge for educators and communicologists. This research aims to undertake an effort to explain the intrinsic relationship between communication, education and citizenship in the educational process, from the perspective of the administrators, students and teachers participating in the School Radio Program "Roda Pião", developed in state and municipal schools of Silvânia, a city in the state of Goiás, from 1999 to 2011. Given the nature and complexity of the object of study, a qualitative approach proved more appropriate. For data collection, after preliminary investigations, exploratory study on the subject, we have used semi-structured interviews, focus groups and document analysis. For a better understanding of the pedagogical use of the radio, this research takes as a theoretical reference communication approaches that privilege active participation of subjects in the constitution of the communicative act, beyond the instrumental and unidirectional dimension that the media tend to assume in the society in which we live. From the educational point of view, the study is based on the understanding that the educational act becomes full when teachers and students actively participate in the construction of knowledge, a process that can be enriched by the presence of media technologies in the teaching-learning process. Thus understood, the interfaces between communication and education, noted throughout the development of the Spinning Wheel, contributed significantly to the constitution of citizens aware of their rights and duties.

Key words: School Radio. Spinning Wheel. Communication. Education. Citizenship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1– Quadro comparativo do modelo de ensino tradicional e comunicacional. 35
Figura 2 – Universo e amostra dos sujeitos da pesquisa. 71
Figura 3 – Participantes do grupo focal, por escola. 72
Figura 4 – Listagem dos documentos selecionados para a pesquisa. 74
Figura 5 – IDEB do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, 2005-2011. 77
Figura 6 – Trajetória histórica do *Roda Pião*. 82
Figura 7 – Distribuição de aparelhos de rádio para o *Roda Pião*/2000. 90
Figura 8 – Distribuição de aparelhos de rádio para o *Roda Pião*/2002. 90
Figura 9 – Destaque do Roda Pião em jornais e revistas..... 91
Figura 10 – Solicitação de informações sobre o Roda Pião. 92
Figura 11 – Instituições participantes do *Roda Pião*, a partir de 2001..... 94
Figura 12 – Objetivos do *Roda Pião*, na visão de gestores e professores. 95
Figura 13 – Fases de produção do Roda Pião, na visão de gestores. 101
Figura 14 – Dificuldades apontadas pelos sujeitos da pesquisa. 119
Figura 15 – Benefícios apontados pelos sujeitos da pesquisa. 124
Figura 16 – Reprodução de carta enviada ao Roda Pião. 126
Figura 17 – Respostas dos gestores e professores sobre a formação..... 127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMEPPE	Associação Movimento de Educação Popular Integral Paulo Englert
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
EAD	Educação a Distância
GENTE	Grupo de Estudo Novas Tecnologias e Educação
INCE	Instituto Nacional de Cinema Educativo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NTE	Núcleo de Tecnologia Educacional
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PROUCA	Programa Um Computador por Aluno
SEADEC	Superintendência de Educação a Distância e Continuada
SEDUC-GO	Secretaria de Estado da Educação
SEED	Secretaria de Educação a Distância
SETERGO	Sistema Radiofônico de Goiás
SM	Salário Mínimo
SME	Secretaria Municipal de Educação
SER	Subsecretaria Regional de Educação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO 16

1.1 Comunicação e Educação: dois campos e suas interfaces 16

1.2 Comunicação: da recepção à mediação 23

1.3 Comunicação no espaço escolar 29

2 A TRÍADE MÍDIA, CIDADANIA E EDUCAÇÃO 37

2.1 Cidadania, um fenômeno histórico-cultural 37

2.2 Cidadania no Brasil. 41

2.3 Mídia e cidadania: uma matriz de cultura 44

2.4 Rádio na educação: uma proposta de uso pedagógico 52

3 METODOLOGIA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS 65

3.1 Metodologia e procedimentos 65

3.2 Instrumentos de coleta de dados 70

3.3 Os contextos de elaboração e desenvolvimento da pesquisa 74

3.3.1 A cidade de Silvânia 74

3.3.2 A Rádio Rio Vermelho 76

3.3.3 As Escolas pesquisadas 77

3.3.3.1 Escola 1 78

3.3.3.2 Escola 2 79

4 COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA 80

4.1 Projeto Radio Escola Roda Pião 80

4.2 Estrutura e funcionamento do *Roda Pião* 93

4.3 As contribuições do *Roda Pião* na formação dos alunos. 113

4.4 *Roda Pião*, consciência crítica e cidadania..... 128

CONCLUSÃO 133

REFERÊNCIAS 138

APÊNDICE A – PROGRAMAS E PROJETOS DE INCENTIVO AO USO PEDAGÓGICO DAS TIC NA ESCOLA..... 146

APÊNDICE B – MAPEANDO A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE O TEMA 148

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM GESTORES 155

APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM PROFESSORES156

APÊNDICE E – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM ALUNOS 157

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES E PROFESSORES 159

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS ENVOLVIDOS..... 161

ANEXO A – EXEMPLO DE ROTEIRO DE PROGRAMA 163

ANEXO B – EXEMPLO DE ROTEIRO PEDAGÓGICO 166

ANEXO C – EXEMPLO DE HISTÓRIA ADAPTADA PARA O PROGRAMA 169

ANEXO D – EXEMPLOS DE PRODUÇÃO DE TEXTO 173

INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1990, a utilização dos meios de comunicação na educação ganhou destaque, tanto na presença, quanto nas preocupações com os procedimentos metodológicos a serem adotados para superar os desafios gerados pela ilimitada potencialidade dos recursos tecnológicos disponíveis, dentro e fora do espaço escolar.

Impulsionadas, principalmente, pelos programas do governo federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), tecnologias, como a televisão, o vídeo, o computador, a internet e o rádio, passaram a compor o chamado parque tecnológico das escolas públicas do Brasil.

As interfaces entre comunicação e educação possibilitam que a escola repense as formas de produção dos saberes científicos. Como instituição formadora e socializadora, a escola deve atentar-se ao fato de que a democratização dos meios de comunicação não pode ser ignorada, visto que os mesmos passaram a exercer grande influência sobre a atual geração.

Segundo Thompson, "o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamento social – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana" (THOMPSON, 1998, p. 77).

Com o desenvolvimento tecnológico, a comunicação adquire destaque em quase todos os setores da sociedade, em especial na educação. As mídias invadem o cotidiano das pessoas e passam a fazer parte de suas vidas Não são vistas como tecnologias, mas como complementos, como continuação da vida, ou, segundo McLuham (1964), passam a ser "extensão do homem".

Assim, o desafio da educação é consolidar a escola como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação adequada dessas mídias. Para isso, é necessário compreender a importância da linguagem comunicacional nos processos educativos.

De certa forma, minha trajetória profissional de mais de duas décadas de magistério, marcada pelo desenvolvimento de funções administrativas e pedagógicas na Superintendência

de Educação a Distância e Continuada[1] (SEADEC), órgão da Secretaria de Estado da Educação de Goiás (SEDUC-GO), responsável pela formulação de políticas relativas à Educação a Distância, me possibilitou, inicialmente, essa compreensão.

A partir de 2003, passei a compor, também, o quadro de professores efetivos da Rede Municipal de Educação de Goiânia, onde, atualmente, ocupo a função de Coordenador do Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME), responsável por desenvolver ações que possibilitem a disseminação das TIC no contexto educacional, por meio de ações formativas para profissionais da educação, além de oferecer suporte técnico aos laboratórios de informática educacional instalados nas escolas públicas.

No decorrer dessa trajetória, acompanhei, direta ou indiretamente, a implementação dos principais Programas e Projetos (Apêndice A) de incentivo ao uso pedagógico das TIC nas escolas públicas, tais como: *TV Escola* e *Salto para o Futuro, TV na Escola e os Desafios de Hoje, Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), Mídias na Educação, Educom.Rádio, Um Computador por Aluno (PROUCA), Rádio Escola Sem Fronteiras; e o Projeto Rádio Escola Roda Pião*. Os dois últimos são programas educativos criados pela SEDUC-GO, em 1999, visando a utilizar a tecnologia e a mídia rádio no processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas goianas, definindo-se o uso desta tecnologia como um "meio" a ser apropriado pela escola para produzir novos conhecimentos e gerar aprendizagem.

Na condição servidor da SEADEC, tive a oportunidade de cursar uma *Especialização em Telemática na Educação*, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), oferecida em parceria com o ProInfo/MEC e a SEDUC-GO. Os estudos e as discussões desenvolvidas ao longo da especialização e a atuação profissional despertaram o interesse em me aprofundar nos estudos sobre as mídias na educação. Considero que este foi o início do meu envolvimento com a presente pesquisa, no sentido de ampliar meus

---

[1]. Este órgão da SEDUC-GO passou por várias reformas, desde 1999, inclusive com a alteração de sua denominação. De 1995 até 2003, sua denominação era Superintendência de Educação a Distância e Continuada (SEADEC). De 2003 a junho de 2008, continuou com o mesmo nome, apenas alterando a sigla, para SUED. Por meio da Lei n. 16.272, de 30 de maio de 2008, passou a ser denominado de Coordenação de Educação a Distância (COED) e, em 2011, Núcleo de Educação a Distância (NUED). Neste trabalho usaremos as siglas SEADEC e SUED para identificar a instância responsável pela coordenação do *Programa Rádio Escola Sem Fronteiras*, no período de criação e auge de seu desenvolvimento.

conhecimentos e de me aprofundar na compreensão da temática sobre mídia na educação, em geral, e da interface entre comunicação, educação e cidadania, em particular.

Em 2008, o interesse pelo tema me levou a assumir a Gerência de Tecnologia Educacional na SEADEC, órgão responsável pela promoção do uso pedagógico das diversas mídias eletrônicas nas escolas da rede pública de ensino. Esta função possibilitou uma participação mais ativa no planejamento e na execução, principalmente, de ações de formação continuada de professores para uso pedagógico das TIC em sala de aula, e na representação da SEDUC junto ao Ministério da Educação (MEC) nas discussões sobre as tecnologias na educação. Participei das discussões iniciais de implantação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no que diz respeito aos polos de apoio presencial e no levantamento de demandas, no âmbito da SEDUC-GO.

Outro elemento que me motivou a realizar esta pesquisa empírica foi o inexpressivo acompanhamento e avaliação, por parte do sistema ensino, de programas educacionais, especificamente, os que envolvem mídias. De acordo com a experiência vivida nessa trajetória, constatei que muitos destes programas chegam a ser extintos sem que tenham um diagnóstico que possibilite identificar seus limites e suas possibilidades e se contribuíram ou não para o processo ensino aprendizagem dos alunos participantes.

Este estudo justifica-se, ainda, pela minha atuação profissional, também, na Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME), em particular, nos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), voltados para o estabelecimento de normas e diretrizes para a construção e implementação de políticas de uso das tecnologias da informação e comunicação nas escolas públicas de Goiás.

A partir deste contexto, o presente estudo pretende discutir as seguintes questões: Qual a visão dos gestores, alunos e professores sobre o *Projeto Rádio Escola Roda Pião*? Qual a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania neste Projeto? Quais os limites e possibilidades do Projeto no processo ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos?

As atividades envolvendo os campos da comunicação e educação, que, hoje, compreendo como intrinsecamente articulados, a falta de aprofundamento teórico e de referenciais que redirecionassem minha práxis pedagógica para além da dimensão técnica, tudo isso passou a ser um desafio profissional que me impulsionou a desenvolver estudos que possibilitassem o deslocamento do meu olhar em relação a esta temática. Foi neste contexto

que me decidi pelo mestrado, entendendo-o como espaço formativo capaz de me proporcionar leituras e discussões que ampliassem minha compreensão desta temática.

A trajetória de estudo, com certeza, abarcaria os campos da comunicação e da educação, bem como as referências de minha trajetória acadêmica e profissional, que seriam tomadas como elementos relevantes no processo de compreensão dos produtos e das formas de produção das mídias no universo da comunicação em contexto de aprendizagem escolar. À medida que avançavam os estudos, tornava-se cada vez mais claro que essa compreensão é fundamental e indispensável ao profissional docente que concebe a educação como prática da liberdade, como uma das formas de construção da autonomia e da emancipação do homem, conforme defendia Freire (1983, 1987), embora, para muitos, esta proposta de educação seja utopia. Entendendo o homem como um ser social, que se desenvolve a partir das relações e interações que estabelece no mundo com o "outro", é, no mínimo, contraditório e inaceitável, não considerar as mídias como meios nos processos educativos.

Dos programas desenvolvidos pelas Secretarias de Educação, seja na esfera Federal, Estadual ou Municipal, que envolvem o uso das mídias e tecnologias digitais, vários tornaram-se objeto de estudos e pesquisas, tanto no campo da comunicação quanto da educação. Dentre tais estudos, destacamos: Toschi (2000), com estudos sobre a *TV Escola*, que tiveram por finalidade identificar os elementos conceituais e operacionais da política de formação de professores pela *TV Escola*, buscando analisar quais aportes teóricos sobre formação de professores estão presentes nos vídeos, conhecer como os professores recepcionam os programas da *TV Escola*, e se estes programas atendem às suas necessidades formativas; Rodrigues (2006) pesquisou a prática pedagógica no curso *TV na Escola e os Desafios de Hoje*, na Região Centro-Oeste, constatando que a desarticulação entre MEC, Universidades e Secretarias Estaduais de Educação, quanto às concepções de formação de professores, de EAD, de gestão e de prática pedagógica, evidencia as lacunas existentes entre estes órgãos; Siqueira (2000) estudou o programa *Um Salto para o Futuro* e o discurso da formação continuada de professores, analisando a reforma do Estado, a reforma educacional e os processos formativos; Borges (2011) analisou a concepção de comunicação no curso *Mídias na Educação,* oferecido pelo MEC, visando à capacitação dos profissionais da educação das escolas públicas para uso das TIC em sala de aula.

Nestes estudos os pesquisadores analisaram as mediações comunicacionais nos processos pedagógicos. Na mesma perspectiva destes autores, optei por investigar, dentre as

várias ações desenvolvidos pela SEDUC-GO nas escolas públicas pelo *Programa Rádio Escola Sem Fronteiras e*, especificamente, pelo *Projeto Rádio Escola Roda Pião*, por entender que a estrutura deste Projeto abarca três dimensões importantes do processo educativo, ou seja, o envolvimento de alunos, professores e comunidade escolar.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania no processo educativo, a partir da visão dos gestores, alunos e professores participantes do *Projeto Rádio Escola Roda Pião*.

Para se alcançar tal objetivo, foram adotados procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa, com uso de entrevistas semiestruturadas, grupo focal e análise documental.

Para melhor compreensão do objeto de estudo, a investigação propriamente dita foi antecedida de uma pesquisa exploratória, que consistiu da revisão da literatura a respeito da produção acadêmica mais recente sobre a temática do uso educativo do rádio, identificando os estudos que privilegiam a relação entre comunicação e educação (APÊNDICE B).

O presente estudo foi organizado em quatro capítulos.

O primeiro capítulo busca discutir a relação entre comunicação e educação, isto é, suas interfaces, evidenciando a centralidade da comunicação na construção de uma sociedade midiática. Procura, ainda, identificar em vários autores os procedimentos metodológicos que parecem ser mais apropriados para a inserção das mídias na escola, e que se aproximam de uma “pedagogia da comunicação.

O segundo capítulo desenvolve uma reflexão sobre a cidadania como um fenômeno histórico-cultural, para compreender a atual situação da educação escolar. Traça, ainda, o percurso histórico do rádio na educação, a partir do ponto de vista de diferentes autores.

O terceiro capítulo estabelece as bases teóricas que fundamentam o desenvolvimento metodológico da pesquisa, descrevendo seus passos, o método de coleta de dados, os sujeitos e o universo a ser investigado.

O quarto e último capítulo traz a descrição e análise dos dados coletados, nos quais procura-se identificar e compreender a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania no processo educativo, a partir da visão dos gestores, alunos e professores participantes do *Projeto Rádio Escola Roda Pião.*

1 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

> Enfrentando os desafios, a comunicação/educação estará apta a levar os alunos a uma produção que valorize aspectos da cultura em que vivem, que abra discussões sobre a dinâmica da sociedade, sua inserção na totalidade do mundo, conhecendo-o para modificá-lo, reformando-o e/ou revolucionando-o, numa nova linguagem audiovisual, num novo mundo
>
> Baccega, 2009.

Neste capítulo procura-se discorrer sobre a relação entre comunicação e educação e suas interfaces, identificada como necessária para a compreensão do objeto da pesquisa em questão. Trata-se do resultado de um levantamento bibliográfico de alguns autores selecionados, por trazerem discussões relevantes para o entendimento da centralidade da comunicação nos processos educacionais, em um contexto social midiático.

Nele busca-se refletir sobre "a construção do campo comunicação/educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes" (BACCEGA, 1999, p. 7). Uma compreensão que, para a educação, requer necessariamente a quebra de paradigmas e a desmistificação dos meios de comunicação no espaço escolar. O enfrentamento deste desafio aponta para um novo paradigma, como propõe Penteado (2001), uma "pedagogia da comunicação", uma metodologia da comunicação escolar.

Nesta perspectiva, busca-se discutir, com base nos argumentos de Penteado (2001, 2002) e Porto (2001), os processos educacionais mediados por tecnologias, o que leva à reflexão sobre a pedagogia da comunicação, uma metodologia da comunicação escolar que "prevê para os sujeitos da educação, professor e aluno, uma atuação em parceria. Todos eles se entrelaçam em relações sociopedagógicas por meio das quais se realiza a comunicação escolar" (PENTEADO, 2002, p. 35).

1.1 Comunicação e Educação: dois campos e suas interfaces

A epígrafe no início do capítulo se apresenta como um motivador, principalmente para professores que buscam quebrar antigos paradigmas cristalizados por uma educação conservadora que entende a aprendizagem de maneira linear, ou como bem conceituou Freire (1987), uma "educação bancária". O não enfrentamento deste novo campo teórico, como propõe Baccega (2009), ofusca a dinâmica da atual sociedade midiatizada, inibindo a

criatividade e a produção humana, a compreensão do mundo e a capacidade de modificá-lo por parte dos alunos e do próprio professor, que busca nas interfaces comunicação e educação uma nova forma de ensinar e aprender, possibilitada pelo avanço dos meios de comunicação e sua utilização em contextos educativos.

Impulsionada pelo desenvolvimento das tecnologias mediáticas, no início do século XX, a comunicação adquire significativa relevância, despertando a atenção de várias ciências ou campos de trabalho, dentre eles a educação. Segundo os autores, Braga e Calazans (2001), Kenski (2008), Baccega (2009), Citelli (2010), surgem preocupações referentes às interfaces comunicação e educação, que Braga e Calazans (2001) chamam de "interfaces entre campos de abrangência", nas quais as preocupações comunicacionais da Educação e as preocupações sobre aprendizagem na comunicação, de algum modo, penetram os dois campos originais, fornecendo-lhes novos ângulos e questões que merecem ser investigadas.

Nesta mesma direção se alinham autores, como Célestin Freinet, Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Raymond Willians, Jesús Martin-Barbero, Guilhermo Orozco Gómez, Nestor Garcia Canclini, David Buckhingham, entre outros, que buscam superar a visão comportamentalista, baseada nos pressupostos da passividade da recepção, na anestesia narcotizante dos meios de comunicação, junto aos jovens em sala de aula (CITELLI, 2010).

Para Kenski (2008), educação e comunicação são temas amplos e complexos, cujas possibilidades de exploração e estudo das interfaces são infinitas. São necessidades básicas exigidas em todos os campos onde as relações humanas e técnicas prevalecem. Há uma indissociabilidade, de fato, entre os dois campos, e esta indissociabilidade torna-se mais ampla pela forma como ambos são requisitados no atual momento da sociedade. "Reunida à comunicação, a educação é solicitada para invadir todos os campos, não isolada e ciosa de seus limites de formação e instrução, mas mediada, realizando na prática as interconexões e hibridismo que as potencializam e as indiferenciam" (KENSKI, 2008, p. 650). Comunicação e educação são indissociáveis, mas cada qual tem seu campo conceitual próprio e ambas são de natureza complexa, o que exige de nós uma profunda investigação se desejamos avançar na compreensão das interfaces que delas emanam.

Os estudos relacionados às interfaces comunicação e educação tiveram um crescimento significativo na década de 1990. Este fato pode ser observado pelas publicações de ambas as áreas, como constatado por Vermelho e Areu (2005, p. 1413), em um trabalho em que o "objetivo central foi traçar um perfil da produção brasileira sobre a problemática

envolvendo Educação e Comunicação e, a partir deste, identificar alguns aspectos relevantes ou lacunas na produção". Este estudo feito em 58 periódicos nacionais das áreas da educação e comunicação, entre os anos 1982 e 2002, as autoras identificaram o crescimento de publicações envolvendo a temática educação e comunicação a partir da segunda metade da década de 1990. Entre os 1599 textos encontrados, 923 artigos foram produzidos após 1995, crescimento que não está relacionado com a expansão do acesso e uso das mídias digitais, característico do final do século XX. As autoras sugerem, inicialmente, entender este crescimento sob alguns aspectos: educacionais, econômicos, culturais, sociológicos etc. A partir das afirmações das autoras é possível inferir que as profundas transformações ocorridas, em âmbito mundial, desde o final da década de 1980 – em que o foco foi a reestruturação do modo de produção capitalista – os campos comunicação e educação sempre estiveram direta ou indiretamente implicados. Esta relação, no entanto, é antiga.

Para Citelli (2010), as preocupações referentes às interfaces comunicação e educação podem ser observadas desde as primeiras décadas do século XX, principalmente, no que diz respeito aos envolvimentos da comunicação mediada na vida associativa, sobretudo, no contexto norte-americano dos anos de 1930 acima, período de ocorrência de forte crescimento dos sistemas comunicacionais, em relação à ampliação das audiências ou impactos econômicos resultantes de uma poderosa indústria midiática.

Segundo Temer e Nery (2009), a partir de 1959, com o processo de industrialização e crescimento econômico, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), órgão das Organizações das Nações Unidas (ONU), voltado para a educação, começou a desenvolver estratégias para estimular os países latino-americanos a fazer uso dos meios de comunicação de massa, especialmente o rádio e a televisão, para impulsionar o desenvolvimento. Esta proposta tinha como pressuposto que as oportunidades oferecidas pela educação escolar, eram dispendiosas e demoradas e que bons resultados poderiam ser alcançados com o uso dos meios de comunicação na realização de projetos educacionais, com o discurso atrativo de ser mais rápido e de baixo custo.

Para contemplar questões que possam surgir na interface entre os campos de abrangência da Comunicação e da Educação, Braga e Calazans (2001) propõem ampliar a reflexão sobre alguns ângulos de interface dos dois campos. Segundo os autores, uma das articulações mais evidentes desta interface diz respeito ao uso de meios nos processos formais

de ensino, presencial e a distância. Este entendimento procura abranger as informações e elaborações expressivas, que se tornaram possíveis com os avanços tecnológicos.

Neste sentido, Kenski (2008) afirma que quanto mais se amplia o sentido dos dois campos, mais compreendemos a estreita relação entre os mesmos, reforçando a afirmação de Soares (1999), de que toda relação comunicativa pode tornar-se numa relação educativa, assim como toda ação educativa deveria transformar-se em ação comunicativa. Para Kenski (2008), o ato de comunicação não se restringe apenas aos suportes ou aos processos intencionais de uso das mídias pela escola ou pela indústria cultural. O ato de comunicação em educação é um movimento entre pessoas que têm como objetivos, a vontade de ensinar e aprender.

Para Freire (1977), "a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados" (FREIRE, 1977, p. 69). O autor acrescenta, ainda, que a verdadeira comunicação não está na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas na co-participação, no ato de compreender, criticamente a significação do significado. Desta forma, a relação educador e educando constitui-se como dialógica e comunicativa. Ou seja, o fazer verdadeiramente educativo, se encontra no conceito de comunicação.

Ainda nesta perspectiva, Kenski (2008, p. 650) retoma o trabalho da professora Fusari (2001), pioneira nos estudos da área de comunicação e educação, a qual

> defendia a compreensão da importância da intercomunicação humana nos processos educacionais, que podem ocorrer em qualquer lugar a qualquer momento; que transformam e levam as pessoas a aprender não apenas conteúdos, mas valores, sensibilidades, comportamentos e práticas em múltiplos e diferenciados caminhos.

Este processo de comunicação humana que visa à aprendizagem do outro, vai além do uso de equipamentos; são manifestações humanas, vozes, movimentos e sinais corporais, formas ancestrais de comunicação, que se consolidam pela interlocução e trocas comunicativas entre sujeitos.

Entende-se que a evolução da tecnologia midiática ampliou as formas e as possibilidades de comunicação e de aprendizagem entre as pessoas, propiciando formas para que a aprendizagem aconteça em diferentes espaços, seja nos limites físicos da sala de aula, seja, também, em ambientes virtuais, apoiados, principalmente pela internet. Esse novo

ecossistema educativo comunicacional, que se forma a partir das interfaces comunicação e educação, possibilita maior aproximação da sala de aula com a realidade vivida pelos nossos alunos, mas este é um dos maiores desafios enfrentados pela maioria dos professores.

Para Soares (1999), essas mudanças demandaram o surgimento na educação de um novo campo de atuação, no qual a escola deixa de se limitar a quatro paredes, o local exclusivo da transmissão de saberes, para se transformar em um espaço de mediação, integrando as tecnologias de comunicação em seu processo formativo, resultando, assim, em um

> novo espaço de intervenção social, associando a Comunicação e a Educação num campo interdiscursivo e interdisciplinar não respeitando, na verdade, as fronteiras da formalidade das situações e dos projetos educativos, ***na perspectiva de*** toda relação comunicativa pode transformar-se numa relação educativa e toda ação educativa deveria transformar-se em ação comunicativa (SOARES, 1999, p. 3, grifo nosso).

Esta relação educativa pressupõe o diálogo, mas é fundamental lembrarmos que um diálogo acontece entre sujeitos situados historicamente, entre quem se interessa pelo que o "outro" tem a dizer sobre si e sobre o mundo em que está inserido. Já para Linhares (2007), a relação entre comunicação e educação revela-se como um novo momento, que propõe um processo de apropriação de códigos comunicacionais, dotado de uma visão crítica que contribua para a compreensão da sociedade em que vivemos. Assim, o desafio é conhecer as novas tecnologias e suas linguagens comunicacionais, os novos aparatos tecnológicos, que ampliam as possibilidades de comunicação do homem, modificando a produção e o consumo de produtos simbólicos. Estamos em um mundo em que os meios de comunicação, que utilizam imagens, som e informações, estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

Para Linhares (2007), a teoria da informação foi outra vertente de interpretação dos meios de comunicação que influenciou na compreensão e uso dos meios na educação. Segundo o autor, ao propor uma análise sistêmica e linear, tal teoria induziu a uma abordagem da técnica que reduz linguagens e processos a instrumentos. Esta percepção influenciou

> nas relações comunicacionais e/ou com os meios de comunicação no espaço escolar, dificultando a presença e o uso de outros suportes tecnológicos, senão o livro, e de outras linguagens, senão a escrita na prática pedagógica em sala de aula. Como a escola é uma instituição criada para socializar o conhecimento e a entendemos como um espaço de relações comunicacionais, nada mais aceitável que seja também afetada pelo que ocorre fora de seus muros e no íntimo dos indivíduos que a constituem (LINHARES, 2007, p.26).

Para este autor, enquanto espaço de troca e de prática sociais, a escola adotou, por imposição de políticas oficiais, ou de forma inconsciente, alguns dos conceitos do funcionalismo e do tecnicismo, quanto ao uso de tecnologias e linguagens de comunicação em sala de aula, situação que favoreceu o insucesso de projetos dotados de noções de desenvolvimento social e econômico como consequência do aperfeiçoamento, uso das tecnologias e das metodologias institucionais. A adoção acrítica de tais conceitos trouxe implicações sérias para o campo da comunicação e da educação, como a "correlação tecnologia, tecnicismo e dominação, sendo que o insucesso do moderno provocou a volta ao tradicionalismo e uma certeza de que, muitas vezes, a incorporação errada do novo pode provocar mais retrocesso do que avanços" (LINHARES, 2007, p.27).

Esta concepção provocou o que Linhares chama de "volta ao tradicional", um retorno às práticas pedagógicas já dominantes com mais força e certeza, resíduo deixado pela abordagem da tecnologia educacional, a partir dos anos de 1970 do século XX, em que as relações comunicacionais em sala de aula privilegiavam a estrutura linear emissor/receptor, o uso dos meios restrito ao domínio das técnicas, reforçado pelo desconhecimento da especificidade das linguagens usadas.

Para Citelli (2010), nem sempre existe entendimento convergente quanto à presença dos meios de comunicação e suas mensagens na vida social. O que leva a observar duas maneiras de admitir a relação comunicação e educação, sendo uma recoberta de limitações de caráter moral, e outra pautada por concepções político-pragmáticas voltadas a uma práxis preocupada em superar distonias da nacionalidade. Observa-se, entretanto, que

> várias linhas de pesquisa e reflexão foram abertas no intervalo entre o receio dos eventuais danos que a televisão – caberia mirar, hoje, por exemplo, na internet – traria aos jovens, promovendo influências deletérias, afastando-os dos livros, apresentando-lhes assuntos pouco adequados sob o ponto de vista moral ou comportamental, e os possíveis usos imediatos dos meios de comunicação para cumprirem finalidades educativas (CITELLI, 2010, p. 75).

Frente às críticas a estes modelos matemáticos e cibernéticos de informação, Beltrán (apud GOMES, 2004) acredita que este modelo só reforçou o modelo de Aristóteles que propunha uma comunicação com três elementos: locutor, discurso e ouvinte, cujo propósito era o de persuadir. Segundo Beltrán (apud GOMES, 2004, p. 23) é preciso abandonar "Aristóteles para que se tenha um processo comunicacional realmente democrático e participativo". Beltrán realizou estudos sobre a comunicação horizontal, tendo como ponto de

partida e como critério de avaliação o modelo de uma comunicação horizontal, baseado nas ideias de Freire.

Uma das possibilidades do ângulo comunicacional no campo educacional é o surgimento de um espaço específico de ação e reflexão, sobre as comunicações educacionais. Pode-se dizer que nenhum assunto ou questão da sociedade está alheio à questão educacional, visto que tudo pode ser objeto de ensino e aprendizagem. Da mesma forma que nenhum tema é estranho às interações sociais que compõem a comunicação social, esta relação se torna importante na medida em que o educacional se apresenta como questão central na evolução das novas interações da comunicação social. Logo, os dois campos se articulam, ou seja, entram em forte relação de fluxo (BRAGA; CALAZANS, 2001).

Percebe-se, entretanto, que na interface entre comunicação e educação, a aproximação tem acontecido de forma mais intensiva por parte dos profissionais da comunicação do que da educação. Talvez porque a área da comunicação tenha dado maior relevância a este tema. O fato é que, pela complexidade do objeto e até mesmo pela falta de aprofundamento e reflexão sobre o conceito e o objeto da comunicação, esta aproximação é, ainda, incipiente, embora se possa ter a comunicação como princípio fundamental da vida, inerente à própria sobrevivência humana, provocando certa "*invisibilidade* do conceito" (SIGNATES, 2011). É necessário reconhecer que as linguagens comunicacionais possibilitam uma melhor compreensão de possíveis problemas presentes nos processos educativos. À medida que os processos de produção e divulgação dos produtos midiáticos são compreendidos, percebem-se, também, as novas possibilidades educacionais presentes em suas múltiplas linguagens.

Na análise de Baccega (2009), nos últimos tempos tem se observado um confronto entre as tradicionais agências de socialização – escola e família – e os meios de comunicação, hoje consolidados, também, como outra agência de socialização. Uma disputa pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos quer destacar-se na sociedade. Esta situação parece amenizar-se no campo da comunicação e educação, que "justifica e procura pistas para o diálogo entre as agências, para um intercâmbio entre elas, de modo a beneficiar a formação dos sujeitos sociais mais críticos" (BACCEGA, 2010, p. 53).

É preciso compreender que os meios de comunicação têm realizado um tipo de educação desvinculada dos sistemas oficiais de ensino. Ignorados tanto pela escola quanto pela família, estes meios tornaram-se uma nova agência de socialização e educação.

A escola, entretanto, em grande parte, continua fundamentada na perspectiva tradicional de ensino em que a tecnologia é vista como um fim em si mesmo e não como meio e isso dificulta a realização de uma educação pautada na perspectiva de formação crítica, uma educação que instrumentalize os alunos para que construam sua autonomia e emancipação na sociedade contemporânea e mediatizada. Uma formação capaz de proporcionar ao educando habilidade e competência para realizar uma releitura crítica dos meios de comunicação, percebendo a realidade construída por meios de filtro e "editada" por superestruturas, como afirma Guareschi e Biz (2005) e Bacegga (1994).

Para Baccega (2009), a forte presença dos meios de comunicação na cultura contemporânea, além de colocá-los na posição de agência de socialização, torna-os, também, educadores, participando assim da construção da cidadania. Ainda nesta perspectiva, Martin-Barbero (2005), afirma que a comunicação tem se apresentado como um novo espaço de cidadania. Logo, surge a necessidade de se colocar em sintonia mídia e escola, agora mais do que nunca, por reconhecer que a escola não é mais o único lugar do saber, e que a utilização dos meios de modo propositivo pode significar novas possibilidades de construção do conhecimento, de exercício da autonomia e da cidadania.

1.2 Comunicação: da recepção à mediação

É por meio da comunicação que as pessoas se relacionam entre si, transformando-se mutuamente e podendo, assim, transformar a realidade onde estão inseridas. É por meio dela que são transmitidos os saberes, os costumes, a produção de sentido, a possibilidade de interação e disseminação de culturas de geração à geração. Neste sentido, referendamos o entendimento de Gomes (2004, p. 12), quando afirma que

> o ser humano está, e é comunicação. Existe uma interação e interdependência entre a comunicação e o homem no processo de mudança social e cultural. A comunicação é um elemento inerente à condição humana e existe desde o aparecimento do ser humano [...] não há sociedade, não há comunidade, sem comunicação entre os homens".

Reconhecer que o homem é um ser de relações, ajuda na compreensão dos conceitos nas interfaces comunicação e educação. Este reconhecimento de que o homem é um ser social pode ser observado em Martino (2001), que define o homem como um ser simbólico, que só

se deixa apreender por meio das relações com os seus semelhantes. Ou seja, é um ser da comunicação, consigo e com o mundo.

Nesta perspectiva, Freire (1977) afirma que o processo de comunicação humana não está isento dos condicionamentos socioculturais. O mundo da cultura se prolonga no mundo da história. E é a intercomunicação – comunicação recíproca entre sujeitos – que caracteriza o mundo cultural e histórico. O autor afirma, ainda, que por maior que seja a tradição, o rompimento da estrutura dialógica do conhecimento é um grande equívoco, não comunicação. Assim como, também, é equivocado o fazer educativo, pautado no ato de transmissão ou de depósito sistemático de um saber. Pelo contrário, a educação deve ser pautada nos princípios da construção recíproca do conhecimento entre quem ensina e quem aprende, de modo mais amplo, e entre educador e educando, de modo particular (FREIRE, 1997).

Nos estudos de Bordenave (1998), a comunicação é apresentada como uma das formas pela quais os homens se relacionam entre si. Não é somente o reflexo do tipo de relações sociais imperantes em uma sociedade, é um fenômeno ainda mais básico e mais universal de influência recíproca. O autor afirma que na comunicação há sempre uma intencionalidade básica, onde o emissor espera que o receptor selecione e aplique sua mensagem, da mesma forma que existe uma intenção básica na ação do receptor, que seleciona o que é importante para ele, que avalia e decide se aceita ou não a mensagem que é compreendida a partir do "lugar" em que o receptor está.

A comunicação é algo mais complexo do que a simples transmissão de mensagens. Neste sentido, Bordenave (1998), Marcondes Filho (2008), Santos (2003) e Temer e Nery (2009), comungam da mesma ideia de que a comunicação não é mais considerada um processo linear e mecânico de codificação, transmissão e decodificação. Segundo Marcondes Filho (2008), durante muito tempo pensou-se que a comunicação era a transmissão de algo, através de um canal, sobre um determinado meio, por intermédio de um veículo a outra pessoa. Ou seja, a passagem de uma mensagem de um lado (emissor) para outro lado (receptor).

Para Santos (2003), comunicação é mais que a mera troca de informações. É a utilização de códigos, a intersecção dos indivíduos, o emprego de tecnologias e a intersecção com normas culturais e sociais. É utilizada pelo homem para expressar ideias e sentimentos, orientar-se, coagir, narrar histórias, persuadir, exercer controle, conectar-se ao mundo, manipular, transmitir conhecimento, organizar seu pensamento e suas atividades. “A

comunicação pressupõe sempre alguma forma de interação entre os seres humanos" (SANTOS, 2003, p. 9).

Segundo Temer e Nery (2009), a comunicação não é neutra e acontece a partir de uma intenção. É uma ação que busca atingir o outro (receptor) e provocar uma mudança, pois toda ação comunicativa pretende obter uma reação.

Precursor da relação entre comunicação e educação, Freire (1977) entendia a comunicação como um diálogo autêntico, que só ocorre em processo de igualdade, respeitando a interlocução em uma concepção democrática. A comunicação é vista como um processo de interação de sujeitos em diálogo, elemento estruturante e intrínseco ao ser humano. Logo, "a comunicação implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. O que caracteriza a comunicação [...] é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo" (FREIRE, 1977, p. 67). Neste sentido é possível inferir que na comunicação não há sujeito passivo, mesmo em situações em que a criticidade não esteja presente de modo pleno. No ato comunicativo dialógico deverá haver um acordo reciprocamente comunicativo entre os sujeitos. Ou seja, a mensagem deve pertencer ao quadro significativo comum ao outro sujeito. E é por meio da relação comunicativa que se dá o conhecimento, o domínio cultural e histórico do homem, que perpassa de uma geração para outra.

No fim da década de 1970, estudos de comunicação na América Latina começaram a evidenciar um deslocamento metodológico que traria uma nova e promissora vertente para este campo de investigação científica. A partir desta nova perspectiva teórica, os estudos das audiências se convertem em um recurso importante para a investigação qualitativa da recepção.

Nesta linha de pensamento, Martin-Barbero (2009) e Orozco (1998) vêm trabalhando a teoria das "múltiplas mediações", concepção fundamental para uma "educação para os meios", como um espaço de reflexão e estudo sobre a leitura críticas das mídias. Este modelo de mediação reconhece que o processo de recepção é não linear, e sofre intervenções e condicionamento do contexto cultural, social, político e histórico.

Nesta perspectiva, Martin-Barbero propõe estudar a comunicação a partir da cultura, buscando entender as mediações. Opondo-se às ideias da Escola de Frankfurt e às teorias marxistas da comunicação, o autor defende a ideia de que nos estudos dos meios de comunicação devem ser levados em conta os conflitos, as contradições e as transformações do meio social.

Martin-Barbero (2009, p. 28) afirma que

> a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais do que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para re-ver o processo inteiro da comunicação, a partir de seu *outro* lado, o da recepção, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos.

Para o autor, a comunicação se tornou questão de mediações e cultura, ou seja, é necessário reconhecer as diversas linguagens existentes fora dos grandes meios de comunicação de massa. A partir de seu convívio na América Latina, o trabalho de Martin-Barbero gira em torno do campo da mediação de massa, de seus dispositivos de produção e seus rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos e suas encenações espetaculares, seus códigos de montagem, de percepção e reconhecimento.

Este autor afirma que

> Benjamin foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do *sensorium* dos modos de percepção, da experiência social. [...] Benjamin se propõe, então, a tarefa de pensar as mudanças que configuram a modernidade a partir do espaço da percepção, misturando para isso o que se passa nas ruas com o que se passa nas fábricas e nas escuras salas de cinema e na literatura, sobretudo, na marginal, na maldita (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 80, grifo do autor).

Para ele, o campo das mediações é constituído pelos dispositivos por meio dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade. A mediação é uma espécie de estrutura incrustada nas práticas sociais cotidianas das pessoas que, ao realizar-se por meio dessas práticas, se traduzem em múltiplas mediações. Assim, “propõem-se três lugares de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural” (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 295). Segundo Gomes (2004), mais recentemente, Martin-Barbero relacionou o conceito de mediação a três dimensões: sociabilidade, ritualidade e tecnicidade, e que, apesar de tudo, não precisou melhorar o conceito de mediação.

Segundo Rodrigues (2006, p. 37),

> Se no campo da comunicação a mediação é tomada sob o foco cultural, no campo da educação ela carrega entendimentos múltiplos, que envolvem a ideia de atravessar, intermediar, balizar, harmonizar e, ainda, uma conotação de avanço, ou melhor, de não rígido ou de não conservador, cabendo, ainda, a sua utilização para o processo ou meio ou papel dos sujeitos no processo. É no limite dessas definições que o conceito de mediação é [...] tratado como dimensão cultural nos processos

> comunicacionais e educacionais e nas possibilidades da emergência do novo nas mudanças sociais.

Para esta autora, a prática pedagógica como uma mediação, também, origina-se dos aspectos culturais, que são envolvidas por diferentes mediações comunicacionais. Para ampliar este entendimento a autora, com base nos estudos de Martin-Barbero e Orozco, apresenta algumas explicações:

- **As mediações individuais ou cognitivas:** determinam o desenvolvimento específico de destrezas cognitivas. Elas incidem sobre o processo do conhecimento, incluindo o pensamento lógico, as generalizações e valorização afetiva, que não é meramente racional, mas também, emotiva e valorativa. Voltadas para a singularidade do sujeito, as mediações cognitivas envolvem o conjunto de habilidades e atividades de cada um em um dado contexto cultural.
- **As mediações institucionais**: implicam interações que o sujeito estabelece nas instituições sociais, nas quais recebe, troca e produz sentidos e significados, ou seja, o indivíduo comunica-se em diferentes espaços sociais. Pode-se dizer que as instituições são espaços em que os sujeitos elaboram e manifestam seus conhecimentos, sua cultura e suas referências por meio da comunicação. Os espaços institucionais, família, escola, igreja, trabalho, entidades, etc. possibilitam aos sujeitos um processo de negociação que gera sentidos e significados, isto é, gera a realidade.
- **As mediações massmediáticas, videotecnológicas ou tecnológicas:** envolvem os aparatos tecnológicos utilizados na comunicação de massa, tais como, TV, rádio, jornal, revista e internet. Os meios televisivos e virtuais podem mediar a representação da realidade para os sujeitos envolvidos nos processos de ensinar e aprender por meio não-presencial em uma instituição de ensino. O conjunto das múltiplas mediações contribui para a produção de sentidos que o aluno elabora num processo de aprender, no qual a negociação destes sentidos estabelece as formas e os níveis de aprendizagem alcançados.
- **As mediações situacionais ou culturais**: referem-se não só às condições ambientais em que a recepção ocorre, tais como, situação de conforto ou não do espaço físico, audiência solitária, em grupo, em casa, na escola, a situação de cansaço ou de disposição, mas, também, aos aspectos culturais presentes nas

relações estabelecidas nos ambientes de recepção, como o silêncio ou não e comentários entre os sujeitos, com base nas informações veiculadas pelo meio de comunicação.

– **As mediações de referências:** incluem as singularidades "dos sujeitos receptores", tais como cultural, sexualidade, etnia, socioeconômica e procedência geográfica. Todas as características dos sujeitos, idade, gênero, raça, classe social ou etnia, são referências no âmbito individual e institucional. Estas referências constituem mediações no processo de aprender e incidem diferentemente nas interações dos sujeitos (RODRIGUES, 2006, p. 39).

Segundo a autora, estas mediações corroboram para a constituição das mediações pedagógicas, envolvendo os elementos da didática e as relações concernentes às mediações explicitadas.

> As mediações pedagógicas são aquelas que decorrem das formas de ensinar e aprender, dos processos de mediações cognitivas, quando o aluno interage com o conhecimento, quando o professor trata os conteúdos e as formas de expressão dos diferentes temas, a fim de tornar possível o ato educativo em um lugar institucional denominado escola. [...] Conceber as mediações comunicacionais no processo educativo impõe o entendimento de que a produção de sentidos e significados requer contratos comunicacionais entre os sujeitos que alimentam aspectos normativos expressivos e cruzamentos históricos postos nos espaços sociais (RODRIGUES, 2006, p. 40).

Pensar os processos de comunicação a partir da cultura significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Para isso, é preciso mudar de lugar e redesenhar os conceitos básicos (MARTIN-BARBERO, 2001). Na educação tal mudança exige o enfrentamento de paradigmas culturalmente cristalizados.

> Ao reduzir a comunicação educativa à sua dimensão instrumental, isto é, ao uso das mídias, o que se deixa de fora é justamente aquilo que é estratégico pensar: a inserção da educação nos processos complexos de comunicação da sociedade atual, no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado produzido pelas mídias. Um entorno difuso ***que configura*** o sistema educativo vigente (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 59, grifo nosso).

Para Martin-Barbero (2001), neste processo de universalização cultural, que ao mesmo tempo universaliza e reduz as diferenças, a escola tem papel fundamental, pois ao introduzir as crianças na vida produtiva ela desativa os modos de persistências da consciência popular. Isso porque, "o status adquirido por meio da educação acompanha o indivíduo por

toda a vida com o rótulo de legitimidade, porque foi conferido por uma instituição destinada a dar aos cidadãos seus justos direitos" (MARSHALL, 1967, p. 102).

Na percepção de Orozco (2005), a aprendizagem acontece por meio de um processo de recepção, que compreende um processo fundamentalmente sócio-cultural e os resultados deste processo dependerão de uma bagagem cultural do receptor. Este processo dependerá do que Orozco chama de mediação, que "origina-se em várias fontes: cultura, política, economia, classe social, gênero, idade, etnia, meios, condições situacionais e contextuais, instituições e movimentos sociais" (OROZCO, 1993, apud GOMES, 2004, p. 154).

O autor, afirma, ainda, que no processo de recepção, o papel de receptor não é passivo, mentalmente ele se vê partícipe de uma sequência de interações com diversos graus de envolvimento e processamento do conteúdo. "Essa sequência começa com a atenção, passa pela compreensão, seleção, valoração do que foi percebido, seu armazenamento e integração com informações anteriores, e finalmente se realiza uma apropriação e produção de sentido" (OROZCO, 2005, p. 31).

Na análise do Roda Pião, observou-se a presença das diversas mediações, descritas por Rodrigues (2006): mediações individuais ou cognitivas, mediações institucionais, mediações massmediáticas, videotecnológicas ou tecnológicas, mediações de referências e mediações pedagógicas. Cada uma delas será contextualizada no desenvolvimento do quarto capítulo deste trabalho.

1.3 Comunicação no espaço escolar

O espaço escolar, assim como qualquer outro campo – reflexo da sociedade na qual está inserido – recebe as influências da evolução tecnológica. O impacto, entretanto, tem sido menor que em outras áreas, pelo menos em se tratando da abordagem construcionista[2] do processo de ensino aprendizagem. "O mero uso das tecnologias não responde ao desafio. O que pode acontecer é, com tal uso, exacerbar-se o caráter conservador e distante da contemporaneidade que ainda caracteriza, no geral, a Escola" (BACCEGA, 2002, p. 9).

---

[2] No *construcionismo*, a construção do conhecimento acontece na realização de uma ação concreta que produz um produto palpável, como um artigo, um projeto, um objeto, de interesse pessoal de quem produz (VALENTE, 1999, p. 141).

Procurando adequar-se à contemporaneidade, a escola busca mediatizar seu modelo tradicional de ensino, utilizando principalmente, a televisão, o computador e a Internet. Logo, é necessário mudanças na filosofia e na metodologia educativa, para aproveitar as potencialidades que os meios de comunicação proporcionam aos processos de ensino e aprendizagem, como afirmam os estudos de Penteado (2001, 2002), Porto (2001), Fusari (2001).

Para Linhares (2007), cabe à educação escolar construir os alicerces teóricos deste novo campo, considerando os processos culturais, constituídos de ações comunicativas e de aprendizagem, incrementando as ações pedagógicas, construindo uma "pedagogia da comunicação". Assim, poderia discutir, refletir, aprender e ensinar sobre as diversas formas que os meios de comunicação interferem em nosso modo de pensar, sentir e agir, de relacionar socialmente e buscar conhecimento.

Logo, o desafio é a incorporação das diferentes tecnologias nas práticas pedagógicas, proporcionando, assim, a criação de uma cultura digital[3], potencializando a frequência do uso, deslocando os sujeitos do processo ensino-aprendizagem para além da perspectiva meramente informativa, ou seja, possibilitando que sejam sujeitos ao mesmo tempo informativos, receptivos e responsivos porque a aprendizagem se dá a partir da articulação destas dimensões, conforme afirma Penteado (2001). Este novo ecossistema criado, possibilitará que professor e aluno se encontrem na autoria e produção colaborativa de conteúdo, ou seja, passam de meros emissores (professores) e receptores (alunos) na transmissão de conteúdos, à condição de sujeitos do processo educativo, como autores e coautores do conhecimento por eles produzidos.

Nesta perspectiva, a escola não reforçará a permanência deste modelo de comunicação linear que se reflete na concepção de "educação bancária", criticada por Freire (1987), mas que continua vigorando em muitas de nossas escolas. É preciso consolidar no espaço escolar a "comunicação horizontal" (BELTRÁN, 1981, apud GOMES, 2004), processo comunicacional realmente democrático e participativo, uma educação dialógica, comunicacional, capaz de conduzir para a "prática da liberdade" e, consequentemente, para a construção da autonomia e da cidadania, como defendia Freire (1983).

---

[3] Cibercultura marcada pelas cibermídias ou mídias interativas, que se desenvolvem no ciberespaço e têm como princípio básico a interatividade e a coprodução (KEMPFER, 2012).

Desta forma, a escola deve aprofundar-se, na “reflexão contextualizada sobre a realidade representada pela presença da comunicação na sociedade contemporânea, uma reflexão que supere o inócuo deslumbramento frente às novas e sempre mutantes tecnologias” (SOARES, 1995, p. 44). Integrar a escola com os meios de comunicação é abrir novas possibilidades de apropriação e construção do conhecimento.

Segundo Porto (2001), a escola não pode limitar-se à linguagem oral e escrita. É preciso compreender e apreender o significado da palavra “linguagem”. Os professores devem reconhecer as várias linguagens que nos são apresentadas pelos meios audiovisuais, até porque essas linguagens permeiam o cotidiano deles e de seus alunos. Resta, então, aceitá-las como novas formas de construção do conhecimento, possibilitando mudanças nas características da escola, nas práticas pedagógicas e nas formas com as quais alunos e professores se relacionam com o conhecimento, criando uma cultura digital na escola, que tem os meios de comunicação como mediadores sociais.

Na busca da implementação e do aprimoramento de procedimentos teórico-metodológicos entre os campos da comunicação e da educação, afastando-se o caráter instrumental da mídia, autoras como Penteado (2001, 2002), Porto (2001), Fusari (2001) têm trabalhado na concepção de uma pedagogia da comunicação, que possibilita um aprofundamento nas reflexões e práticas do uso dos meios de comunicação no espaço escolar. A expansão desta concepção, segundo Penteado (2001), provoca o desapego exclusivo dos meios e amplia para uma educação que reconhece a existência e a importância dos meios, mas que vai além do instrumental, traduzindo-se em atitudes e procedimentos escolares na direção de um processo comunicacional.

Segundo Penteado (2001), ao falar em “pedagogia da comunicação”, quase sempre somos levados ao uso das tecnologias da comunicação no ensino, numa perspectiva de algo capaz de transformar a educação escolar, colocando-a no topo da modernidade. É sabido, porém, que a simples presença dos meios de comunicação na escola, não significa melhora na qualidade do ensino-aprendizagem, pelo contrário, a ausência de um projeto pedagogicamente consistente, que integre o uso destes meios, pode ser um otimizador do péssimo, agravando ainda mais o quadro de um sistema educacional que enfrenta problemas com a falta, a ineficiência ou a descontinuidade de políticas públicas voltadas para a inserção das mídias na educação (MORAES, 1996).

Para Penteado (2001, p. 13), as tecnologias comunicacionais são somente o prolongamento refinado e sofisticado, que potencializa a capacidade comunicacional humana. No espaço escolar,

> será tão somente na vivência de uma didática que exercite a capacidade comunicacional humana e pratique a educação como processo específico de comunicação que as tecnologias comunicacionais ganharão a possibilidade de exercerem o seu poder transformador, rumo a uma educação escolar formadora, reveladora, suporte para o exercício pleno da verdadeira cidadania.

Segundo a autora, cabe a nós professores criar este ecossistema educacional comunicativo propício ao uso transformador dos meios de comunicação no ensino. Esta atividade requer do docente conduta específica na realização das etapas do processo de ensino-aprendizagem: planejamento, objetivos, conteúdos, procedimentos e avaliação. Isso significa "transformar o momento solitário, arbitrário, formal e muito frequentemente ineficaz do planejamento organizado em moldes tecnicista, formal, burocrático, num processo vivo de partilha e de corresponsabilização docente/discente, experienciado ao longo de um percurso" (PENTEADO, 2001, p. 14).

Esta transformação, entretanto, requer a mudança de paradigmas e o conhecimento de novas práticas compatíveis com o "agir comunicacional" (PENTEADO, 2002). Para tanto, depende da disposição pessoal do professor em rever seus conceitos em relação ao "outro seu aluno".

Mas, a decisão de mudança de comportamento por parte do professor não é fácil, nem se pode esperar que aconteça de imediato. Esta mudança de conduta implica necessariamente na revisão e até na mudança de concepção de educação, de homem e de mundo e no abandono de alguns modos já enraizados e até automatizados, que só vêm à tona quando somos desafiados à prática de novos procedimentos, ou seja, quando somos provocados a deixarmos a "zona de segurança". Antes, temos que enfrentar os mecanismos de defesa e atravessarmos a "zona de turbulência", que surge com os questionamentos em nossa prática conservadora (PENTEADO, 2001).

Para Porto (2001), esta reflexão deve partir das contradições construídas pelos meios de comunicação para, a partir daí o sujeito desenvolver a capacidade de se expressar democraticamente nos espaços da escola e da sociedade. A autora ressalta que "a escola, além de educar o aluno, receptor crítico, precisa formar o professor usuário desta comunicação" (PORTO, 2001, p. 26).

Nesta perspectiva,

> o sujeito desenvolve uma consciência crítica ante os meios de comunicação que lhe permite, como ser histórico que é, ter uma visão do mundo e ser capaz de constituir, com maior lucidez, sua cultura. O sujeito ativo faz suas escolhas, tece seus julgamentos sobre o que vê, ouve ou lê e usa a liberdade para se afastar do objeto quando não se interessar por ele. Não se fala apenas em introduzir os recursos na escola, mas em utilizá-los como objeto de estudo, de reflexão (PORTO, 2001, p. 27).

Diante desta afirmação, o desafio atual do sistema educacional é formar, efetivamente, os alunos para a cidadania responsável e que seja capaz de continuar aprendendo, com autonomia, na busca e seleção de informações, produzindo conhecimentos necessários para a resolução de problemas da vida e do trabalho, ou seja, aprender e ensinar ao longo da vida (VALENTE, 2004).

Com o reconhecimento das mídias como matriz cultural e sua inserção como recurso pedagógico nos processos de ensino-aprendizagem, o professor deixa a situação de conhecedor, repassador e transmissor do conhecimento, para ser o orientador, o facilitador e promovedor da construção do conhecimento. São habilidades e competências adquiridas por meio de formação específica para o uso dos meios no espaço escolar.

Para Porto (2001, p. 28),

> é preciso que a relação da escola com esses meios encaminhe-se para uma abordagem pedagógica que tenha por meta legitimar uma ideologia democrática de educação, tornando significativo e por esta razão, dinâmica e interessante o ensino-aprendizagem, pelo entrecruzamento intencional de duas instâncias sociais do saber – meios de comunicação e escola.

A autora afirma que é necessário que a escola defina o que é significativo para o aluno, em função de sua cultura de origem, porém, deve considerar os vários segmentos culturais presentes na escola. Segundo a autora, o significativo para o aluno é construído a partir de atividades e experiências destes, dos conhecimentos e de iniciativas didáticas dos professores, observando a lógica dos conteúdos focalizados. Atividades significativas que

> estimulem a curiosidade e a iniciativa dos alunos, despertando-os para a compreensão da realidade e para a "recepção participativa". […] Na referida pedagogia os conhecimentos e a metodologia surgem a partir da dialogicidade do professor-comunicador com os alunos, destes entre si, e de ambos com os meios de comunicação disponíveis ao aluno em sua casa e no espaço escolar. Numa pedagogia concebida para trabalhar em perspectiva de comunicação democrática, os meios de comunicação fazem parte do currículo, pois a escola aproveita as experiências dos alunos adquiridas a partir do contato com estes meios (PORTO, 2001, p. 32).

Diante desta afirmação, o processo ensino-aprendizagem torna-se um processo de partilha consentida, de colaboração e de solidariedade, afastando-se da concepção de "educação bancária". Penteado (2001), entretanto, afirma que em um processo de ensino-aprendizagem partilhado, alguns professores sentem nesta partilha um abalo na sua autoridade, provocado pelo princípio de alteridade. A tímida experiência de alternativas de ação para a educação como processo de comunicação e o clima pedagógico operante nas escolas dificultam a atuação comunicacional do professor, reforçando sua conduta autoritária.

Penteado (2002) apresenta a educação escolar como um processo de comunicação no qual as condutas docentes se caracterizam pela interatividade entre os sujeitos da educação e a significação do processo de ensino-aprendizagem. Uma educação fundamentada no diálogo, na problematização, na criticidade alcançada por meio de um processo pedagógico comunicacional.

Nesta perspectiva, Penteado (2002) afirma que o modelo comunicacional de ensino se contrapõe ao modelo tradicional, pois compreende a educação escolar como um processo de comunicação, cuja prática docente procura superar os problemas presentes no modelo pedagógico tradicional que predomina na maioria das instituições de ensino, tendo como característica o processo de dominação/subordinação presente nas relações sociopedagógicas.

Estudos de Martin-Barbero, Orozco, Moran, Citelli apontam os meios de comunicação como uma nova agência educadora, que tem proporcionado uma forma de educação independente daquela legitimada pela educação escolar e aceita pela família. É preciso se aprofundar nesta compreensão, de modo a desmistificar mitos existentes em torno dos saberes produzidos pelos meios de comunicação, proporcionando assim, a formação de uma consciência crítica em relação à realidade vivida pela sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva Penteado (2002), Porto (2001) e Fusari (2001) propõem a comunicação escolar como uma metodologia de ensino ligada à pedagogia da comunicação, com vistas à formação cognitiva, valorativa, atitudinal e procedimental, em uma relação sociopedagógica capaz de tornar o conhecimento significativo e em constante construção, articulado à indissociabilidade da tríade professor/aluno/conhecimento.

Neste sentido, Fusari (2001) afirma que se quisermos passar de uma "percepção menor" para uma "percepção maior" devemos estudar a recepção e a produção dos meios de comunicação.

Um dos caminhos para se atingir este objetivo, apontado por Baccega (2002), é a desmistificação do processo de produção que está por trás das mídias. Para isso, é fundamental a consciência de que vivemos em um mundo editado. E que este recorte da realidade, resulta de vários filtros, atendendo a vários interesses. "É o resultado dessa edição que constrói nossa visão de mundo, que preenche nosso imaginário sobre outras realidades, outras pessoas, outros valores. É ela que alicerça a cultura na qual vivemos. É essa edição que está presente nas novas sensibilidades que permeiam essa cultura" (BACCEGA, 2002, p. 10).

Com o intuito de contribuir para o processo de compreensão da formação que se espera para os alunos e para o esclarecimento do significado da escolha de um dos modelos, tradicional e/ou comunicacional, é apresentado na Figura 1 uma comparação entre os valores do modelo tradicional e do modelo comunicacional, de acordo com Penteado (2002).

QUADRO COMPARATIVO DO: MODELO DE ENSINO TRADICIONAL E COMUNICACIONAL	
MODELO TRADICIONAL	**MODELO COMUNICACIONAL**
Conservação	Mudança como possibilidade de inovação ou de criação
Passividade	Iniciativa
Individualismo	Atuação conjunta
Memorização	Reflexão crítica/construtiva
Reprodução	Espírito construtivo, inventividade, criatividade
Gregarismo	Espírito de equipe
Competição	Colaboração
Isolamento	Boa capacidade de relacionamento com pessoas, e de comunicação, de modo a conquistar a adesão pela razão
Egocentrismo	Alteridade (capacidade de levar em consideração o outro em suas atuações), solidariedade
Submissão	Autonomia
Delegação de responsabilidades	Co-responsabilização
Delegação de atuação	Comprometimento com a atuação e seus resultados
Delegação de poder	Partilha de poder
Rigidez	Flexibilidade para rever e reorientar comportamentos, reconhecer pontos de vista mais completos e bem elaborados do que os próprios, abdicar de pontos de vista pessoais em prol de outros mais bem elaborados.

Figura 1– Quadro comparativo do modelo de ensino tradicional e comunicacional.
Fonte: Penteado (2002, p. 37).

Segundo Penteado (2002), na metodologia da pedagogia da comunicação escolar o professor tem a oportunidade de se sintonizar com a classe, seja na observação de seus comportamentos, seja na busca coletiva de informação com seus alunos, pela co-responsabilidade de tomadas de decisões no processo de ensino.

Para a autora, ao se propor a comunicação escolar como uma metodologia de ensino, estamos propondo um “agir comunicacional” que reconhece as interferências sociais e culturais nos processos comunicacionais. Logo, o processo de comunicação escolar se realiza de forma processual, na compreensão da voz do professor e das vozes dos alunos, no entrelaçar-se de diferentes discursos, admitindo-se a existência de outras atuações que interferem no agir comunicacional, de forma a interagir com o outro, o outro professor, o outro aluno. O processo de comunicação escolar considera as diversas linguagens que constituem a sociedade atual e reconhece a presença das mídias interativas em sociedades tecnológicas como a nossa, capaz de transformar o conceito de cultura de massas em cultura das mídias, o que decorre do que os receptores fazem com as mídias e de como os emissores reagem, papéis que se alteram no complexo processo comunicacional.

Na concepção da comunicação escolar, o conhecimento (mensagem) passa de pronto, acabado e único, a conhecimento em construção, histórico, incompleto e construído coletivamente. O professor (emissor) deixa de ser o transmissor de conhecimento para ser o organizador de situações de aprendizagem, tais como a exploração de novos conhecimentos e de novas realidades; o reorganizador de conhecimentos e gerador de novos conhecimentos. O aluno (receptor) passa de alvo e objeto do conhecimento do professor, para ser seu processador, manipulador, explorador, co-produtor (PENTEADO, 2002).

Diante das reflexões já apresentadas, pode-se concluir que a pedagogia da comunicação seja a metodologia comunicacional de ensino apropriada para se trabalhar com as tecnologias da informação e comunicação em sala de aula. Destaca-se nesta proposta, a valorização da relação professor/aluno, espinha dorsal do processo de ensino-aprendizagem, tendo o professor como figura que admite o aluno como sujeito historicamente situado, alguém capaz de avançar na construção do conhecimento, alguém que se inclina e busca o conhecimento a partir da sua curiosidade. Neste sentido, o professor é um dos responsáveis por esta construção. Nesta compreensão, pode-se avançar do modelo tradicional para o modelo comunicacional.

2. A TRÍADE MÍDIA, CIDADANIA E EDUCAÇÃO

É preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania.

Paulo Freire

Pretende-se, aqui, discutir uma das possíveis interfaces entre mídia, educação e cidadania. Não é intenção aprofundar o campo epistemológico ou conceitual, mas, refletir sobre questões relacionadas ao uso da mídia (no caso, o rádio) no contexto escolar como possibilidade de desenvolvimento da cidadania.

O termo cidadania é (re)significado com a Constituição de 1988 (BRASIL, 1998) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que anuncia, no seu artigo 2, como um dos objetivos da educação, “preparar para a cidadania” (BRASIL, 1996).

O século XXI inicia-se com a retomada do discurso redentor de que a educação tem papel fundamental e decisivo para o desenvolvimento individual e da sociedade. Destaca-se, neste período, a ênfase nos investimentos em tecnologias da informação e comunicação (TIC) na educação como fundamental para se alcançar este objetivo.

Diante das transformações provocadas pela "revolução tecnológica" e por que não dizer, dos meios de comunicação, a sociedade vive um paradoxo: de um lado, a globalização, a evolução dos meios de comunicação e a avassaladora utilização das mídias digitais, que rompem os limites de espaço e tempo, dando novas formas às relações sociais, econômicas, culturais e de poder; de outro, o aumento significativo da incompreensão, do individualismo, da intolerância, da violência, do desrespeito aos direitos e deveres e à dignidade humana, problemas cruciais para a humanidade, e que têm comprometido a materialização de projetos educativos que vislumbrem a construção e o exercício da cidadania em sentido pleno.

2.1 Cidadania, um fenômeno histórico-cultural

O conceito de cidadania tem origem na Grécia clássica, quando os cidadãos atenienses, reunidos em praça pública, exerciam democraticamente seus direitos, participavam ativamente dos negócios e das decisões políticas. Cidadania tem origem etimológica no latim *civitas* que significa cidade e pode ser definido como a relação do indivíduo com sua cidade, com a *pólis* (política). Estabelece um *status* de pertencimento de

um indivíduo a uma comunidade politicamente articulada, que lhe atribui um conjunto de direitos e deveres, sob vigência de uma constituição.

Conceituar cidadania não é tarefa fácil. Ela assume diferentes concepções nos diversos períodos de transformação da sociedade, e seu desenvolvimento coincide com o desenvolvimento do capitalismo, a partir do século XVIII, com os movimentos de lutas de classes por conquista de direitos.

Atualmente, o termo cidadania tem sido vulgarizado. O simples fato de um indivíduo ter nascido em uma comunidade, um Estado-nação, é suficiente para lhe ser atribuído o título de cidadão. A sua legitimação constitucional basta para que todos sejam iguais perante a lei. Na realidade, entretanto, não é bem assim: o conceito da verdadeira cidadania é um fenômeno em desenvolvimento, é revestido por uma opacidade, e tem sido pouco praticado. É, pois, necessário refletir se o simples nascer ou ter garantia constitucional de igualdade perante a lei, nos faz verdadeiros cidadãos, e se o fato de a lei garantir a cidadania significa que ela será realizada plenamente para todos os homens.

Segundo Cortina (2005), o termo cidadania voltou a ser atual na década de 1990, agora com dimensões mais amplas: cidadania política, aquela dos membros de um Estado nacional; cidadania transnacional, como no caso da União Europeia; e mais recentemente, com as preocupações planetárias, a cidadania cosmopolita, uma referência a uma república mundial. Para a autora, o deslumbramento por um conceito tão antigo, tem um sentido de ser e se dá por múltiplas razões, das quais uma parece constituir o alicerce de sustentação da sociedade pós-industrial,

> de gerar entre seus membros um tipo de identidade na qual reconheçam e que os faça se sentir pertencentes a elas, porque é evidente que esse tipo de sociedade sofre de uma falta de adesão por parte dos cidadãos ao conjunto da comunidade, e sem essa adesão é impossível responder conjuntamente aos desafios que se apresentam a todos (CORTINA, 2005, p.18).

A autora retoma as reflexões de Daniel Bell a respeito do individualismo crescente em algumas sociedades nos anos de 1960 e 1970, um fenômeno impossível de superar as crises. Assim, os indivíduos procuram satisfazer seus desejos pessoais, sem a menor afeição por sua comunidade, não se dispondo a sacrificar seus interesses pela coisa pública. A autora conclui que o fato do indivíduo saber-se e se sentir pertencente a uma comunidade pode motivá-lo a trabalhar por ela.

Nesta perspectiva, Cortina (2005) define a cidadania como sendo um conceito mediador, que integra as exigências de justiça e, ao mesmo tempo, faz referências aos que são membros da comunidade, que une a racionalidade da justiça com o sentimento de pertença.

Conceitualmente, um dos referenciais para esta discussão é o sociólogo T. H. Marshall (1967), que apresentou um estudo intitulado *Cidadania, classes sociais e status*, no qual a cidadania é compreendida como a evolução dos direitos, é a realização dos deveres e direitos no contexto social. Na concepção clássica da constituição dos direitos, Marshall (1967) os divide em três grupos:

- **os direitos civis:** correspondem às liberdades individuais, ou seja, aqueles ligados ao direito de propriedade, de ir e vir e de igualdade perante a lei.
- **os direitos políticos**: referem-se ao exercício do poder, participação social e política do cidadão no processo político social, no governo da sociedade.
- **os direitos sociais**: são os mecanismos de garantia mínima de bem-estar econômico, de acordo com os padrões culturais da sociedade.

Para cada um destes direitos corresponde um conjunto de instituições que se aperfeiçoam à medida que estes direitos são estendidos à sociedade. No entendimento de Marshall (1967), somente com a consolidação dos direitos se fundamentam a democracia e a cidadania. É um processo ainda em desenvolvimento, que depende de fatores ligados ao contexto social, econômico e cultural de uma sociedade.

Marshall (1967) afirma que a preservação das desigualdades econômicas se tornou mais difícil pelo enriquecimento do *status* da cidadania. O autor afirma, ainda, que o objetivo não é uma igualdade absoluta, mas um movimento que “opera em parte, através da cidadania e, em parte, através do sistema econômico. Em ambos os casos, o objetivo consiste em remover desigualdades que não podem ser consideradas como legítimas” (MARSHALL, 1967, p. 109).

As reflexões de Marshall (1967) acerca da cidadania tiveram como base de estudo o modelo da sociedade inglesa, no qual os processos de conquista de direitos civis, políticos e sociais tiveram como períodos formativos, respectivamente, os séculos XVIII, XIX e XX. Segundo o autor, foi a partir do exercício dos direitos civis, que os ingleses passaram a reivindicar direitos políticos e, consequentemente, com uma maior participação dos movimentos operários e a criação do Partido dos Trabalhadores, conquistaram os direitos sociais.

A cidadania na visão clássica é um conjunto de direitos e deveres que gera uma condição de *status* social. Assim, "a cidadania é um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status" (MARSHALL, 1967, p. 76). São cidadãos os detentores desses *status*. Segundo Paulo Freire (2001, p. 25), "cidadão significa indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem a ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão" Para o autor, a conscientização crítica do indivíduo e da sociedade passa, necessariamente, pelo ato político da educação. A educação precisa assumir sua politicidade, afirma Freire (2001).

Para Carvalho (2002), o conceito de cidadania é amplo e complexo e, em geral, está relacionado aos direitos civis, políticos e sociais. O cidadão pleno seria o titular dos três tipos de direito. Uma definição mais completa incluiria, além da noção de participação, as dimensões de titularidade de direitos e a de pertencimento a uma comunidade cívica.

Na compreensão de Bobbio (2004), atualmente, não são os problemas do fundamento dos direitos que é urgente, e sim, as formas de garantia deles. Segundo o autor, a "era dos direitos", dos problemas do fundamento dos direitos humanos teve sua solução com a Declaração Universal dos Direitos do Homem aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1848. Neste sentido, a constitucionalização não garantiu a efetivação, nem a expansão da cidadania. É necessário que haja conscientização crítica do indivíduo e da sociedade em relação a seus direitos que, segundo Bobbio, deve ser no sentido de protegê-los e nem tanto de justificá-los. Assim, o problema fundamental do direito do homem trata-se de um problema político e não filosófico.

A cidadania assume diferentes concepções nos diversos períodos de transformação da sociedade. Seu desenvolvimento coincide com o desenvolvimento do capitalismo, a partir do século XVIII, com os movimentos de lutas de classes, por conquista de direitos. Segundo Carvalho (2002), uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal Ocidental e talvez inatingível. Para o autor,

> a construção da cidadania tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a nação. As pessoas se tornavam cidadãs à medida que passavam a se sentir parte de uma nação e de um Estado. Da cidadania como a conhecemos fazem parte, então, a lealdade a um Estado e a identificação com uma nação. As duas coisas também nem sempre aparecem juntas. […] Em geral, a identidade nacional se deve a fatores como religião, língua e, sobretudo, lutas e guerras contra inimigos comuns. A lealdade ao Estado depende do grau de participação na vida política. A maneira como se

> formaram os Estados-nação condiciona, assim, a construção da cidadania (CARVALHO, 2002, p. 12).

Entretanto, a condição de cidadão está relacionada com a qualidade social, a garantia dos direitos e deveres majoritariamente reconhecidos. Relaciona-se, ainda, com o sentimento próprio de valor que é formado em cada indivíduo, e com o reconhecimento social do indivíduo pela sociedade.

Neste sentido, cada indivíduo para manter seu *status* de cidadão necessita de instituições que reconheçam e assegurem seus direitos e deveres perante a sociedade, exigindo compromisso e mútua responsabilidade de seus membros. Ou seja, além da legitimidade da lei, a cidadania depende do empenho e da participação do cidadão.

2.2 Cidadania no Brasil.

No Brasil, a natureza da cidadania difere do modelo inglês pelo menos em dois pontos: primeiro, por atribuir maior ênfase aos direitos sociais, classificados como de segunda geração, que precederam os outros dois direito, civis e políticos – de primeira geração. A inclusão dos direitos sociais a partir de 1930, no período Vargas, deu-se em um contexto em que os direitos políticos e civis estavam sendo consolidados como conquistas da sociedade, restritos, porém, aos trabalhadores urbanos com carteira assinada, cuja profissão o estado reconhecia oficialmente. O segundo ponto refere-se à alteração na sequência em que os direitos foram adquiridos. O processo de democratização e conquista da cidadania, além de ocorrer de forma inversa do modelo inglês, teve sua introdução tardia no Brasil, atravessando caminhos tortuosos, não tendo, ainda, atingido sua plenitude (CARVALHO, 2002). Assim, a cidadania surgiu, no Brasil, pela intervenção autoritária do Estado na vida dos indivíduos, o que se deu, segundo Carvalho (2002), com a “doação dos direitos”, com a ênfase aos diretos sociais e com a alternância da sequência em que os direitos foram adquiridos, fatores que alteraram a natureza da cidadania.

Foi somente com a Constituição de 1824 que os direitos foram formalmente legalizados no país, fato que contrastava com o terror da escravidão, cujos resquícios ainda podem ser sentidos até hoje. A escravidão, talvez, tenha sido o grande entrave na afirmação da cidadania. Embora se reconheça que cidadania não seja algo que se possa outorgar, no Brasil a questão da cidadania tem sido construída em parte, por esta via. Este fato

compromete não somente a compreensão do conceito "cidadania", mas, sobretudo, o processo de sua realização em sentido mais amplo.

Segundo Carvalho (2002), desde a independência do país, em 1822, até o final da Primeira República, em 1930, a única alteração importante do ponto de vista do progresso da cidadania foi a abolição da escravidão, em 1888.

Carvalho (2002) avalia que o ano de 1930 foi divisor de águas, pois houve aceleração das mudanças sociais e políticas. Além da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o autor pontua que a Constituição de 1934 consagrou a competência do governo para regular as relações de trabalho, confirmou a jornada de oito horas e determinou a criação de um salário mínimo (SM) para atender às necessidades de um chefe de família. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) teve impacto profundo nas relações entre patrões, empregados e Estado, lembra o autor.

Este processo de desenvolvimento da cidadania intensificou-se com o fim da ditadura militar em 1985, consolidando-se após a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF/88), “a Constituição Cidadã”. Assim, o direito de expressão e comunicação está afirmado no artigo 220 da Constituição Federal de 1988, com a seguinte afirmação: “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observando o disposto nesta constituição”. A CF/88 assegura, ainda, o direito de informar e ser informado (BRASIL, ano).

A partir do processo de redemocratização iniciado em 1988, o entusiasmo tomou conta do país. O conceito de cidadania se popularizou. Renascia a esperança de expansão dos direitos civis, políticos e sociais. Muito, entretanto, ficou somente no papel, principalmente a construção de uma educação nova, voltada para a formação integral, capaz de despertar a consciência para reivindicar melhoria na qualidade de vida, melhores condições de trabalho, salário justo e a conscientização para participação nas questões sociais (CARVALHO, 2002).

A questão da cidadania ganhou projeção, despertando entusiasmo e euforia. Pensava-se que com a democratização do país os problemas da cidadania fossem ser resolvidos. Segundo Carvalho, não passou de ingênuo entusiasmo, pois a redemocratização não foi suficiente para resolver

> problemas centrais de nossa sociedade, como a violência urbana, o desemprego, o analfabetismo, a má qualidade da educação, a oferta inadequada dos serviços de saúde e saneamento, e as grandes desigualdades sociais e econômicas ou continuam

> sem solução, ou se agravam, ou quando melhoram, é em ritmo muito lento (CARVALHO, 2002, p. 8).

Os direitos sociais, ou de bem-estar social, dependem de uma eficiente atuação do Estado. No caso do Brasil, como os direitos sociais precederam os direitos civis e políticos, criou-se uma relação de dependência e regulação entre a sociedade civil e o Estado, diminuindo a participação da sociedade civil no processo político. Essa dependência trouxe consequências tanto nas formas de participação dos cidadãos na vida política, quanto no adiamento de maior atenção aos direitos de primeira geração, que ganharam destaque com a Constituição de 1988, a Constituição cidadã.

Ser cidadão na contemporaneidade, entre outras questões, é ter direitos e deveres ainda que tais direitos estejam mais no plano da legalidade que da realização. Direitos à vida, à liberdade, à igualdade. É, também, poder participar do destino da sociedade, votar e ser votado, ter direito à saúde, à educação, ao trabalho, a um salário justo e envelhecer com dignidade, entretanto, tudo isso não se realiza de modo igual para a maioria das pessoas.

Marshall (1967) afirma que a educação é um direito social fundamental para a expansão dos demais direitos. Em muitos casos, sua introdução na sociedade não segue a mesma sequência dos outros direitos. A construção da cidadania acontece de forma mais rápida com a contribuição da educação popular.

Como forma de garantir uma educação de qualidade e de direito, tivemos a promulgação da Constituição de 1988, que sinaliza para uma educação cidadã; e a homologação da LDB n. 9394/96, que assegura, sob os princípios de liberdade e ideais de solidariedade humana, que a educação deverá promover o desenvolvimento pleno do educando, preparando-o para o exercício da cidadania. Em 1997, a educação brasileira ganha um reforço, no que diz respeito a subsídios teóricos para o planejamento do professor, com a edição dos *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)*, com o objetivo de apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres (BRASIL, 1997). A CF/88, a LDB e os PCN são aparatos legais que fundamentam as políticas educacionais para a promoção da educação para a cidadania.

As políticas assistencialistas de doação de direitos, implementadas nos últimos anos no País, no entanto, não contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, como afirma Carvalho (2002). Dentre estas políticas, destacam-se as

educacionais atreladas a questões financeiras, as quais tomam resultados de avaliações quantitativas como parâmetro de qualidade da educação.

2.3 Mídia e cidadania: uma matriz de cultura

O século XXI inicia-se com grandes desafios para os campos da educação e da comunicação e nos provoca no sentido de refletirmos acerca do que o homem faz com os meios de comunicação e suas mensagens. Questões desta natureza têm sido amplamente discutidas e investigadas por autores como Martin-Barbero (2009), Orozco (2005), Penteado (2001), Porto (2001), Setton (2010), Orofino (2005), Citelli (2010), Baccega (2009), Toschi (2009), dentre outros.

Pensar em cidadania nos remete às mudanças sociais ocorridas nas três últimas décadas, dentre elas a "revolução tecnológica" e seus desdobramentos nos campos da comunicação e da educação. Levy (2003) alerta para a discussão a respeito da característica de uma sociedade civil planetária, na qual o ciberespaço aparece “muito mais inclusivo do que os outros meios de comunicação anteriores. Ele permite a expressão pública a todos os indivíduos, grupos, instituições e comunidades” (LEVY, 2003, p. 375). O autor afirma, ainda, que “estas ágoras virtuais contribuem para desenvolver uma cultura de diálogo, pois reúnem os internautas por temas de debate, habituando-os a trocar ideias com cidadãos que não partilham suas ideias” (LEVY, 2003, p. 381). Se os atuais meios de comunicação tendem a ser mais inclusivos, conforme afirma Levy, isso significa que o desafio do professor, de certo modo, já está delineado, ou seja, não é uma questão de acesso, mas, sim, de uso dos meios como mais uma das possibilidades de construção de conhecimento e de realização da cidadania e da emancipação do homem.

De acordo com Morigi e Rosa (2004, p. 82),

> a mídia, entendida como um espaço discursivo representa talvez a principal esfera de produção de sentidos a partir da qual também se pode construir a cidadania. Exerce assim uma função social, podendo remodelar os processos sociais e as práticas culturais, potencializando informações vinculadas à educação e voltadas para a formação da cidadania

Nesta perspectiva, a comunicação midiática possibilita a elaboração de muitos dos discursos tidos como legítimos na atualidade. Segundo Morigi e Rosa (2004, p. 84) “no espaço público midiatizado, os campos e atores sociais confrontam-se com uma difícil e

simultânea convivência entre inclusão e exclusão, liberdade e coação, autonomia e dependência". Este campo, embora complexo e nebuloso, no nosso entendimento é um campo que nos desafia a buscar o aprofundamento e a ampliação da compreensão acerca da natureza dos meios, de seus conteúdos e impactos na formação das pessoas.

Para Setton (2010), as grandes transformações ocorridas nos dois últimos séculos têm como consequência principal o fenômeno midiático, colocando as mídias em destaque, não só pela imponente presença em nosso cotidiano, mas pelas mudanças culturais e seu impacto nas questões educacionais.

Thompson (1998) traça o perfil das transformações que ele chama de organização social e poder simbólico. Procura mostrar que o desenvolvimento dos meios de comunicação, desde a mais remota forma de impressão até as recentes comunicações eletrônicas, surge como parte integral da sociedade moderna. Para o autor, o desenvolvimento dos meios de comunicação se entrelaça, de maneira complexa, com outros processos, de tal forma que, considerado em sua totalidade, constitui o que se chama "modernidade". Processo que leva o autor a definir a mídia como fundamentalmente "cultural", pois se ocupa, ao mesmo tempo, com aspectos significativos das formas simbólicas e com a contextualização social.

Para Setton (2010, p. 13), entender as mídias como uma nova matriz de cultura é

> considerá-las um sistema de símbolos com linguagem própria distinta das demais matrizes de cultura (imagem, som, texto e a mistura de todas eles) que compõem o universo socializador do indivíduo contemporâneo. [...] Além disso, engloba as mercadorias culturais com a divulgação de produtos e imagens e os meios eletrônicos de comunicação, ou seja, jogos eletrônicos, celulares, DVDs, CDs, TV a cabo ou via satélite e, por último, os sistemas que agrupam a informática, a TV e as telecomunicações – computadores e redes de comunicação.

A autora, ao tratar da relação das mídias com a educação, ressalta a importância de analisar a cultura das mídias como um estudo integrado das formas simbólicas, originárias de um processo historicamente específico, que se constitui de formas simbólicas produzidas, difundidas e consumidas pela sociedade. A autora afirma que compreender a cultura midiática pode ser um caminho para entender a sociedade em que vivemos. Se a compreensão da cultura midiática nos auxilia na compreensão da sociedade em que vivemos, então, pode-se inferir que, nos auxilia, também, a entender seu papel nos processos de ensino e de aprendizagem.

Para Guareschi (2006), a mídia é um fenômeno abrangente e penetrante, e nada escapa dela, pois tem sempre algo a dizer a qualquer instância da sociedade moderna,

perpassando situações individuais e sociais, possuindo um papel fundamental e sempre crescente por suas formas simbólicas. Segundo o autor, a comunicação é o instrumento e a relação fundamental para concretização destas trocas simbólicas.

Guareschi (2006) afirma, ainda, que a informação e a comunicação foram os grandes responsáveis pela geração das novas tecnologias, e é a informação o novo propulsor do desenvolvimento da produtividade do sistema capitalista de hoje. Segundo o autor, houve um tempo em que a terra era a fonte da produtividade; depois foi a fez da indústria se responsabilizar pelo desenvolvimento. Hoje,

> o modo de desenvolvimento fundamental, isto é, o fator de produtividade primordial, é a informação. Quem detém a informação, detém o fator central de desenvolvimento. A internet, por exemplo, está modificando a forma como as pessoas se relacionam, como aprendem, como compram, como consultam médico e até mesmo como as pessoas fazem sexo (GUARESCHI, 2006, p. 29).

Diante desta abrangência midiática, Setton (2010) formula as seguintes questões: estaríamos vivendo em um mundo em que a difusão e a rapidez da informação, em termos globais, levariam toda a sociedade a se tornar homogênea, ou seja, uma sociedade em que todos pensariam igualmente? Estaríamos vivendo sob o domínio e o interesse de uma grande máquina de sentidos, que seriam as mídias? Ou diferenças locais, sociais, éticas etc. seriam os filtros de formas diferenciadas de recepção, apropriação e compreensão dos sentidos e valores propostos?

A autora afirma não acreditar em uma leitura apocalíptica sobre nossos destinos. Acredita nos processos de reapropriação e ressignificação dos sentidos e conteúdos da cultura das mídias. O que nos leva a concluir que os consumidores dos produtos midiáticos não são passivos. Ou seja, os conteúdos das mensagens são interpretados pelos sujeitos a partir do referencial cultural e dos valores adquiridos em outras instâncias socializadoras.

Setton (2010) entende a mídia como aparato simbólico e material de caráter cultural, com uma produção de cultura que, veiculada pelos diversos meios, possibilita a disseminação de modelos de estilos de vida, ideias e referências de padrões de comportamento. Neste sentido, a autora relaciona as mídias com a educação, por considerá-las agentes sociais da educação, e desenvolverem no mundo contemporâneo funções educativas e de socialização. Trata-se de um tema interdisciplinar, complexo e controverso.

Segundo a autora, as mídias

> junto com a família, a religião e a escola, funcionam como instâncias transmissoras de valores, padrões e normas de comportamentos e também servem como referências identitárias. [...] As mídias, então, são tão poderosas quanto seus companheiros de prática pedagógica, como a família e a escola, por exemplo. A particularidade do mundo contemporâneo é que essas instâncias vivem hoje em uma tensa e intensa rede de interdependência com as outras agências socializadoras, agindo simultaneamente na formação moral e cognitiva do indivíduo na atualidade (SETTON, 2010, p. 8).

É importante que os professores e os comunicólogos compreendam a importância da mídia na formação cultural das crianças, jovens e adultos, pois cada vez mais, ela tem transmitido saberes, novos padrões de comportamento e produzido sentidos.

> Para Martin-Barbero, no campo da cultura, o erudito, o massivo e o popular não podem mais ser compreendidos separadamente, visto que nas sociedades contemporâneas a mídia, ela própria, se constitui em um elemento de cultura que, ao transformar os modos anteriores, se constitui ela própria em uma nova forma cultural. O que é importante para nós educadores é compreender como estas novas formas culturais sustentam velhos conteúdos e os preconceitos de classe, gênero, orientação sexual, étnicos, geracionais, entre outros (OROFINO, 2005, p. 59).

Para Orofino (2005), a relação entre mídia e educação pode acontecer de várias formas, sendo de complementaridade ou de ruptura. Como instâncias educativas, mídias e educação podem ser aliadas ou viver em constante conflito, mas, podem conviver e coexistir desenvolvendo práticas comuns ou discordantes. Diante desta perspectiva, a autora afirma que não se pode mais conviver com discussões simplistas que atribuem uma importância irreal às mídias sem a devida compreensão da complexidade das relações que elas mantêm com outras instâncias e situações da vida dos sujeitos.

Na perspectiva de utilização de recursos midiáticos nos processos educativos, surge um novo campo de diálogo, de crítica, de pesquisas e estudos: um novo campo de interface de abrangência entre comunicação e educação. Este ângulo comunicacional educativo possibilita uma formação crítica frente às mídias, em uma perspectiva de construção e afirmação da cidadania, e de valorização da cultura.

Neste sentido, a escola não pode isentar-se da responsabilidade social. Como agente de socialização que é, deve discutir, orientar e mediar as trocas de saberes presentes nas múltiplas linguagens midiáticas.

A educação, hoje, deverá atender às exigências sociais do mundo globalizado, oferecendo uma formação para e pela cidadania e a dignidade humana. Para isso, a educação não pode ficar às margens do desenvolvimento dos meios de comunicação. Pelo contrário,

deve-se apegar a essa mola propulsora da evolução tecnológica para tornar-se um espaço de apropriação dos saberes que levam à formação da ética e da cidadania, que transcendem o individualismo e o egoísmo, o espaço e o tempo, que atendem às demandas de "toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura" (MORIN, 2000, p. 13).

Estas reflexões são importantes e contribuem para entender a sociedade e os processos de comunicação e de educação, principalmente, quando atribuem a construção e reprodução da vida social à interação dos processos de comunicação e aprendizagem, legitimando as práticas cotidianas que constituem a cultura. Os processos de aprendizagem e de apropriação do conhecimento passam a ser repensados e entendidos, também, como processos de comunicação.

Por isso, a questão não é mais discutir a inserção ou não das TICs na educação, mas sua apropriação, pelos sujeitos pedagógicos (alunos e professores), no sentido de promover melhoria na qualidade dos processos educativos e, consequentemente, da aprendizagem. Para tanto, é necessário discutir, compreender e avaliar a importância da comunicação nos processos educacionais.

Os processos midiáticos são atos de troca que exigem negociação de informações. As mídias são consideradas como agente do diálogo e da mediação com seus consumidores e tem como característica os atos da reciprocidade e da troca de mensagens, códigos e saberes. Assim como a prática pedagógica docente, as mídias exprimem uma ideia, um conteúdo, e possuem a intenção de transmitir, divulgar conhecimentos, habilidades e competências (SETTON, 2010).

Percebe-se, em nossa prática pedagógica, que as crianças e adolescentes, mesmo estando na condição de "nativos digitais"[4], com facilidades de lidar com as mais complexas tecnologias, necessitam passar por um processo de letramento digital. São consumidores compulsivos de inúmeras tecnologias e mídias, muitas vezes sem compreender que são recursos, ferramentas ou interfases para a aprendizagem. Para eles, é comunicação e entretenimento. Da mesma forma, os professores, também, consomem essas mesmas mídias e tecnologias, porém, não as reconhecem e, às vezes, as rejeitam como recurso didático capaz

---

[4] Gerações que cresceram com as novas tecnologias. Eles passam a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001).

de dinamizar o cotidiano da sala de aula, como instrumentos de mediação dos processos de ensino-aprendizagem, o que aproximaria sua prática da realidade de seus alunos.

Segundo Citelli (2010), as influências exercidas pelas mídias devem ser olhadas em contextos culturais mais amplos e vistas como a singularidade técnica e tecnológica que marca a contemporaneidade. Para o autor, devemos fugir das visões moralizantes e do encantamento acrítico que atribui à tecnologia certo messianismo, como se ela, por si só, resolvesse os problemas pedagógicos da educação.

As transformações têm ocorrido de maneira contínua e com tal rapidez que dificulta não só nossa compreensão deste fenômeno, mas, também, o enfrentamento de velhos paradigmas, pois mudam-se as formas de interação e de adaptação ao mundo.

É inegável que as mídias realizam um tipo de educação diferente do sistematizado pelos sistemas educacionais, entretanto, Guareschi e Biz (2005) mostram que a função da mídia é distinta da educação, não sendo possível exigir as mesmas responsabilidades. A instituição escolar deve abrir-se para a multiplicidade da realidade, interagindo com outras instituições sociais para se tornar mais interessante para os alunos. Para isso, a escola deve modificar a filosofia e a metodologia educativa, aproveitando, assim, as novas tecnologias (Orozco 2005).

É preciso reconhecer que, apesar de não ter a mesma função que a escola, as mídias apresentam um potencial educativo, à medida que empresta aos projetos pedagógicos suas múltiplas linguagens. É fundamental, entretanto, avançarmos na compreensão de que as mudanças devem ultrapassar os aspectos técnicos do uso, ou seja, devem extrapolar o uso instrumental, de forma a possibilitar a descoberta de um novo *sensorium*, um espaço de emancipação, apropriação e de construção do conhecimento, em que os sujeitos pedagógicos (professor e aluno) participam ativamente.

Apropriar-se desta compreensão – de que as mídias podem contribuir para a cidadania – é a essência da inserção das mídias na educação, pelo menos, em dois aspectos: o acesso e a democratização consciente da comunicação e informação; e a mediação do imaginário e do real, e do ético e do estético (BELLONI, 2009).

Segundo Martin-Barbero (2005), na sociedade contemporânea, as mídias configuram-se como um novo espaço público e de cidadania. Trata-se de uma nova cidadania e de um novo espaço público, recheado de uma pluralidade de atores e de leituras críticas que convergem para um compromisso emancipador. Impulsionada pelas tensões provocadas pelas

mutações tecnológicas, a comunicação começou a ocupar um lugar estratégico nos novos modelos de sociedade. Trata-se de um direito de todos, “oxigênio democrático”, mesmo estando sob gestão da esfera privada (MELO; TOSTA, 2008).

Morigi e Rosa (2004) afirmam que a relação entre informação e cidadania não acontece somente a partir do acesso e da utilização de informações. Segundo as autoras, para que a informação seja capaz de contribuir na construção de espaços sociais de cidadania, dois movimentos básicos são necessários. O primeiro, está relacionado com o polo de produção da informação, que dever ser produzida para a ação política. O segundo, diz respeito ao polo da recepção, exigindo do cidadão uma postura ativa, no sentido de não apenas receber, mas de analisar criticamente as informações.

Segundo estes autores, a relação entre cidadania e informação depende da capacidade do receptor utilizar suas representações simbólicas de experiências vividas e de informações recebidas, que serão transformadas em discursos de sua realidade. Assim, “na relação entre informação e a cultura, as experiências da vida cotidiana se estreitam através da comunicação” (MORIGI; ROSA, 2004, p. 87).

Nesta perspectiva, observa-se que entre os meios de comunicação, o rádio apresenta características que favorecem a questão da cidadania. Em relação à participação, Bertolt Brecht (2005) já vislumbrava a ideia de uma comunicação voltada para o coletivo, que atendesse às necessidades da sociedade. Para o autor, o rádio deveria funcionar em dupla direção, ou seja, um canal de emissão e transmissão de informações, mas que, também, permitisse a participação do ouvinte na programação.

A abrangência e o potencial de produção e circulação de informações colocam as mídias, na opinião de muitos, como um quarto poder, por meio do qual o cidadão busca as soluções para problemas não resolvidos pelo Estado. Para Melo e Tosta (2008), entretanto, a mídia não é bem um quarto poder, pois, para isso, ela deveria se sobrepor aos outros poderes constituídos (Legislativo, Executivo e Judiciário), que a monitoram, na tentativa de evitar que se torne um poder paralelo.

Segundo Melo e Tosta (2008, p. 38) é crescente o movimento chamado “vigilância cidadã”. Trata-se da vigilância midiática exercida pela cidadania, em que o cidadão sabe do poder que tem, podendo em “certas circunstâncias, calar a boca da mídia”. Significa que o cidadão se manifesta contra ou a favor de uma causa disseminada pela mídia. Segundo os

autores, mesmo não conseguindo despertar o interesse, ou obter sucesso, os cidadãos podem levantar o problema.

Para Orofino (2005), a escola precisa de uma pedagogia que responda às expectativas do tempo histórico no qual está inserida. Segundo Paul Willis (1990), citado por Orofino,

> as mídias culturais onipresentes da era eletrônica fornecem um vasto leque de recursos simbólicos e são um poderoso estimulante para o trabalho simbólico e criativo dos jovens. As mídias ajudam a mediar as novas possibilidades de uma cultura comum. [...] As mídias penetram virtualmente quase todas as suas atividades mais criativas. Mas na mesma medida em que as mídias convidam a certas interpretações, os jovens não apenas aprenderam seus códigos mas aprenderam a brincar com a interpretação desses códigos, a recriar formas, a inter-relacionar a mídia com sua própria estética de base. Eles acrescentam e desenvolvem novos significados àqueles que lhes são dados (WILLIS, 1990, apud, OROFINO, 2005, p. 132).

Para Orofino (2005), a escola como local de encontro de "muitas culturas", é, também, o espaço das mediações, que se dão por meio das trocas de saberes entre os pares, nos pátios, em jogos e brincadeiras, nas conversas informais. Entretanto,

> a escola subestima esta condição e deixa este papel social relegado ao espontaneísmo do dia a dia, sem potencializar sua condição mediadora e sem assumir a responsabilidade sobre isto. Desta forma a escola torna-se muito mais um espaço de mediação *situacional* do que *institucional*. Uma vez que as mediações ocorrem muito mais no pátio da escola do que na sala de aula (OROFINO, 2005, p. 65, grifos do autor).

A autora alerta, contudo, que, ao concordarmos com esta condição, corremos o risco de nos aproveitarmos de uma situação mais cômoda, porém, de forma menos responsável. Para ela, na condição de educadores críticos, devemos assumir a responsabilidade institucional da escola nestas mediações, ampliando as possibilidades de ressemantização, diálogo, debate e resposta sobre o que os alunos recebem, diariamente, da mídia.

Martin-Barbero (2005) discorre sobre um ambiente de informação que recebe e mistura vários saberes e diversas formas de aprender. Um saber disperso e fragmentado que circula fora dos lugares sagrados que antes o detinha.

> A escola está deixando de ser o único lugar de legitimação do saber, já que há uma variedade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. A diversificação e a difusão do saber, fora da escola, são dois dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação propõe ao sistema educativo. Saberes-mosaico, […] que está acarretando na escola, não uma abertura a esses novos saberes, mas, sim, uma posição defensiva, e a construção de uma ideia negativa e moralista de tudo que a questiona em profundidade, desde o ecossistema comunicativo das mídias e das tecnologias de comunicação e informação (MARTIN-BARBERO, 2005, p. 56).

A afirmação de Martin-Barbeiro intensificou-se nas duas últimas décadas do século XX, com a evolução dos meios de comunicação. Estas mudanças abalam as estruturas fechadas que constituem nosso sistema educacional. Segundo Valente (1999), a educação sofre e se adequa às concepções paradigmáticas segundo as quais vive a sociedade. Assim, ela passa pelas mesmas transformações que outros segmentos da sociedade civil.

Na educação escolar, o desafio é consolidar a escola como um espaço de compreensão e apropriação das multifacetadas linguagens provenientes das mutações tecnológicas que caracterizam a contemporaneidade.

Diante das questões expostas, considera-se cada vez mais necessário ampliar as discussões em torno da relação entre mídia e educação, um desafio – para os sistemas de ensino, a escola e o professor – que consiste em compreender

> que o tempo dedicado ao consumo da mídia é superior àquele preenchido pela escola, no conjunto da população em idade escolar, ***logo***, vale a pena refletir sobre a natureza da educação coletiva implícita nesse espaço que McLuhan chamou apropriadamente de aula sem paredes (MELO e TOSTA, 2008, p. 79, grifo nosso).

A partir das afirmações de Melo e Tosta (2008), observa-se na experiência do projeto *Rádio Escola Roda Pião,* esta possibilidade – pelo menos no campo das ideias – na qual alunos participantes têm a oportunidade compreender a dinâmica da produção midiática, ampliando sua consciência crítica em relação às mensagens que circulam nas mídias.

Considerando que a mídia constitui-se em um novo espaço público e de cidadania, principalmente com o crescimento dos *sites* de redes sociais, entendemos que a consolidação deste novo *sensorium* passa necessariamente pela conscientização crítica e criativa dos usuários (receptores), e que o caminho mais propício para se alcançar esta consciência seja a escola. Mas, para isso, é necessária a formação continuada de professores, valorizando a reflexão sobre a ação pedagógica, de modo que as habilidades operacionais não sejam tomadas como a centralidade do processo educativo das mídias em sala de aula.

2.4 Rádio na educação: uma proposta de uso pedagógico

A discussão a respeito da utilização do rádio, como meio de comunicação democrático e instrumento de cidadania, teve início quando esta tecnologia começava a

construir sua linguagem, momento em que o dramaturgo, poeta e teórico alemão, Bertolt Brecht, já vislumbrava o potencial, as características e os recursos que mais tarde se evidenciariam.

Entre 1927 e 1932, Bertolt Brecht elaborou análises e apontamentos, reunidos em *Teoria do Rádio,* assuntos que permanecem atuais, provocam diálogos e colocam o dramaturgo como o primeiro pensador a perceber e deslumbrar o papel estratégico do rádio, suas potencialidades de comunicação e sua função social. Brecht percebia o rádio como um instrumento que, ao mesmo tempo, transmite e recebe mensagens.

Neste sentido, Brecht reivindicava a transformação deste aparelho de transmissão em um verdadeiro instrumento de comunicação. Em suas sugestões aos diretores artístico do rádio, alertou que "deveriam tentar fazer do Rádio uma coisa realmente democrática. [...] deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais com os aparelhos e não se limitar à reprodução ou à informação" (BRECHT, 1981, apud, ZUCULOTO, 2005, p. 3). Com esta visão, ele reconheceu e clamou pelo uso do rádio de forma a proporcionar a democratização da comunicação, tornando significativos os acontecimentos atuais e não limitando-se à reprodução e à informação. Evidenciava preocupação com o conteúdo do rádio, reclamava que a burguesia, que inventou o rádio, também, inventasse outra coisa, um invento que fosse possível estabelecer o que se pode transmitir pelo rádio.

> Gerações posteriores teriam, então, a oportunidade de ver assombradas como uma casta, ao mesmo tempo tornando possível dizer a todo o globo terrestre o que tinha que dizer e fazendo possível, também, que o globo terrestre visse que nada tinha para dizer. Um homem que tem algo para dizer e não encontra ouvintes está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer (BRECHT apud ZUCULOTO, 2005, p. 2).

Brecht (2005) visualizava o rádio como um instrumento capaz de proporcionar voz à sociedade, retratando seu cotidiano, suas expressões e sua cultura, constituindo um verdadeiro veículo para o exercício de afirmação da cidadania.

No Brasil, o rádio surge no início do século XX.

> [...] os primeiros experimentos radiofônicos, por extensão das experiências com o telégrafo sem fio, vão alterar o processo de interação social: a oralidade, antes circunscrita às relações interpessoais, agora será possível com a transmissão a longa distância, em situação midiática, para recepções horizontais e em um só tempo. O rádio chega ao Brasil em setembro de 1922, mas ganha desenvolvimento a partir do ano seguinte com a inauguração da Rádio Sociedade do Rio do Janeiro, por iniciativa pioneira de Roquette Pinto (GOMES, 2007, p. 4).

De acordo com Del Bianco (2000), rádio e educação sempre tiveram associados. Foi assim, com seu pensamento visionário, que Roquette-Pinto fundou, em 1923, a primeira emissora de rádio do Brasil, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, com o propósito de transmitir educação e cultura, e como estratégia de redução dos elevados índices de analfabetismo do País. Este espírito altruísta de Roquette-Pinto pode ser identificado pela sua reação, ao ouvir, pela primeira vez, em 1922 ,a transmissão de rádio do alto do Corcovado,:

> Na minha sala havia um mapa do Brasil. Meus olhos se cravaram naquela imensidade de terra, enquanto aquela voz longe cantava e dizia coisas e depressa passou no meu pensamento essas ideias: como é que a gente não aproveita isso para levar o pensamento por essa extensão de terra, levantando essa gente toda que está morrendo por aí afora de ignorância? (ROQUETTE-PINTO, 2002, p. 12).

Segundo Citelli (2010), este potencial educativo do rádio foi percebido a princípio por dois educadores, Roquette-Pinto e Anízio Teixeira, que viam no veículo radiofônico uma possibilidade de reverter o quadro de abandono em que se encontrava a educação formal brasileira. Compreende-se que

> educar é transformar, criar mundividências, desenvolver competências, facultar a constituição de pontos de vista, de inteligibilidade acerca dos fenômenos que circundam os homens e a história. E o rádio tinha o que fazer nesse projeto, para usar linguagem contemporânea, político-pedagógica, e visava promover um salto de qualidade no País e na sua gente (CITELLI, 2010, p. 74).

Diante deste otimismo de Roquette-Pinto e Anízio Teixeira, foi criada em 1934, a *Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro*, emissora de caráter educativo, que divulgava conteúdos escolares e de natureza formativa em geral, utilizando a estratégia do ensino a distância.

As formulações de Brecht e Roquette-Pinto estavam certas a respeito do potencial e características do rádio. Dentre os meios de comunicação de massa, o rádio apresenta-se como um dos mais democráticos, não só pela abrangência, mas, pela linguagem simples e a facilidade de acesso pelo baixo custo dos aparelhos, possibilitando maior participação popular. Tem-se apresentado como um instrumento eficaz na promoção da cidadania, transmitindo informação e fortalecendo a luta popular pela conquista de direitos, assim como, participa ativamente no processo de construção de conhecimento.

Até a década de 1930, o rádio se manteve com a finalidade educativa e cultural, situação que muda, a partir de 1932, com a autorização do governo de Vargas para a veiculação de publicidade, o que deu ao rádio um impulso comercial e popular. Entre os anos

de 1920 a 1960 do século XX, o rádio foi o principal meio de comunicação de massa do Brasil. O crescimento e a popularidade do rádio, segundo Citelli (2010), atingiu o auge por volta de 1940 a 1950, período em que as condições sociais eram favoráveis à sua expansão, visto que aproximadamente 75% da população concentravam-se na zona rural, – além do vergonhoso índice de 80% de analfabetos – e tinham no rádio sua única fonte de informação.

Segundo o autor, neste ambiente com cultura de baixo letramento, em que predominava a interação face a face, o rádio atendia plenamente, provocando um equilibrado casamento da voz do enunciador com a audição dos enunciatários. Com isso, a radiodifusão passou a fazer parte da vida de grande parte da população, adquirindo caráter massivo, que permanece até os dias atuais.

Segundo Andrelo e Kerbany (2009), o rádio tem servido historicamente à educação, entretanto, parece ter atendido com mais eficiência às concepções mais conservadoras, em um processo centrado no professor/emissor e na transmissão de conteúdos estagnados, e em avaliações que valorizam a memorização de determinados conteúdos pelos alunos.

Para Del Bianco (2000), a maioria dos programas educativos nos primeiros tempos do rádio reproduzia o ambiente da sala de aula, como os cursos de Matemática, Português e Ciências. Segundo a autora, a experiência das Escolas Radiofônicas desenvolvida pelo Movimento de Educação de Base (MEB), na década de 1960, foi uma exceção à regra, uma vez que consistia em alfabetizar adultos e crianças, além de cuidar da conscientização para promover mudanças de atitudes, utilizando, para tanto, animadores populares que organizavam audições nas comunidades.

Mesmo com a proposta menos convencional das Escolas Radiofônicas, a pesquisa de Del Bianco (2000) relata que os baixos índices de audiência demonstraram que o rádio não era o meio adequado para exercer a educação formal, dado o fracasso das experiências de educação massivo-instrucional pelo rádio.

“A utilização do rádio não é ideal para educar, no sentido formal, porque na vida cotidiana das pessoas ele é percebido e utilizado como lazer e entretenimento nos intervalos entre o trabalho e os afazeres domésticos” (BURGOS, 1987 apud DEL BIANCO, 2000, p. 23). Embora não seja o instrumento ideal para a educação formal, o rádio pode e deve ser utilizado como meio de veiculação de conteúdos que propiciem a reflexão acerca da realidade.

Outras experiências de utilização do rádio na educação foram sendo implementadas. Na década de 1970, com o objetivo de superar as experiências anteriores surgiu o *Projeto Minerva*[5], que utilizava a radiodifusão para transmitir cursos de preparação para os exames supletivos de 1º e 2º grau, chamado Madureza. O *Projeto Minerva* era um programa radiofônico governamental de 30 minutos, de caráter informativo-cultural e educativo, de transmissão obrigatória em nível nacional. Segundo a autora, o programa também não conquistou o prestígio da audiência. "A experiência revelou-se negativa e contribuiu para fortalecer a idéia de que rádio educativo é chato, cansativo e desagradável" (DEL BIANCO, 2000, p. 23).

Isso porque, na percepção de Del Bianco (2000),

> os programas educativos institucionais, em geral, são considerados aborrecidos, de conteúdo parcial, meramente de propaganda governamental, em formato e estilo diferenciados dos padrões do rádio comercial e, o pior, sem periodicidade regular de produção e distribuição. Tê-los como parte de uma programação é sinônimo de baixos índices de audiência, e nenhuma emissora arriscaria seu prestígio levando ao ar algo de qualidade duvidosa (DEL BIANCO, 2000, p. 25).

Segundo a autora, na década de 1980, setores organizados da sociedade civil, à margem do processo educativo institucional, começaram a utilizar o rádio com finalidades cultural e política, atribuindo novo sentido a estes processos. Estas experiências de organizações populares e sindicais passaram a transmitir suas mensagens nas denominadas rádios livres ou rádios populares por alto-falantes. Para a autora, "além do caráter ***libertador*** de suas mensagens, esses setores mostraram novas e criativas formas de expressão e intercomunicação social, como a recriação da notícia, a recuperação da história oral da comunidade e a dramatização de situações do cotidiano" (DEL BIANCO, 2000, p. 24, grifo do autor).

Estas mudanças foram evidenciadas por McLuham (1964, p. 335), após a chegada da televisão. Segundo o autor, "um dos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação" o que possibilitou ao rádio se tornar um canal capaz de promover a participação e emancipação

---

[5] *Projeto Minerva*, Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação, fundamentados na Lei n. 5.692/71, que enfatizava a educação de adultos. O projeto Minerva foi transmitido obrigatoriamente em rede nacional, por emissoras de rádio, e seu objetivo era preparar alunos para os exames supletivos de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Este programa foi implementado como uma solução, em curto prazo, aos problemas de desenvolvimento econômico do país, já que visava preparar mão-de-obra qualificada.

social, contribuindo para a afirmação e expansão da cidadania. Seu caráter educativo, porém, deixou de ser sua finalidade principal, mesmo com a determinação da Portaria Interministerial n. 651 (BRASIL, 1999), que regulamenta o caráter educativo e cultural das emissoras de rádio.

A partir dos anos de 1990, o sistema educacional brasileiro sofreu reformas importantes, principalmente, considerando-se o advento das tecnologias digitais, cada vez mais presentes nas escolas. Segundo Andrelo e Kerbany (2009, p. 149), essas mudanças trouxeram novas exigências para o rádio na educação, "que devem ser transpostas do papel às práticas educativas – formar ouvintes críticos, cidadãos conscientes, pessoas com sensibilidade estética, ética, etc".

Talvez as afirmações de Del Bianco (2000) sejam o grande desafio na implantação de projetos de rádio escola, que procuram oferecer – mais do que informação e entretenimento, nos intervalos de aulas – uma nova linguagem, outras oportunidades de formação crítica, autônoma e emancipadora, dando nova significação aos processos educativos.

A elaboração de um projeto radiofônico educativo deve considerar vários fatores. Neste sentido, as autoras Andrelo e Kerbany (2009) apresentam em sua pesquisa *Gênero educativo do rádio* parâmetros para a construção de programas radiofônicos com finalidade educativa. Segundo as autoras, Barbosa Filho aponta como gêneros mais tradicionais no rádio: o jornalístico ou informativo, o educativo, o de entretenimento, o publicitário, o propagandístico, e o de serviço especial.

Para os programas educativos, o autor traz o seguinte formato, utilizado nas emissoras brasileiras:

> Gênero educativo-cultural: programa instrucional (parte de uma estrutura pedagógica que visa acompanhar os currículos aprovados pelos órgãos que regulam o ensino oficial, podendo ser suporte aos cursos de alfabetização, de ensino de idiomas e de disciplinas básicas e tendo como acessório material de apoio gráfico); autobiografia (o tema central é a vida de uma personalidade); documentário educativo-cultural (trabalha assuntos de cunho humanístico, como um movimento literário ou musical); programa temático (visa a discussão de temas sobre a produção do conhecimento) (BARBOSA FILHO, 2003 apud ANDRELO; KERBANY, 2009, p. 153).

De acordo com Andrelo e Kerbany (2009), os gêneros nem sempre apresentam uma tipografia clara, como o gênero jornalístico, ligado à veiculação de assuntos factuais; de

entretenimento, que busca promover a diversão dos ouvintes; e o publicitário, que objetiva a venda de determinado produto. Segundo as autoras, em alguns casos não há tanta clareza quanto à definição do gênero, por exemplo, um programa musical, pode ser informativo quando fala sobre o intérprete, o compositor e o ritmo, mas pode ser, também, de entretenimento. No caso dos formatos educativos, fica mais difícil essa tipificação. Um programa, por exemplo, que fale de ciência pode ser jornalístico ou educativo.

Para Gomes (2006), o rádio é um veículo de comunicação de massa que apresenta o sentido midiático da alteridade, por isso, antes de produzir um programa, o produtor deve ter a noção de que vai dizer alguma coisa a alguém, o que exige que o conteúdo seja interessante, inteligível e que possibilite catalisar a atenção do receptor do comunicado.

Nesse sentido, é preciso compreender que

> o fenômeno da recepção radiofônica supera o interesse de identificar no ouvinte o que ele sentiu ao sintonizar determinada emissora de rádio e acompanhar a programação, porquanto aí está imbricada a ideia do prazer como atributo que surge na interação com o produto radiofônico (GOMES, 2006, p. 3).

Para o autor, neste processo deve-se considerar a complexidade da interação midiática entre locutor, produto radiofônico e ouvinte.

Segundo Gomes (2006), a sonoridade de qualquer produto radiofônico provoca nos ouvintes determinados efeitos de recepção, localizados nas esferas racional, sensorial e emocional, de modo que são capazes de afetar as formas de aceitação e compreensão da escuta. Para isso, será preciso que o produto radiofônico alcance o ouvinte, criando no receptor um espaço dialógico mental, assegurando que a audiência aconteça.

Segundo Andrelo e Kerbany (2009, p. 160), para compensar a ausência de imagem, uma possibilidade é o uso da redundância, sem que isso se torne um pleonasmo. Neste sentido, as autoras apresentam alguns aspectos a serem observados, seja pela colocação de exemplos ou mesmo pelo som:

- Do ponto de vista da linguagem, é preciso respeitar as características da oralidade, também, os conceitos de estética radiofônica, incluindo a colocação de trilhas e efeitos sonoros diversos. Para se superar o limite da ausência de imagem, deve-se preocupar em direcionar a mensagem diretamente a um ouvinte e não falar para toda a audiência, tornando o programa impessoal. O tom de voz e a velocidade da locução, também, são importantes.

- Do ponto de vista do formato, não há praticamente restrições, a escolha vai depender dos objetivos a serem atingidos. Pode-se incluir a transmissão de uma aula, por exemplo, embora este não seja o modo mais adequado. Pode-se trabalhar com os formatos tradicionais do gênero educativo, mas, também, utilizar outros, como a dramatização, a revista, a simulação de um jornal, etc.
- Do ponto de vista do conteúdo, sabe-se que os assuntos podem ser os mais diversos possíveis. Um dos diferenciais do gênero educativo é o uso de saberes científicos para explicá-los e não do senso comum ou mesmo do conhecimento religioso. O importante é deixar claro ao ouvinte os objetivos do programa e o assunto que será abordado.
- No que diz respeito à funcionalidade, o tema escolhido deve ser relevante e as explicações dadas a ele devem considerar conhecimentos científicos. Os conteúdos não devem ser trabalhados de forma isolada, mas relacionados a práticas sociais. Os objetivos educativos do programa devem ser claros e divulgados à audiência.
- Quanto à expressão, é preciso transpor a didática para o meio radiofônico, respeitando alguns aspectos: utilizar uma locução clara, em tom calmo; recorrer à redundância, para permitir uma compreensão adequada; valorizar curtos trechos de silêncio, incentivando a reflexão; dar sugestões de leitura ou atividade, incentivando a pesquisa; e compor o programa usando os elementos da linguagem radiofônica, de forma a trabalhar a imaginação.
- A relação entre locutor e receptor deve ser privilegiada, nos momentos anteriores e posteriores à veiculação, mas, também, durante o programa, em nível discursivo. O modo de tratamento do texto deve utilizar a linguagem formal, mas deve ser atrativo, considerando a necessidade de uma audiência atenta, para que haja concretamente a construção de sentido.

Nesta percepção, o rádio na escola deixa seu *status* instrumental para tornar-se um verdadeiro aparelho de comunicação e de construção de conhecimento, como propôs Bertolt Brecht, pois, a proposta é de que o conteúdo produzido seja mais que informação, mais que comunicados, seja, verdadeiramente, uma ação comunicativa que supere sua dimensão instrumental. Com a participação no processo de produção dos programas de rádio – da elaboração da pauta à gravação – o aluno tem a oportunidade de compreender que

> a leitura e a produção desses textos conduz o aluno à compreensão das linguagens jornalística, radiofônica, televisiva e do computador (radiojornal, telejornal, jornal impresso e jornal ‘online’), levando-o a distinguir e compreender o discurso simbólico (ASSUMPÇÃO, 2001, p. 4).

Segundo a autora, a rádio escola, além de interagir e interferir no cotidiano pedagógico possibilita aos alunos a construção do conhecimento, a compreensão das linguagens, das culturas e da realidade social. Para isso, professores e alunos precisam compreender e dominar a linguagem radiofônica, compreender o verdadeiro papel do rádio na sociedade contemporânea e o seu papel no processo educativo, cultural e social. Nesta perspectiva,

> compreendendo o processo de comunicação de forma desmistificada, o aluno torna-se sujeito ativo da própria comunicação, produzindo as pautas que vão gerar as informações, editando e transmitindo as informações que ele mesmo construiu. A Rádio escola é cidadania, oralidade e escrita (ASSUMPÇÃO, 2006, p. 4).

Outra contribuição da rádio escola diz respeito ao processo de conversação, que segundo Meditsch (1997),

> distingue três bases de produção da fala numa sociedade letrada: a recitação (de um texto memorizado), a leitura em voz alta (de texto ou de números não memorizados) e a fala de improviso ou instantânea (que seria "a composição e codificação simultânea do texto sob a exigência de resposta imediata à audiência numa situação corrente"). A fala no rádio resulta de uma combinação destas três bases de produção (MEDITSCH, 1997, p. 6).

Para Marcondes Filho (2008), os filmes, a televisão, por trabalharem com imagens, trazem um imaginário já pronto, não possibilitando que fabriquemos em nossas cabeças este imaginário, pois apenas instalamos estas imagens em nosso repositório. Para o autor, esta é a diferença do rádio para as mídias que utilizam imagens.

> A informação pela rádio é mais penetrante que a da TV e a do jornal impresso, pois, diante desse aparelho, utilizamos apenas um de nossos sentidos e aquele em que as coisas calam mais fundo: a audição. Quando ouvimos, incorporamos o mundo externo dentro de nós (MARCONDES FILHO, 2008, p. 63).

Segundo o autor, o rádio pode ter forte poder persuasivo quando apresenta história, romances ou contos, quando descreve o passado; já a televisão, que também possui esse poder, necessita de um maior esforço, pois precisa considerar a situação de recepção do ambiente do receptor.

Ainda segundo este autor, construímos imaginários a partir do simbólico, e esta construção mental difere de pessoa para pessoa, sendo tão mais rica quanto mais cenas possuirmos em nosso repositório para imaginar tal situação.

O rádio, no processo de elaboração do conhecimento, por não trabalhar com imagens, tem uma função, talvez, até maior do que a própria televisão, que é imagética. Na verdade, a elaboração da imagem inicia-se dentro da cabeça. Logo, o rádio é capaz de provocar o imaginário do aluno muito mais que a própria televisão, já que ela oferece a imagem de antemão. O rádio, ao contrário, vai provocar o imaginário e a criatividade, o que, normalmente, a televisão não possibilita. Ao mostrar um acidente em determinada região, por exemplo, a televisão já exibe a imagem. O rádio, por sua vez, convida o ouvinte a estabelecer este imaginário e, se for o caso, até criar uma curiosidade para poder estar ali e ver o que está acontecendo. Esta foi a reflexão feita por um dos gestores do projeto *Rádio Escola Sem Fronteiras*, ao propor o uso do rádio como estratégia de ensino-aprendizagem.

Para Gomes (2006), a linguagem falada, ainda que o locutor venha a se apoiar em texto escrito, ao narrar o espaço simbólico que resulta deste processo, permite a inserção de componentes que vão além do simples gosto por ouvir rádio. Segundo o autor, na ausência de imagens eletrônicas, o rádio passa a evocar situações próprias do imaginário do ouvinte.

> Por imaginário, entendemos o processo de cognição que decorre da capacidade de fantasiar, criar e representar imagens mentais. O imaginário é, por natureza, a faculdade que evoca situações ausentes ou distantes, reais ou fictícias, presentificando-as no universo mental do sujeito. Assim, há uma transferência simbólica de sentidos que transgride o comum, o real, o natural, e subverte os eventos factuais, de forma voluntária ou não, para uma situação fantasiosa. Na sua origem, o ato de fantasiar pode ser encarado como um fingimento da realidade, efeito mimético que tem em seu conteúdo os mecanismos próprios capazes de permitir a criação de imagens internas, as quais fogem do absoluto, do concreto, do tangível (GOMES, 2006, p. 1).

Esta percepção é observada, também, por Donini (2008), ao afirmar que o rádio possui algumas características que o diferenciam de outros meios. Entre estas peculiaridades está o poder de despertar a imaginação. Sobre este aspecto, Reizábal (1999 apud DONINI, 2008, p. 112) afirma que “qualquer uma das mensagens sonoras podem ser transformadas nas mentes dos múltiplos ouvintes em imagens elaboradas pelos próprios sujeitos que lhes colocarão cores, cheiros e perfis desejados”.

Donini (2008) traz, também, as contribuições de Mcleisch (2001 apud DONINI, 2008, p. 112), que comenta as características do rádio como ferramenta educacional, dizendo

que “diferentemente da televisão, em que o telespectador está observando algo que sai de uma caixa ‘que está ali’, as paisagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores”.

Para Donini (2008), a mobilidade dos aparelhos, apresenta-se como outro diferencial deste veículo de comunicação, visto que o rádio pode acompanhar as pessoas enquanto realizam diferentes atividades.

Outro aspecto importante apontado por Donini (2008) e que favorece a utilização pedagógica do rádio consiste em sua capacidade de contribuir para maior desenvolvimento da linguagem oral. Sobre este aspecto, a autora cita novamente Reyzábal, quando afirma que

> no rádio, a linguagem oral é a protagonista essencial, graças ao que as práticas radiofônicas servem para desenvolver, assegurar e ampliar habilidades orais não esquecendo que uma linguagem mais rica implica um pensamento mais amplo. Através da linguagem, o ser humano propõe-se metas, elabora projetos, autocorrige condutas e questiona erros, busca opões criativas (REIZÁBAL, 1999 apud DONINI, 2008, p. 113).

Citteli (2006, p. 97) descreve que por meio do rádio as palavras ganham movimento no imaginário, mas de modo diferente daquele encontrado na televisão ou no cinema, pois “o imaginário da recepção radiofônica é despertado na medida em que são estabelecidos nexos entre falar e ouvir, provocando inquietações e permitindo aos destinatários construir redes de imagens facultadas pelas sequências das palavras”.

É por esta capacidade de produção de sentidos que o rádio apresenta-se como um meio de comunicação, que vai além da dimensão instrumental, envolvendo o educando com os problemas sociais, que são discutidos, debatidos e transmitidos pela rádio escola, resgatando saberes e valores de cidadania, que estão se distanciando dos processos educacionais.

O rádio, além de ferramenta de emancipação social, faz parte das mídias que constituem um canal de integração entre a comunicação e a educação, visando à construção do saber escolar, de forma prazerosa e criativa. Inserido no processo de ensino-aprendizagem, o rádio pode contribuir apresentando-se como possibilidade de construção de novos estilos, formatos, linguagens, fazendo com que o espaço escolar se torne mais dinâmico e atraente.

Usar o rádio na escola de forma educativa é instigante, contudo, exige reflexão sobre esta mídia. Requer do docente a apropriação, na prática pedagógica, das diversas linguagens presentes na mídia, por meio de uma leitura crítica do processo de produção dos produtos da

comunicação de massa. Com isso, o desafio é educar para a compreensão, para a solidariedade, para a cidadania e para uma sociedade mais justa.

Nesta perspectiva, nós educadores devemos ter consciência do processo de evolução das mídias e não ignorar o fato de que a escola e o discurso nela desenvolvido não são mais fontes privilegiadas de aquisição de conhecimento que, muitas vezes, se dá pelos veículos de comunicação. Por isso, para que não haja um descompasso entre a realidade cultural dos alunos e a metodologia adotada pelos professores, é importante que os professores incorporem recursos tecnológicos aos seus planos e práticas de ensino e desenvolvam uma metodologia comunicacional escolar, como propõem Penteado (2001, 2002) e Porto (2001).

O rádio na escola é uma possibilidade de estreitar a distância que se formou, ao longo dos tempos, entre a escola e a realidade da vida cotidiana, de maneira eficiente e motivadora, capaz de transformar os alunos de meros espectadores em produtores de conceitos e conteúdos, proporcionado um aprendizado significativo e colaborativo, numa integração professor-aluno, aluno-aluno e escola-comunidade.

A produção radiofônica transforma os alunos em autores e coautores de conteúdos, enriquecendo os processos educativos. Esta produção possibilita que o aluno participe ativamente do processo de construção do conhecimento, tendo em vista seu envolvimento na realização da atividade de produção dos textos radiofônicos. O rádio no processo escolar pode promover a participação cidadã, proporcionando experiências educativas diferenciadas, ressignificando as relações aluno/professor/conhecimento. Esta possibilidade de mudança propiciada pela rádio escola tem a ver com sua característica de “produtor de significações e não de mera circulação de informações, na qual o receptor, portanto, não é um simples decodificador daquilo que o emissor depositou na mensagem, mas também um produtor” (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 289).

Hoje, o potencial pedagógico do rádio tem sido resgatado por projetos escolares como possibilidade de estimular o uso da linguagem radiofônica em atividades interdisciplinares, contribuindo para o exercício da cidadania. Este ecossistema comunicacional ganha força entre escolas, propiciando que crianças e jovens melhorem sua capacidade expressiva, desenvolvendo a criatividade e a oralidade. Sem dúvida, a utilização desta tecnologia tem provocado uma revisão e reconstrução epistemológica que, segundo Linhares (2007), vem contribuir para repensar as ações do homem com relação à organização e à convivência social.

Segundo Assumpção (2008, p. 15),

> a rádio escola propicia ao aluno um olhar amplo sobre os meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento dos seus direitos e deveres. [...] o aluno pesquisa e lê mais, ampliando sua visão de mundo, além de aprender a debater, questionar, discutir, configurando assim, o desenvolvimento do senso crítico e o exercício de desenvolvimento da cidadania.

Este processo, que se pressupõe acontecer de forma colaborativa, valorizando a interação professor-aluno e escola-comunidade, torna mais significativa, amistosa, atraente e dinâmica a construção do conhecimento, pois segundo Gomes (2006), o rádio é, ainda, catalisador de prazer e consciência estética, uma vez que o ouvinte vai estabelecendo um repertório de experiências que se acumulam a cada recorrência de audição.

3. METODOLOGIA: OS CAMINHOS PERCORRIDOS

> *Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.*
>
> *Duarte, 2002*

Neste capítulo, estabelecemos as bases teóricas que fundamentam o desenvolvimento metodológico da pesquisa. Descrevemos os passos da pesquisa, o método de coleta de dados, os sujeitos da pesquisa e o universo a ser analisado.

3.1 Metodologia e procedimentos

Segundo Bicudo (2011), toda investigação requer atenção às concepções concernentes à realidade do investigado, desvendando o caminho para a compreensão do solo onde serão desdobrados os procedimentos selecionados para a realização da pesquisa. Esta é uma preocupação que o investigador deverá observar antes de delimitar os procedimentos de investigação.

A escolha do tema desta dissertação se deu, primeiramente, a partir da minha experiência como gestor da SEDUC-GO e da SME de Goiânia, órgãos responsáveis pela supervisão de projetos de inserção de tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas. Mas a construção do objeto de investigação só foi possível após estudos preliminares e exploratórios acerca da produção acadêmica que trata de processos comunicacionais na educação escolar, conforme relatado nos Apêndices A e B.

O processo de conhecimento da temática a ser investigada provocou o interesse pela pesquisa sobre as interfaces entre comunicação e educação, em geral, e sobre o *Projeto Rádio Escola Roda Pião*, em particular, pelo potencial que apresentava para o estudo concreto destas interfaces, uma vez que tal *Projeto* fez uso, durante os doze anos em que esteve no ar, da radiodifusão como um “meio” a ser apropriado pela escola para produzir novos conhecimentos, gerar aprendizagem e formar cidadãos críticos.

Das investigações preliminares surgiu o título da presente dissertação *Rádio Escola Roda Pião: comunicação, mídia e cidadania na prática pedagógica"*, que tem como objetivo compreender a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania no processo educativo, a partir da visão dos gestores, alunos e professores participantes do *Projeto Rádio Escola Roda Pião.*

A constituição deste estudo teve como referência a pesquisa qualitativa do tipo exploratória, por entender que este tipo de pesquisa "baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que têm para as pessoas que pertencem a essa realidade" (TRIVIÑOS, 2009, p. 121).

Segundo o autor, neste método de pesquisa, o pesquisador não fica fora da realidade que estuda nem às margens do fenômeno que deseja captar e compreender. Neste sentido, ao mesmo tempo em que se buscava embasamento teórico para a pesquisa, aprofundava-se na análise dos documentos e nas entrevistas, buscando evidências para compreender a relação da tríade comunicação, educação e cidadania, bem como, conhecer a estrutura e o funcionamento do *Roda Pião*, na visão dos sujeitos que dele participaram.

A partir da revisão bibliográfica, buscou-se compreender a abordagem dos pesquisadores dos campos da comunicação, educação, mídia e cidadania e de como tais abordagens contribuiriam na realização da pesquisa. Com base nos dados coletados por meio de entrevistas com os gestores, professores e alunos participantes do *Roda Pião* e da análise documental foram analisados a relação constituída pela tríade comunicação, educação e cidadania e o impacto do Projeto no processo de construção da emancipação e no exercício da cidadania dos sujeitos da pesquisa.

Lüdke e André (1986) enfatizam a necessidade de se promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre o assunto e o conhecimento teórico para a realização da pesquisa. Segundo as autoras, essa ação faz parte do estudo de um problema, que desperta o interesse do pesquisador e limita sua atividade de pesquisa a uma porção do saber a ser construído. Trata-se de um momento privilegiado que reúne o pensamento e a ação.

De modo geral, ao realizar uma pesquisa, existem questões que se apresentam de forma imediata, e outras que aparecem no decorrer do trabalho de campo. A necessidade de responder tais questões, frequentemente, nos leva à reflexão sobre os problemas enfrentados, erros cometidos, escolhas realizadas e dificuldades encontradas. A pesquisa qualitativa, apesar

dos riscos e dificuldades, revela-se sempre um empreendimento instigante, agradável e desafiador (DUARTE, 2002).

Bogdan e Biklen (1982 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986) destacam cinco características básicas para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa:

- a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- os dados coletados são predominantemente descritivos;
- a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
- o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador;
- a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Segundo Lüdke e André (1986), o andamento do estudo compara-se a um funil: inicialmente há questões ou focos de interesse muito amplos, mas no final se tornam diretos e específicos e o pesquisador precisa aprimorar estes focos com o desenvolvimento dos estudos.

Para Braga (2005) só pesquisamos porque temos dúvidas a respeito de alguma questão do mundo, e são estas dúvidas, que serão expressas no problema da pesquisa a realizar, que devem comandar todo o trabalho de investigação, da busca das teorias e conceitos até as conclusões.

Assim, a presente pesquisa buscou responder às seguintes questões-problema: Qual a visão dos gestores, alunos e professores participantes sobre o *Projeto Rádio Escola Roda Pião*? Qual a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania neste *Projeto*? Quais os limites e possibilidades deste *Projeto* no processo ensino aprendizagem dos alunos envolvidos?

Para descrever o contexto da política de criação do *Projeto Rádio Escola Roda Pião* e responder a estas questões, foram utilizados os aportes teóricos da pesquisa exploratória, por meio da técnica da entrevista e do grupo focal com questões semiestruturadas. A análise documental – catálogo dos programas radiofônicos, trabalhos escolares, roteiros pedagógicos, relatórios, reportagens – que serviram como elemento complementar ao material coletado a junto aos sujeitos da pesquisa.

Para este aprofundamento observou-se as afirmações de Braga (2005) ao assinalar que se deve evitar, em uma proposta de pesquisa, confundir premissas, lampejos e hipóteses de trabalho com hipóteses de pesquisa, sendo, talvez, a melhor tática apresentar diretamente o problema de pesquisa. Para o autor, não é necessário ter lampejos, ideias iniciais brilhantes e hipóteses de pesquisa, mas a curiosidade é fundamental. Deve-se ter dúvidas a respeito do tema, ou seja, reconhecer que não sabemos alguma coisa sobre a questão a ser investigada e pesquisada.

> Por isso que um problema de pesquisa toma frequentemente, a forma de uma pergunta. O que será que...?; Como tal coisa se caracteriza?; Que sentido tem...?; Por que tal processo acontece?; Que diferenças existem entre...?; Quais as formas diversificadas e variações de tal processo comunicacional? (BRAGA, 2005, p. 289).

Para o autor, é importante, buscar logo no início da proposta o estranhamento do objeto a ser pesquisado. E não é difícil encontrar problemas e curiosidades, no campo da comunicação e da educação, afirma Braga (2005).

Para vencer os desafios, é necessário planejar a pesquisa, o que, segundo Gil (1999), consiste em confrontar a visão teórica do problema com os dados da realidade, e se refere ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla. Para tanto, observando as características do objeto de estudo, definiu-se como categorias de análise: cidadania, comunicação, mídia e mediação, que serviram como referência para as análises dos dados pesquisados.

Segundo Lopes (2001), devemos estar atentos ao fato de que o próprio objeto da pesquisa é “dinâmico e mutável, porque os problemas estudados são fenômenos históricos, instituições, relações de poder, classes sociais, manifestações culturais, etc.” (LOPES, 2001, p. 37), demonstrando que as verdades e as comprovações produzidas cientificamente estão relacionadas ao seu processo histórico, ou seja, são sempre parciais e passíveis de reformulações e acréscimos e estão diretamente relacionadas ao pesquisador.

Para Lopes (2001), um dos momentos da operacionalização do modelo metodológico, consiste na construção/reconstrução da pesquisa, ou seja, o processo de articulação das diferentes fases metodológicas. Segundo a autora as fases da pesquisa empírica estão fundamentadas nos seguintes pontos: a) a fase de definição do objeto de pesquisa; b) a observação propriamente dita; c) a elaboração descritiva; d) a interpretação das evidências descobertas.

A **fase de definição do objeto de pesquisa** (a) teve início ainda na construção do objeto de estudo, com a escolha de um projeto para análise, dentre os projetos desenvolvidos pela SEDUC-GO e, e com o levantamento bibliográfico e as leituras exploratórias, que dessem sustentação às questões norteadoras. A construção do objeto, feita ainda no momento de elaboração do Projeto de Pesquisa para o processo seletivo do Mestrado, levou em consideração as características do *Projeto Roda Pião*, dentre as quais, destaca-se sua relevância no contexto das ações desenvolvidas no âmbito da SEDUC-GO, como a abrangência, a aceitação e o prestígio angariados pelo Projeto ao longo de mais de 12 anos de existência; os prêmios conquistados e o destaque na mídia local e nacional; a articulação de várias instâncias públicas e privadas em torno de um projeto educativo; a própria mídia, o rádio, meio de comunicação de massa, com potencial educativo e cultural, democrático e de cidadania.

Neste momento de planejamento da pesquisa, foi importante a contribuição das disciplinas do curso de Mestrado, principalmente, nas apresentações do Projeto de Pesquisa nas disciplinas Mídia e Cidadania e Seminários de Mídia e Cidadania. Outra contribuição que merece destaque foi a do Grupo de Estudo Novas Tecnologias e Educação (GENTE) da Faculdade de Educação da UFG, coordenado pela Profa Dra. Cleide Aparecida Carvalho Rodrigues. Os estudos e as discussões realizadas, bem como as contribuições dos participantes do Grupo GENTE foram definitivos no sentido de pensar e repensar a proposta de estudo desta dissertação. Estas contribuições foram decisivas para a manutenção do objeto inicialmente definido, mas sob um olhar mais direcionado sobre o que deveria ser prioridade na investigação; para a definição dos sujeitos da pesquisa e para a escolha dos instrumentos de coleta de dados.

A **fase de observação propriamente dita** (b) foi antecedida da definição dos sujeitos participantes da pesquisa e seleção dos instrumentos para a coleta de dados. Para maior compreensão do objeto, os sujeitos foram classificados segundo a função exercida no *Projeto* – Gestores, Professores e Alunos. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista, grupo focal e análise documental. Por se tratar de pesquisa com seres humanos, foi necessário submeter o Projeto de Pesquisa à apreciação do Comitê de Ética da UFG, que, após analisá-lo, emitiu parecer favorável à realização da pesquisa. Logo após esta aprovação, iniciaram-se os contatos e o agendamento das entrevistas com os sujeitos da pesquisa. Colaboraram, de modo especial nesta fase, os funcionários do Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) de Silvânia.

A **fase de elaboração descritiva** (c) consistiu na transcrição dos dados coletados, organizando-os de forma a possibilitar sua análise.

A **fase de interpretação das evidências descobertas** (d) consistiu da interpretação dos dados coletados à luz dos referenciais teóricos apresentados nos capítulos primeiro e segundo, procurando identificar nos discursos dos participantes e nas análises dos documentos coletados, aspectos comuns que esclareçam as questões problematizadas nesta pesquisa.

Estes momentos de consolidação da pesquisa se basearam nos referenciais teóricos da pesquisa qualitativa do tipo exploratória que, segundo Gil (1999), tem como objetivo principal proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Para Bicudo (2011), depois de visualizados e assumidos quais são a perspectiva e sujeitos tidos como significativos, é momento de refletir sobre como construir os dados e analisá-los. Pelas características do objeto da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados escolhidos para este estudo foram a entrevista semiestruturada, o grupo focal e a análise documental.

Para Duarte (2002), em uma metodologia de pesquisa qualitativa o número de sujeitos que comporão o quadro das entrevistas, em geral, não pode ser determinado de imediato, vai depender da qualidade das informações coletadas em cada depoimento, bem como, da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Segundo a autora, as entrevistas devem continuar, enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que indiquem novas perspectivas à investigação. Segundo a autora, quando as ocorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação” é o fim do trabalho de campo, podendo-se voltar para a fase de interpretação (DUARTE, 2002).

Segundo a autora, as pesquisas de cunho qualitativo, em geral, exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semiestruturadas.

> Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. A descrição e delimitação da população base, ou seja, dos sujeitos a serem entrevistados, assim como o seu grau de representatividade no grupo social em estudo, constituem um problema a ser imediatamente enfrentado, já que se trata do solo sobre o qual grande parte do trabalho de campo será assentado (DUARTE, 2002, p. 141).

Com o objetivo de se aprofundar na compreensão sobre o assunto, a princípio foram definidos os sujeitos da pesquisa, classificando-os por função, conforme apresentado na Figura 2.

UNIVERSO TOTAL DE SUJEITOS DA PESQUISA			
Função	**Descrição**	**Universo**	**Amostra**
Gestores	São considerados gestores os profissionais que, à época, atuaram na idealização, implantação e coordenação do *Roda Pião*, em Goiânia e Silvânia: Coordenadores do *Projeto* em Silvânia e em Goiânia, Subsecretário de Educação de Silvânia, Secretária Municipal de Educação de Silvânia, Superintendente de Educação a Distância da SEDUC-GO e Diretor da Rádio Rio Vermelho de Silvânia.	12	8
Professores	Docentes que, à época, eram lotados nas escolas que desenvolveram o *Projeto Roda Pião*, no período de 1999 a 2011.	74	10
Alunos	Alunos das séries inicias do Ensino Fundamental, com idade entre 10 e 11 anos, que participaram das gravações dos programas do *Roda Pião* ou que formaram a sua audiência.	1.881	17

Figura 2 – Universo e amostra dos sujeitos da pesquisa.

As entrevistas das foram realizadas tendo como sujeitos os profissionais que idealizaram, planejaram e coordenaram desenvolvimento do *Projeto Radio Escola Roda Pião.* Estes sujeitos foram classificados como *Gestores*. Inicialmente, seriam entrevistadas cinco pessoas, mas, no decorrer da pesquisa, percebeu-se a necessidade de envolver outros três sujeitos, principalmente, pela indicação dos entrevistados que sugeriram nomes tidos como importantes na construção do *Projeto*. Os contatos iniciais com os gestores foram feitos pessoalmente. A técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada, orientada por um roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE C), deixando margem para que outros temas e abordagens espontâneas fossem discutidas. Estas entrevistas possibilitaram coletar dados sobre o contexto político do *Projeto,* sua estrutura e funcionamento.

A técnica do grupo focal foi realizada com professores e alunos de duas escolas de Silvânia que participaram do projeto *Rádio Escola Roda Pião,* mediante um roteiro previamente definido (Apêndices D e E), para facilitar a condução das sessões dentro dos objetivos da investigação. A princípio, qualquer uma das escolas participantes do Projeto apresentava condições para a realização do grupo focal. A escolha, contudo, recaiu sobre as duas primeiras escolas contactadas e que se dispuseram a participar da investigação, conforme contatos realizados pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) de Silvânia com a direção

das escolas urbanas do Município de Silvânia. Para preservar a identidade, as escolas foram denominadas de Escola 1 e Escola 2. Na Escola 1, foram realizadas duas sessões de grupo focal: uma com professores e outra com alunos, ambas no período matutino, Na Escola 2, as sessões de grupo focal foram realizadas no período vespertino. A seleção dos professores e alunos para participar do grupo focal foi feita pela Coordenação Pedagógica das escolas. O critério para escolha dos alunos foi o tempo de participação no *Projeto*, sendo escolhidos alunos matriculados no 5º ano, pois estes já haviam participado, pelos menos, há dois anos do *Projeto*. Quanto aos professores, o critério estabelecido foi ser titular de turmas que participaram das gravações dos programas radiofônicos. Os dados coletados nestas duas escolas foram considerados suficientes, não sendo necessária a visita nas demais escolas, uma vez que, segundo Duarte (2002), as informações atingiram seu ponto de saturação.

A Figura 3 apresenta os sujeitos participantes do grupo focal, por escola.

PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL, POR ESCOLA		
Escola	**Professores**	**Alunos**
Escola 1	6	10
Escola 2	3	7
Total	**9**	**17**

Figura 3 – Participantes do grupo focal, por escola.

O perfil da amostra selecionada para o grupo focal de professores evidencia uma característica comum no perfil das duas escolas, ou seja, a totalidade é do sexo feminino; há mais de cinco anos participam do *Roda Pião*, sendo que uma professora participou desde a criação do *Projeto*. Na Escola 2, uma professora, inclusive, fez parte da coordenação municipal do *Roda Pião*.

O perfil dos alunos da Escola 1, participantes do grupo focal, é formado por 60% do sexo feminino e 40% do sexo masculino; a faixa etária é de 10 a 11 anos; todos cursam o 5º ano do Ensino Fundamental, e há três anos participam do *Roda Pião*. Dos alunos da Escola 2, temos 57,1% do sexo masculino, 42,9% do sexo feminino; faixa etária de 10 a 11 anos; todos do 5º ano do Ensino Fundamental, e participam do *Roda Pião* há apenas dois anos.

Para estes grupos, o instrumento escolhido foi o grupo focal, com questões semiestruturadas, por reconhecer que a partir deste instrumento tem-se melhores chances de identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Nesta pesquisa, considera-se que a dinâmica do

grupo focal contribuiu para apreender a visão dos sujeitos sobre a dinâmica do *Roda Pião*. Além disso, a técnica de grupo focal visa à obtenção de dados a partir de discussões previamente planejadas nas quais os participantes expressam suas percepções, crenças, valores, atitudes e representações sociais sobre um determinado assunto, em um ambiente descontraído e não constrangedor. Além disso, outra vantagem do grupo focal torna possível associar a coleta de dados de uma quantidade maior de sujeitos em curto espaço de tempo.

Para Ressel (2008, p. 780), os grupos focais

> são grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Essa técnica distingue-se por suas características próprias, principalmente pelo processo de interação grupal, que é uma resultante da procura de dados. Essa técnica facilita a formação de ideias novas e originais. Gera possibilidades contextualizadas pelo próprio grupo de estudo. Oportuniza a interpretação de crenças, valores, conceitos, conflitos, confrontos e pontos de vista. E ainda possibilita entender o estreitamento em relação ao tema, no cotidiano.

O grupo focal, com professores e alunos buscou aproximar estes olhares para, então, compreender a relação constituída pela tríade comunicação/educação/ cidadania no processo educativo, bem como, a visão deles sobre o *Rádio Escola Roda Pião*.

Antes da realização das entrevistas e das sessões de grupo focal foi apresentado pelo pesquisador o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi assinado pelos Gestores e Professores (APÊNDICE F). Considerando que os alunos são menores de 18 anos, o Termo de Consentimento foi assinado pelos pais ou responsáveis (APÊNDICE G). Todas as entrevistas e sessões de grupos focais foram audiogravadas com o consentimento dos participantes e, posteriormente, transcritas.

Além das entrevistas e grupos focais, foi feito um levantamento seguido de análise de documentos sobre o *Roda Pião*, disponibilizados pelo NTE de Silvânia, conforme descrito na Figura 4.

LISTAGEM DOS DOCUMENTOS SELECIONADOS PARA ESTA PESQUISA	
Documentos	**Descrição**
Catálogo dos programas	Histórias e Roteiros de programas (2002)
Trabalho das Unidades Escolares	Redações e desenhos de alunos (2006)
Correspondências	Cartas e *e-mail*s de ouvintes e alunos do *Roda Pião* (1999 a 2003)
Roteiros pedagógicos	Roteiros de orientação para os professores (1999 a 2001)
Relatórios	Relatório *Roda Pião* (2001 e 2003)
Reportagens	Revista Nova Escola (2001); Fundescola (2000); TV Escola (2000); Rede Católica de Rádio (2000); Interação Marista (2001); Jornal O popular (2000); e Diário da Manhã (2001).

Figura 4 – Listagem dos documentos selecionados para a pesquisa.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Além destes documentos disponibilizados para a pesquisa, o *Blog*[6] mantido pelo *Roda Pião* foi, também, uma fonte de pesquisa, uma vez que neste espaço virtual, encontram-se os arquivos digitais dos programas radiofônicos, os concursos promovidos pelo *Projeto* e notícias diversas.

De modo geral, não houve dificuldades em realizar as entrevistas e os grupos focais, pelo contrário, os sujeitos apresentaram disposição em participar, nem sempre encontrada em estudos de campo que envolvem seres humanos. Esta disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, foi interpretada por nós como um aspecto positivo, podendo indicar o grau de aceitação do *Roda Pião* pela comunidade silvaniense.

3.3 Os contextos de elaboração e desenvolvimento da pesquisa

Busca-se, aqui, contextualizar o solo onde se desdobrou a pesquisa, em um breve histórico dos *locus* da pesquisa.

3.3.1 A cidade de Silvânia

[6] O *Blog* mantido pelo Projeto está disponível em: <http://www.nterodapiao.blogspot.com.br/>.

O Município de Silvânia se constituiu por volta do ano de 1774, como Arraial de Bonfim, uma homenagem a Nosso Senhor do Bonfim, imagem trazida pelos imigrantes baianos, atraídos pela descoberta de ouro na região. O nome Silvânia veio, em 1943, em homenagem à família de Vicente Miguel da Silva e seus descendentes, que ocupavam cargos de grande prestígio na cidade (COTRIM, 1998).

Conforme Censo de 2010, Silvânia possui 19.096 habitantes (IBGE, 2010) e uma economia voltada para a agricultura e pecuária, principalmente, na produção de soja, milho, feijão e leite. É uma das maiores bacias leiteiras do Estado.

O Município, também, se destaca na produção cerâmica (tijolos), abastecendo Goiânia, Anápolis e Brasília. Distante 82 km de Goiânia, 78 km de Anápolis e 160 km de Brasília, possui área de 2.264,769 km^2.

A cidade de Silvânia está localizada na Região Sudeste do Estado de Goiás, conhecida como Região da Estrada de Ferro[7].

A cidade de Silvânia possui forte tradição educacional, vocação trazida por Dom Emmanuel Gomes de Oliveira, Arcebispo de Goiás , "capixaba de nascimento e silvaniense de coração" (COTRIM, 1998), que fundou o Ginásio Anchieta (1925), o Instituto Auxiliadora (1932) e o Seminário Santa Cruz (1926), hoje Aprendizado Marista Padre Lancísio - Escola Ambiental. O grande marco da educação em Silvânia, no entanto, foi o Colégio Bonfinense, fundado em 1903, por Antônio Eusébio de Abreu Júnior, pai do expoente da cultura e da política, Antônio Americano do Brasil. Mais tarde, este colégio passou a se chamar Colégio Xavier de Almeida, funcionando com internato e externato.

O Município registrava, em 1993, a existência de 43 grupos escolares, o que lhe rendeu a alcunha de *Berço da Educação*, em Goiás. Atualmente, Silvânia possui 16 Unidades Educacionais[8], sendo seis na zona rural e 10 na região urbana, além de uma Unidade Universitária da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

---

[7] A Região Sudeste de Goiás é constituída por 22 municípios: Anhanguera, Campo Alegre de Goiás, Catalão, Corumbaíba, Cristinópolis, Cumari, Davinópolis, Gameleira, Goiandira, Ipameri, Leopoldo de Bulhões, Nova Aurora, Orizona, Ouvidor, Palmelo, Pires do Rio, Santa Cruz, São Miguel do Passo Quatro, Silvânia, Três Ranchos, Urutaí e Vianopólis. Esta Região é, também, conhecida como a Região da Estrada de Ferro devido a ferrovia passar por 12 destes municípios. Esta Região se configura como a principal região de modernização agrícola, destacando-se pela grande representatividade na produção de grãos do Estado de Goiás.

[8] Dados extraídos do Sistema de Gestão Tecnológica (SIGETEC/MEC, 2013), disponível em: <http:sip.mec.gov.br>.

Segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade de Silvânia é de 0.774, considerado como um alto índice de desenvolvimento humano, maior, inclusive, que o do Estado de Goiás, que é de 0.739.

3.3.2 A Rádio Rio Vermelho

A Rádio Rio Vermelho[9] – 1.190 AM, operando com 10.000 watts de potência, abrangendo toda a Região da Estrada de Ferro – passou a fazer parte da história da cidade de Silvânia, desde sua fundação em 24 de janeiro de 1987. Alguns anos depois, em 1995 foi adquirida pela Fundação L'Hermitage[10], do Instituto dos Irmãos Maristas[11].

A missão da Rádio Rio Vermelho é levar aos seus ouvintes uma programação comprometida com a Boa Nova de Jesus, busca da cidadania, valorização da pessoa humana, causas sociais, educação e evangelização, utilizando-se para isso a música, o entretenimento, o esporte, a informação e a interatividade. A emissora não tem comprometimento político-partidário, mas é profundamente comprometida com as causas sociais.

É, em síntese, uma Emissora Católica, comprometida com a promoção humana, dando voz aos excluídos e marginalizados, comprometendo-se com as causas e os valores cristãos, participando das atividades da Arquidiocese, assumindo seu caráter evangelizador, e

---

[9] Maiores informações sobre a Rádio Rio Vermelho podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.radioriovermelho.com.br/site/index.php>.

[10] A Fundação L'Hermitage é uma instituição fundamentada em princípios humanistas, cujo compromisso é criar soluções com transparência e diálogo, foco nos resultados e excelência em gestão, considerando a história e a identidade de seus clientes. Tem como diferencial associar valores éticos à eficácia e aos resultados para o desenvolvimento de pessoas e instituições, garantindo uma presença qualificada e transformadora na sociedade. Sua missão é contribuir para o desenvolvimento das pessoas, por meio da comunicação, cultura, educação, consultoria e gestão de organizações, visando construir e ampliar os espaços de ação para a transformação da realidade social. Maiores informações podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: < http://www.lhermitage.org.br/institucional.php>.

[11] Fundado, em 1817, por Marcelino Champagnat, no vilarejo de La Valla, na França, o Instituto dos Irmãos Maristas se dedica à educação de crianças e jovens com a missão declarada de "formar bons cristãos e virtuosos cidadãos". Os primeiros discípulos receberam diretamente de Champagnat a orientação humana, intelectual, pedagógica, gerencial e espiritual que caracteriza o modo marista de ser e atuar. Hábeis educadores, espalharam-se rapidamente pela França estendendo o conhecimento e o direito à educação a dezenas de crianças e jovens nos lugarejos mais empobrecidos. Desde então, sua missão prossegue em diferentes partes do mundo. Maiores informações podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.grupomarista.org.br/institucional-maristas-no-mundo/D3>.

participando das atividades da Paróquia, como natal em família, semana santa, páscoa, mês da bíblia, das vocações, das missões, e campanha da fraternidade, entre outros.

3.3.3 As Escolas pesquisadas

As Escola 1 e Escola 2 selecionadas para fazerem parte da pesquisa possuem características bastante distintas, desde o público atendido à concepção pedagógica: uma pertence à rede estadual, mas é administrada por membros de uma instituição religiosa, possui estrutura física com espaço para várias atividades pedagógicas e esportivas; a outra é mantida pelo poder público municipal, atende a crianças provenientes de comunidades carentes e da zona rural. Como a grande maioria das instituições públicas, tem carência de infraestrutura e espaço físico, inclusive, no período da pesquisa, utilizava salas cedidas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) para atender à demanda do alunado.

Mesmo com tanta diferença, as duas instituições apresentam algo em comum: a qualidade do ensino, que pode ser percebida tanto pela demanda, indício de satisfação da comunidade pelo ensino que elas oferecem, quanto pelas notas alcançadas na avaliação externa feita pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Brasileira (IDEB), como mostra a Figura 5, pois apresentam notas acima da média municipal, estadual e nacional para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Analisar o aproveitamento dos alunos e seu rendimento no IDEB não foi objeto desta pesquisa, mas a referência aos resultados alcançados significa algo importante de se observar.

IDEB DO 4º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL				
Esfera	**2005**	**2007**	**2009**	**2011**
BRASIL – Rede Estadual	3.9	4.3	4.9	5.1
BRASIL – Rede Municipal	3.4	4.0	4.4	4.7
ESTADO DE GOIÁS	3.9	4.3	4.9	5.3
SILVANIA – Rede Estadual	4.1	4.0	4.9	5.9
SILVANIA – Rede Municipal	4.0	4.3	4.9	5.6
ESCOLA 1	-	-	5.0	6.3
ESCOLA 2	3.3	4.4	5.0	5.7

Figura 5 – IDEB do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, 2005-2011.
Fonte: Disponível em: <http://deb.inep.gov.br>.

3.3.3.1 Escola 1

A Escola 1[12] teve suas atividades iniciadas em 1956, na cidade de Goiânia, sob a responsabilidade de Dom Abel Ribeiro Camelo, natural de Silvânia e bispo da Diocese de Goiás, com a proposta de oferecer orientação para o trabalho, formação social, moral e alimentação para crianças e adolescentes que desenvolviam atividades autônomas, tais como engraxate e freteiro, entre outras, funcionando sob regime de internato. Em busca de melhores condições e de um ambiente mais adequado, o projeto foi transferido, em janeiro de 1962, para Silvânia, ocupando o prédio do Seminário Santa Cruz, recebendo o nome de Aprendizado Agrícola São José, tendo como dirigente o Padre silvaniense Lancísio de Souza Batista, que já fazia parte da equipe do Seminário. Em 1980, os Irmãos Maristas assumem a direção da Escola e iniciam um processo de reorganização, disponibilizando maiores recursos e investimentos nas obras sociais.

A Escola mantém diferentes parcerias, (Ministério do Meio Ambiente, Governo do Estado de Goiás, Prefeitura Municipal de Silvânia, Unilever e Cooperativa Agropecuária dos Produtores Rurais de Silvânia (COOPERSIL), e uma diversificação de ações educativas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Projetos Sociais de Inclusão e Apoio Sócio Ocupacional e Pedagógico, atendendo a adolescentes de outras escolas. Desenvolve, ainda, entre outros, os seguintes projetos: Projeto Ambiental de Apoio às Escolas Públicas, Educador Coletivo, Sala Verde, Cursos de Geração de Renda, Sustentabilidade e Apoio Sócio Educativo, Abrigo Solidário, Biblioteca Comunitária, Saúde na Escola, etc.

A Escola 1 é um espaço alternativo de educação ambiental, geração de renda e desenvolvimento sustentável. Hoje é reconhecida nacionalmente como modelo de gestão por manter viva a história dos seus primeiros gestores, agregando os ganhos históricos e culturais da contemporaneidade e tornando-se um modelo de referência regional, com premiações diversas.

Na Escola 1 o *Roda Pião* permaneceu ativo durante toda sua trajetória, mesmo sem avançar para uma produção autônoma como previa o projeto inicial.

---

[12] Para maiores informações, ver o *site* mantido pela Escola 1, no seguinte endereço eletrônico: <http://sites.marista.edu.br/aprendizado>.

Na Escola 1 o envolvimento de professores e alunos era planejado pela escola, e não uma atividade solitária dos professores.

3.3.3.2 Escola 2

Fundada em 15 de fevereiro de 1982, a Escola 2[13], instituição pública municipal de Silvânia, oferece ensino de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e adultos (EJA). Atende, especificamente, a alunos oriundos dos bairros circunvizinhos, alunos do meio rural, bem como jovens e adultos de toda a cidade.

A escola surgiu a partir de uma demanda levantada na periferia de Silvânia por membros da Igreja Assembleia de Deus, que constatou diversas crianças em idade escolar, fora da sala de aula. Inicialmente, a escola recebeu o nome de Escola Municipal São Lucas, depois Escola Municipal Dom Bosco e, por último, o nome atual. A escola funcionou em vários espaços cedidos pelas igrejas. Em agosto do ano de 1986, a Prefeitura de Silvânia construiu o prédio onde a escola funciona atualmente.

Na Escola 2, assim como em outras escolas, o *Roda Pião* era trabalhado com mais intensidade apenas no período em que a Escola seria responsável pelas gravações do mês. As atividades relacionadas ao *Projeto* ficavam vinculadas à criatividade e interesse do professor. Além disso, na Escola 2, a falta de equipamentos, ou seja, de aparelho de som fixo nas salas, dificultava o desenvolvimento do programa em sala de aula.

O *Projeto Radio Escola Roda Pião*, objeto de estudo desta investigação surge e se desenvolve neste cenário, envolvendo diferentes segmentos da sociedade, órgãos públicos e iniciativa privada.

No Capítulo 4, a pesquisa procura explicitar as relações entre comunicação, educação e cidadania, a partir da visão dos sujeitos envolvidos neste *Projeto*.

---

[13] Para maiores informações, ver o *site* mantido pela Escola 2, no seguinte endereço eletrônico: <http://escolanapoleaosousa.blogspot.com.br/>.

4 COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

> *O avanço da tecnologia e a invasão de todas as esferas da vida social pela comunicação e pela informática confrontam a escola com mais este desafio: como modernizar o ensino – adaptando-o às exigências das novas gerações – sem perder de vista suas finalidades maiores (formação do sujeito consciente autônomo, ou da cidadania), sem se deixar envolver e dominar pelo tecnicismo mecânico e redutor?*
>
> *Belloni, 2009*

A epígrafe deste capítulo mostra que os desafios postos à educação escolar pelo avanço das tecnologias, a partir, principalmente, dos anos 1990, permanecem ainda sem muitas respostas desejadas para os dias atuais, levando-se em consideração a interferência destas tecnologias na vida social, como afirma Belloni (2009). O que se percebe pelos estudos, por exemplo, de Toschi (2009) é que o uso pedagógico das tecnologias resume-se em alguns casos de sucesso isolados, sem, contudo, provocar mudanças significativas de ordem metodológica e curricular.

Partindo da reflexão crítica de Belloni (2009) sobre o desafio posto à escola pela comunicação e a informação, os dados coletados nesta pesquisa são, aqui, analisados, para uma melhor compreensão da relação constituída pela tríade comunicação, educação e cidadania, a partir da visão dos gestores, professores e alunos participantes do Projeto Rádio Escola Roda Pião.

4.1 Projeto Radio Escola Roda Pião

O universo pesquisado neste trabalho diz respeito à análise do Projeto Rádio Escola Roda Pião, projeto-piloto de um novo espaço de construção de conhecimento e cidadania, que utiliza a linguagem radiofônica como proposta pedagógica, no qual temas como meio ambiente, cidadania, saúde e cultura são trabalhados com criatividade e imaginação

Segundo os Gestores entrevistados, o Projeto desperta nos alunos das escolas de Silvânia o interesse pela leitura e pela escrita, e estimula a autoestima das crianças, por meio da produção radiofônica, como se pode depreender das seguintes falas:

> *[...] Primeiro pela autoestima, segundo, no desenvolvimento da leitura pelo gosto em ouvir* (GESTOR 1).
>
> *[...] ajuda na questão da leitura e da escrita; mesmo não produzindo, ela [a criança] acabava sendo incentivada a produzir histórias, redações, causos, contos e causos* (GESTOR 3).
>
> *[...] você trabalha com palavras e quando você trabalha com palavras, automaticamente está elaborando textos, então, você estimula a produção de textos, melhora o vocabulário do aluno, aprimora o conhecimento dele, porque para poder atuar em um determinado roteiro, ele vai ter que fazer uma pesquisa, para fazer essa pesquisa ele vai ter que ler* (GESTOR 4).
>
> *[...] a participação delas [as crianças] no rádio foi melhorando a questão da oralidade, aumentando o interesse pela leitura* (GESTOR 7).

É preciso, antes da análise propriamente dita, descrever o contexto da política de criação deste *Projeto*. Para melhor compreensão, a Figura 6 demonstra a trajetória histórica com as principais ocorrências do *Roda Pião*.

TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO *RODA PIÃO*		
ANO	**EQUIPE RESPONSÁVEL**	**OCORRÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS**
1999	Equipe composta por representantes da SEDUC-GO, SME de Silvânia e da Rádio Rio Vermelho de Silvânia. A Coordenação Geral era da Emissora.	– O Projeto *Radio Escola Roda Pião* surge da iniciativa dos dirigentes da emissora Rádio Rio Vermelho, em parceria com a SEDUC-GO e SME de Silvânia. – O *Projeto Roda Pião* nasce de uma experiência anterior, o programa educativo *Carretel de Invenções.* Este programa era desenvolvido em uma emissora de Belo Horizonte, mantida pela Arquidiocese e pela Fundação Fé e Alegria do Brasil, por meio da Associação Movimento de Educação Popular Integral Paulo Englert (AMEPPE). – O Projeto *Roda Pião* é lançado oficialmente em agosto de 1999. – A SEDUC-GO cria o *Programa Rádio Escola Sem Fronteiras* com o objetivo de apoiar e incentivar a implantação de outras iniciativas das escolas públicas relacionadas ao uso pedagógico do rádio.
2000	Mesma equipe	– A SEDUC-GO distribui aparelhos de rádio para serem usados em sala de aula, no momento da transmissão do *Roda Pião*. – O *Projeto* é matéria do Jornal O Popular, da Revista TV Escola, da Revista Fundescola e da Revista Rede Católica de Rádio. – Conquista o prêmio *Microfone de Prata*, no Prêmio Nacional da Rede Católica de Rádio.
2001	Mesma equipe	– É destaque da Revista Nova Escola, da Revista Interação Marista e do Jornal Diário da Manhã.
2002	Mesma equipe	– É finalista do 5º Prêmio de Jornalismo Ayrton Sena, por decisão dos organizadores não foi anunciada a classificação dos 5 finalistas. – A SEDUC-GO volta a distribuir aparelhos de rádio para as escolas.
2004	Mesma equipe	– Vencedor em 1º lugar no 4º Prêmio Docol e Ministério do Meio Ambiente de Jornalismo, com os programas *Água nossa de cada dia* e *Água fonte da vida.*

TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO *RODA PIÃO* (Continuação...)		
ANO	**EQUIPE RESPONSÁVEL**	**OCORRÊNCIAS MAIS SIGNIFICATIVAS**
2005	A equipe passa a ser composta somente por representantes da Educação, SEDUC-GO e SME de Silvânia	– Divergências entre a equipe de coordenação levam a SEDUC-GO a adquirir equipamentos para montagem de um estúdio de rádio nas dependências do NTE de Silvânia. – A Rádio Rio Vermelho continua transmitindo os programas do *Roda Pião*, sem participar da equipe de coordenação e produção do programa. – O *Roda Pião* passa a ser produzido somente pela Educação.
2010	Equipe SEDUC-GO e SME	– O *Roda Pião* passa a atender a apenas 10 escolas, sendo oito da cidade de Silvânia e duas do Município de Gameleira de Goiás.
2011	Equipe SEDUC-GO e SME	– A equipe da coordenação local do *Roda Pião* decide interromper as atividades do *Projeto*, alegando desgaste natural e falta de apoio por parte da SEDUC-GO, que vinha se acentuando desde 2006.
2013	-	– Pelos depoimentos, existe, por parte da comunidade de Silvânia, a intenção de reativar o *Roda Pião*.

Figura 6 – Trajetória histórica do *Roda Pião*.
Fonte: Entrevistas, grupos focais e análise documental.

Em 1999, iniciava-se um novo governo em Goiás, tendo à frente o governador Marconi Perillo e como Secretária da Educação, a Profa. Raquel Teixeira, com a proposta de reorganização do Poder Executivo[14], incluindo a Secretaria de Estado da Educação. O panorama das propostas de tecnologias educacionais existentes na SEDUC-GO, até esta data, eram geridas de forma fragmentada. A TV Escola, por exemplo, estava sob a coordenação da Superintendência de Ensino Fundamental, enquanto, que o Salto para o Futuro, produzido pela própria TV Escola, estava sob responsabilidade da Superintendência de Educação a Distância e Continuada (SEADEC). O Programa Nacional de Informática Educacional (ProInfo), bem como os NTEs eram coordenados pela Superintendência de Planejamento e Programação.

A partir de 1999, com a nova estrutura da SEDUC-GO, os projetos e programas que envolviam o uso pedagógico das TIC foram agregados em um mesmo órgão administrativo, a SEADEC, que além de coordenar todas as ações de inserção das TIC no contexto educacional, buscava outras iniciativas para consolidar o uso das mesmas nas escolas públicas de Goiás, como a criação dos Núcleos Regionais de Educação a Distância (NURED[15]).

---

[14] Lei n. 13.456, de 16 de abril de 1999. Dispõe sobre a organização da administração direta, autárquica e fundacional do Poder Executivo e dá outras providências.

[15] Núcleos Regionais de Educação a Distância (NURED): centros de formação continuada, criados para sediar as Agências Formadoras do Programa de Formação Inicial de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), criados em 2000 e incorporados aos NTEs, a partir de 2005.

Até 2001, os NTEs, principal espaço de promoção da inserção das tecnologias na educação, tinham como foco a informática educacional. Com esta reestruturação, a Superintendência de Educação a Distância e Continuada (SEADEC), iniciou uma nova concepção de trabalho com a integração das mídias, destacando a incorporação dos programas TV Escola/Salto para o Futuro nas ações de formação dos Núcleos (NTE e NURED). Com esta proposta, surgiram novas possibilidades de trabalhar outras mídias em sala de aula, como o rádio, por exemplo.

Segundo depoimento do Gestor 1, naquele momento a TV Escola recém-criada, não havia se consolidado como meio pedagógico nas escolas. O ProInfo dava seus primeiros passos, com pouco mais de 60 escolas com Laboratório de Informática Educacional (LIED). Nestas condições, o rádio parecia ser o meio mais rápido e possível de atingir o maior número de escolas e alunos em menor tempo. Vale ressaltar, que esta proposta de integração das mídias, antecede a reestruturação do ProInfo, que só aconteceu a partir de 2007, quando passou a se chamar ProInfo Integrado[16].

A gestão da SEADEC, naquele momento tinha como objetivo a integração das mídias e a idealização de novos espaços de aprendizagem. Nesta perspectiva, em 1999, nasce o *Programa Rádio Escola Sem Fronteiras*. Trata-se de um programa de rádio educativo, "para crianças e com crianças", consta do seu Projeto de criação, destinado às escolas da rede pública de ensino, do Estado de Goiás. Era uma iniciativa no sentido de tentar implementar novas práticas na escola, como afirma o Gestor 3 *"inovar nessa questão do uso da tecnologia dentro da escola"* (GESTOR 3).

Na perspectiva de inserir as mídias na escola como estratégia de aprendizagem, Porto (2001) apresenta como desafio a compreensão das várias linguagens que nos são apresentadas pelos meios audiovisuais. Além da escola compreender a necessidade de não se limitar à linguagem oral e escrita, o professor deve reconhecer as linguagens pertencentes ao cotidiano seu e de seus alunos, a fim de criar na escola uma cultura digital, em que os meios de comunicação são os mediadores sociais. Esta compreensão deve possibilitar transformações

---

[16] ProInfo Integrado: instituído pelo Decreto n. 6.300, de 12 de dezembro de 2007, alterou a denominação do ProInfo e suas finalidades. A nova proposta ampliou o leque atual de ações do ProInfo, postulando a integração e a articulação de três vertentes, sendo elas: a instalação de ambientes tecnológicos nas escolas, formação continuada de profissionais da educação para o uso integrado das TIC e a produção e disponibilização de conteúdos educacionais multimídias e digitais.

nas características da escola, nas práticas pedagógicas e na forma com que alunos e professores se relacionam com o conhecimento.

Segundo os depoimentos, ao propor a implantação do uso do rádio na escola, além do aspecto da inovação da prática pedagógica com as tecnologias, os gestores levaram em consideração o fato de que,

> *o computador, nesse momento, era objeto de desejo, nem todos podiam ter computador naquela época, hoje é tão banal, tão comum, mas nesse período não. A televisão dificilmente a gente conseguiria porque teríamos que comprar espaço, mesmo que tudo isso estivesse dentro da proposta pedagógica da Superintendência, o rádio nos parecia mais acessível* (GESTOR 1).

Em Silvânia, onde nasceu o *Roda Pião* – projeto-piloto do *Rádio Escola Sem Fronteiras* – a situação das mídias nas escolas apresentava-se com a seguinte configuração, na visão do Gestor 4:

> *a TV Escola [...] estava centralizada, na época, só em uma escola da cidade [...] O ProInfo também estava chegando e ainda não estava funcionando a contento, e acho que em uma escola só, e nós fizemos um levantamento, uma boa parcela das escolas, ainda não tinha sequer energia elétrica, porque são escolas rurais que ficavam em distritos, [...] aí a gente pensou: o rádio de repente seria uma forma de atingir essas escolas também e integrar, já que a proposta é sem fronteiras. [...] Quer dizer, porque quando você integra, isso tem um valor social muito importante, principalmente para as comunidades que estão mais distantes, mas muito mais do que isso é você realmente exercer aquela função da educação, que é levar, gerar conhecimento a partir da informação.*

A proposta de criação de um espaço de aprendizagem integrando o rádio e a escola, apoiou-se na ideia da Rádio Rio Vermelho de Silvânia em utilizar seu veículo de comunicação para levar, além da informação e entretenimento, a educação formal, colocando o rádio na escola e a escola no rádio, em uma parceria público/privado pela educação.

Segundo o gestor da Rádio, a iniciativa de utilizar o rádio na educação em Silvânia, surgiu quando a Fundação L'Hermitage dos Irmãos Maristas, uma entidade religiosa da Igreja Católica, com forte tradição educacional naquela cidade, adquiriu a concessão da Rádio Rio Vermelho - AM 1.190 KHZ, assumindo de fato a administração da emissora em 1997. Como o foco principal dos Irmãos Maristas é a educação, a nova direção da Rádio, tinha como missão *"[...] fazer um jornalismo muito forte, [...] que a rádio pudesse também estar a serviço da educação"* (GESTOR 5).

Para a direção da emissora Rádio Rio Vermelho, havia interesse em criar um programa de rádio, que pudesse ser utilizado em sala de aula. Inicialmente, a ideia era

retransmitir na íntegra um programa de rádio, já existente em Belo Horizonte-MG, o *Carretel de Invenções: a cidadania nas ondas do rádio,* da Associação Movimento de Educação Popular Integral Paulo Englert (AMEPPE), da Arquidiocese de Belo Horizonte e Fundação Fé e Alegria do Brasil. Na percepção do Gestor 5, era

> *[...] um projeto muito bonito, inclusive premiado pela UNESCO. O que era o Carretel de Invenções? Era um projeto, um programa para crianças do ensino fundamental, um programa bem lúdico, bem divertido, bem alegre, bem criança mesmo, muito bem feito por uma equipe lá de Belo Horizonte e esse projeto chamava Carretel de Invenções.*

Assim, o diretor da Rádio Rio Vermelho, procurou a Subsecretaria Regional de Educação[17] de Silvânia, órgão representativo da Secretaria de Estado da Educação, para propor parceria em um projeto audacioso, do ponto de vistas dos gestores, que atenderia a todas as escolas de ensino fundamental da região de abrangência da Rádio Rio Vermelho. A proposta de parceria foi encaminhada à SEADEC para apreciação e possibilidade de implantação. De acordo com o Gestor 1, a proposta não só agradou como veio ao encontro dos objetivos da SEADEC, *"[...] que tinha desenhado já objetivos, e um dos primordiais nessa época era o trabalho com rádio"*. Este propósito reforça o entendimento de Lobo (2010) quanto à implantação do *Projeto Rádio Escola Roda Pião*. Segundo ela, o *Roda Pião*

> nasceu do desejo de inserir o rádio na escola e a escola no rádio. O rádio na escola porque ele faz parte do dia a dia das crianças. A escola no rádio, porque a comunicação precisa ser democratizada. 'A criança fazendo comunicação' sendo e produzindo notícia, inicia um novo modo de comunicar (LOBO, 2010, p. 15).

Para o Gestor 3, este projeto surgiu de um conjunto de intenções comuns da SEDUC-GO, da SME de Silvânia, dos professores e da emissora Rádio Rio Vermelho.

Ainda neste período, foi constituída uma coordenação estadual – que posteriormente se consolidou no próprio programa *Rádio Escola Sem Fronteiras* – e uma equipe local em Silvânia, para elaborar a proposta de implantação do programa. Este programa deveria aglutinar todos os demais projetos de rádio escola que pudessem originar a partir de então, e assim, romper as fronteiras mesmo que dentro do próprio município ou até mesmo da própria escola, *"era a efetivação da comunicação"* na escola, explica o Gestor 4. Esta equipe,

---

[17] Subsecretaria Regional de Educação (SER), órgão que representa regionalmente a Secretaria de Estado da Educação. AS SER estão geograficamente distribuídas para melhor atender à educação em âmbito municipal. Atualmente a SEDUC-GO possui 38 SRE.

inicialmente, deveria analisar os programas radiofônicos *Carretel de Invenções* e elaborar os roteiros pedagógicos, orientando os professores como trabalhar em sala de aula.

De acordo com o projeto de sua criação, o *Rádio Escola Sem Fronteiras*, em um primeiro momento, atenderia na Regional de Silvânia, a um total de 22 escolas estaduais e municipais, beneficiando a 2.883 alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, e a 142 professores. O programa seria trabalhado pela equipe pedagógica e de comunicação composta por membros da Secretaria Estadual da Educação, Secretaria Municipal de Educação de Silvânia e de radialistas da emissora Rádio Rio Vermelho.

Para o desenvolvimento deste projeto foi firmando um Convênio de Parceria e Cooperação entre a Secretaria Estadual da Educação, a Secretaria Municipal de Educação de Silvânia e a Rádio Rio Vermelho. A Rádio havia firmado também um Convênio de Parceria e Cooperação com a AMEPPE, em dezembro de 1998, tendo como objetivo a divulgação e veiculação dos programas radiofônicos da série *Carretel de Invenções: a cidadania nas ondas do rádio*. Neste convênio, a AMEPPE comprometeu-se a encaminhar bimestralmente à emissora, duas fitas cassetes gravadas com quatro programas cada, com duração média de quinze minutos cada programa.

A Rádio Rio Vermelho, por sua vez, deveria enviar as fitas para a equipe da SEADEC elaborar o *Roteiro Pedagógico* (Anexo A), a partir das temáticas. O roteiro continha informações sobre os quatros programas que iriam ao ar no mês seguinte. Todos os meses a Rádio Rio Vermelho colocaria no ar quatro programas inéditos com quinze minutos de brincadeiras, estórias, adivinhações, músicas, rádio-teatro e curiosidades. O programa seria veiculado duas vezes por semana, nos turnos matutino e vespertino.

Segundo o Gestor 5, mesmo com os roteiros pedagógicos prontos, antes de colocar o programa no ar, foi realizada uma pesquisa para saber na prática com era a recepção do *Carretel de Intenções*. O relato, a seguir, mostra a avaliação feita e a decisão de criar um novo programa, que pudesse realmente, ser aproveitado pelas escolas de Silvânia e região.

> *Eu comecei a pesquisar nas rádios conveniadas com o Carretel de Invenções como era a receptividade desse programa. A maioria não tinha essa resposta, mas por quê? Que horas que era veiculado o programa? Domingo, dez horas da noite, sábado sete da manhã, sábado três da tarde. Então, quer dizer, por que não tinha receptividade, porque um programa para criança não pode ser em um horário que criança não vai, então a maioria das rádios... embora fosse um programa muito bom, premiado pela UNESCO, mas se você fosse acompanhar realmente a função social dele, ter o feeling o objetivo pelo qual ele foi criado e a correspondência com o público-alvo, ele não correspondia exatamente porque as rádios não sabiam*

> *aplicar, então eu falei: isso não me serve, eu quero criar uma coisa que realmente as escolas possam aproveitar* (GESTOR 5).

Após esta avaliação, a equipe (SEDUC-GO e emissora Rádio Rio Vermelho) decidiu que o *Programa Carretel de Invenções* não iria ao ar pelas razões apresentadas pelo Gestor 5, para quem o *Carretel de Invenções* era

> *um programa muito bom, mas eu não coloquei nenhum no ar. Por quê? Primeiro, um programa feito em Belo Horizonte foge muito à realidade de interior de Goiás, ele é um programa voltado para cidade grande, para capital, certo? Então fugia muito à realidade das crianças aqui de Silvânia, de Vianópolis, de Leopoldo de Bulhões, de Gameleira* (GESTOR 5).

Esta decisão, talvez, tenha sido o motivo do sucesso do programa radiofônico educativo que viria a ser criado e mantido por mais de 12 anos, veiculado em uma rádio comercial, *o Roda Pião*. Os estudos de Franco (2004) e Linhares (2007) mostram que um dos motivos do fracasso de grandes programas é atribuído à reprodução dos mesmos, sem observar as especificidades regionais e locais, onde está sendo implementado.

Neste intervalo, a Rádio Rio Vermelho vivenciou uma experiência que serviria de subsídio para a implementação do que viria a ser o novo *Rádio Escola Sem Fronteiras*. Esta experiência consistia em criar uma oficina de comunicação para crianças de ensino fundamental da Escola Aprendizado Marista, a pedido da direção da escola. A Rádio passou a receber duas vezes por semana um grupo de 20 crianças, das 14:00 às 16:00 horas, terças e quintas-feiras, durante um ano. O objetivo era proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer como é o funcionamento de uma rádio, conhecer como se faz a programação, participando dela. Segundo o Gestor 5, esta experiência despertou em alguns alunos interesse pela comunicação e nos administradores a curiosidade e a ideia de criar um programa de rádio educativo próprio.

A experiência prática da oficina e o modelo dos programas da série *Carretel de Invenções*, levaram a direção da emissora a propor à Fundação L'Hermitage a criação de um programa nos molde do *Carretel de Invenções*, porém, que atendesse às especificidades regionais.

Com esta nova configuração, a equipe passou a produzir seus próprios programas, a partir de um projeto-piloto em Silvânia, que recebeu o nome de *Roda Pião*, uma menção a brincadeira do PIÃO, girar o pião, rodar o PIÃO, muito comum, entre as crianças de Goiás. Foram criadas vinhetas e músicas específicas que deram identidade ao programa, "a ludicidade tornou-se a sua marca registrada, como veículo de reflexão, instigação do senso

crítico e formação de atitudes e valores", como afirma relatório da coordenação local, de 1999.

A proposta era usar a Rádio Rio Vermelho de Silvânia para produzir e veicular programas feitos pelos alunos das escolas de Silvânia. Ou seja, o programa ultrapassaria os limites das salas de aula. O objetivo era usar o rádio em favor da educação para desenvolver as habilidades de falar, ouvir, ler e escrever. Para isso, pautou-se pela ludicidade e transversalidade por meio dos conteúdos educacionais, como aponta depoimento do Gestor 5:

> *Era utilizar o veículo rádio, o veículo de comunicação rádio, que é de fácil acesso, vai para qualquer lugar, para que a criança pudesse ter também um complemento na sala de aula, [...] mas que a criança pudesse participar efetivamente da produção do programa, tanto é que o lema do programa era "criança fazendo comunicação".*

Nesta trajetória, o *Roda Pião* foi lançado, oficialmente, no dia 06 de junho de 1999, às 19:00 horas, no salão do Instituto Auxiliadora[18] de Silvânia, em uma cerimônia com a presença de autoridades parceiras do projeto, inclusive com a presença do Coordenador do ProInfo/MEC.

O *Roda Pião* nasceu, então, da iniciativa de dirigentes da Rádio Rio Vermelho em parceria com o poder público (SEDUC-GO e SME de Silvânia), no sentido de criar um programa educativo voltado para o público infantil, estabelecendo um vínculo direto com as escolas que oferecem as séries iniciais do Ensino Fundamental da Regional de Educação de Silvânia. A proposta conseguiu agregar esforços de dois órgãos públicos e uma instituição privada. Pela SEDUC-GO estavam envolvidas no programa, a Superintendência de Educação a Distância e Continuada – SEADEC, a Subsecretaria Regional de Educação – SRE, o Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE de Silvânia. Segundo o Gestor 3, esta parceria *[...] então seria, vamos chamar assim de três órgãos que faria essa tripartite para fazer o Roda Pião: Município, Estado e Rádio*.

---

[18] *O Instituto Auxiliadora* é uma escola confessional católica conveniada com a Secretaria de Educação do Estado de Goiás, fundada em 1º de abril de 1932, pela Congregação das *Irmãs Salesianas – Filhas de Maria Auxiliadora*- sociedade civil, com sede em Belo Horizonte, integrante do Sistema de Educação em Escolas da Inspetoria Madre Mazzarello, Rede Salesiana de Escolas, inspirado nos valores cristãos, marcado pelo paradigma de educar pelo amor mediante o prisma da reciprocidade. Para mais informações ver o seguinte endereço eletrônico: <http://www.cemaeduc.com.br/Site/Coordenadoria/indexSiteCoordenadoriaAction.do?actionType =detalhar&idUnidadeFuncionalSiteCoordenadoria=34>.

Neste projeto, de acordo com o relatório da SEADEC, de 2001, a Secretaria Estadual de Educação seria responsável por: prestar assistência técnica e orientação pedagógica à equipe local; disponibilizar equipamentos e materiais de consumo para a continuidade do *Projeto;* oferecer aos professores, alunos e aos demais envolvidos no Projeto oportunidade de acesso a cursos de formação; disponibilizar recursos financeiros para cobrir despesas com hospedagem, alimentação e transporte dos profissionais envolvidos; apoiar a aquisição ou elaboração de materiais pedagógicos; disponibilizar espaço físico para a equipe local; contribuir com a divulgação do *Projeto* em âmbito regional e nacional.

A Secretaria Municipal de Educação de Silvânia seria responsável por: disponibilizar dois professores para compor a equipe local de produção; cobrir despesas com hospedagem, alimentação e transporte para os envolvidos; adquirir e/ou elaborar material complementar; e transportar os alunos das escolas rurais para participar das gravações em Silvânia. Segundo o Gestor 6, nos últimos anos, a Secretaria Municipal de Educação de Silvânia ficou responsável por quase todos as ações do *Roda Pião* (coordenação local, transporte de alunos, gravação).

A Rádio Rio Vermelho deveria disponibilizar seu estúdio para a gravação e o serviço de um operador de áudio; inserir em sua grade de programação semanal o programa radiofônico *Rádio Pião*, definindo seus horários de veiculação, com duração de 15 minutos; e veicular *spot* para a divulgação dos temas abordados. Até 2005, a emissora participava em todas as etapas de criação dos programas: indicou os participantes da coordenação local, participava da escolha dos temas e elaboração dos roteiros. Cedia o estúdio para os ensaios e gravação, editava e veiculava os programas. Na opinião dos gestores a participação da Rádio Rio Vermelho foi fundamental para o desenvolvimento do *Roda Pião*, como mostra a fala do Gestor 4: *"[...] não só pela parte logística, [...] mas pelo interesse no projeto e pela abertura"*, de um veículo comercial de comunicação para veicular um programa educativo.

Em 2000, a SEDUC-GO distribuiu 12 aparelhos receptores de rádio às Escolas participantes do *Roda Pião*, conforme Figura 7.

DISTRIBUIÇÃO DE APARELHOS DE RÁDIO PARA O *RODA PIÃO*/2000			
Ord.	**Escola**	**Jurisdição**	**Qtde. de Aparelhos**
01	C. E. Dom Emanuel	Estado	02
02	C. E. Moisés Santana	Estado	03
03	E. M. Geraldo Napoleão	Município	01
04	E. M. Fleury Adrião de Siqueira	Município	01
05	E. M. Benedito Lôbo	Município	01
06	E. M. José Eduardo de Mendonça	Município	01
07	E. M. do Quilombo	Município	01
08	E. M. Manoel Caetano	Município	02
TOTAL			**12**

Figura 7 – Distribuição de aparelhos de rádio para o *Roda Pião*/2000.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Em 2002, a SEADEC realizou outra distribuição de equipamentos para as escolas que participam do *Roda Pião*, um total de 104 aparelhos de rádio toca-fita, para as escolas de Silvânia e de Gameleira de Goiás, como mostra a Figura 8.

DISTRIBUIÇÃO DE APARELHOS DE RÁDIO PARA O *RODA PIÃO*/2002				
Escolas de Silvânia				
Ord.	**Escola**	**Jurisdição**	**Qtde. de salas de aula**	**Qtde. de aparelhos**
01	C. E. Moisés Santana	Estado	11	11
02	C. E. Dom Emanuel	Estado	07	07
03	Instituto Auxiliadora	Conveniada	21	21
04	Aprendizado Marista Pe. Lancísio	Conveniada	10	10
05	E.M. Alexandrina Pereira	Município	11	11
06	E. M. José Eduardo Mendonça	Município	08	08
07	E. M. Santo Inácio	Município	02	02
08	E. M. José Braz	Município	01	01
09	E. M. Manoel Caetano	Município	07	07
10	E. M. Geraldo Napoleão	Município	08	08
Escolas de Gameleira de Goiás				
01	E. M. Benedito Lôbo	Município	08	08
02	E. M. Fleury Adrião de Siqueira	Município	10	10
TOTAL			**104**	**104**

Figura 8 – Distribuição de aparelhos de rádio para o *Roda Pião*/2002.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Estes aparelhos possibilitavam a escuta dos programas em sala de aula, no momento em que eram transmitidos pela Rádio Rio Vermelho, cabendo aos professores fazer a mediação pedagógica dos programas com os conteúdos curriculares, bem como sua articulação com a realidade cultural dos educandos.

O professor poderia utilizar, ainda, as gravações dos programas que eram enviados pela equipe local, quando necessário, em seu momento pedagógico. Assim, tendo em mãos os roteiros dos programas e as orientações com sugestões pedagógicas e sobre a transversalidade das questões abordadas nas séries mensais, o professor poderia planejar suas aulas de modo a aproveitar os 15 minutos de transmissão do *Roda Pião* em sala, mediando as discussões e integrando aos conteúdos curriculares.

A relevância do *Roda Pião* pode ser percebida, na análise dos dados coletados por meio dos documentos do *Roda Pião*, que mostraram que nos cincos primeiros anos de existência, entre 1999 a 2004, o programa passou a ser destaque nos meios de comunicação local, nacional e até internacional. A Figura 9 mostra os destaques do programa em alguns jornais e revistas.

DESTAQUE DO *RODA PIÃO* EM JORNAIS E REVISTAS		
Ano	**Publicação**	**Destaque**
2000	Jornal O popular	Debater temas como alcoolismo e violência doméstica. Nesse ano, o *Roda Pião* foi convidado a participar do Congresso Pensar 21, realizado em Goiânia, de 5 a 8 de outubro, organizado pelo Jornal O popular. Nesse evento os alunos fizeram reportagens para o suplemento *Pop* de O Popular do dia 12 de outubro, direcionado aos jovens.
2000	Congresso Latino-Americano de Comunicação	"Crianças educam crianças através do rádio".
2000	Boletim FUNDESCOLA	Contribuir com as atividades da Escola Ativa, programa do MEC para educação no campo. A matéria aponta o *Roda Pião* como uma inovação na escola que estimula o lado criativo do aluno.
2000	Revista TV Escola	O rádio como instrumento de aprendizagem. Projeto educativo de rádio em Silvânia dinamiza o processo didático-pedagógico.
2001	Jornal Diário da Manhã	"Crianças que fazem", destacando os programas e a mobilização das crianças para proteger um orelhão e a retirada de uma draga de rio de Silvânia.
2001	Revista Interação Marista	"Cidadania entra em sala pelas ondas do rádio". A matéria destaca a importância da audição em sala de aula e da discussão de temas que promovem a criatividade e a construção da cidadania.
2001	Revista Nova Escola	"Educação Oral – Aprenda a usar o rádio para desenvolver a expressão, estimular a cidadania e elevar a auto-estima da sua sala". A reportagem destaca a dinâmica do programa, que consiste na utilização dos roteiros pedagógicos que o professor recebe antecipadamente com sugestões de como abordar os temas em sala de aula, onde os alunos sentam em roda para ouvirem o rádio.

Figura 9 – Destaque do Roda Pião em jornais e revistas.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Após a matéria da Revista Nova Escola, em 2001, apresentando a experiência do *Roda Pião* em trabalhar a expressão oral, utilizando a linguagem radiofônica, a coordenação

do *Projeto* recebeu solicitações de informação de professores e alunos de várias regiões do Brasil, como mostra a Figura 10.

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE O *RODA PIÃO*, APÓS DESTAQUE NA REVISTA NOVA ESCOLA/2001	
Cidade/Estado	**Mensagem**
Campinas – SP	Professora da EJA deseja trabalhar o rádio com seus alunos e solicita informações sobre a estrutura do *Projeto*.
Sônia – SP	Solicita maiores informações sobre o *Roda Pião*.
Salvador – BA	Professor de Escola Comunitária Municipal de Canabrava se interessa em saber mais informações sobre o trabalho com rádio e expressão oral.
Juazeiro do Norte – CE	NTE de Juazeiro do Norte quer implantar rádio escola e solicita informações sobre a estrutura e funcionamento do *Roda Pião*.
Niterói – RJ	Acadêmica de Pedagogia, das Faculdades Integradas Maria Tereza de Niterói, deseja realizar pesquisa de monografia sobre o assunto.
Vitória – ES	Professora pede informações sobre como o *Roda Pião* trabalha expressão oral e estimula a cidadania.
Rio Branco – Acre	Alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre desejam saber mais sobre o trabalho com expressão oral realizado pelo *Roda Pião*, pois estão fazendo monografia sobre liberdade de expressão na sala de aula.
Dores do Indaiá – MG	Aluna de 13 anos de idade de uma escola estadual deseja saber com é feito o programa e qual é a aceitação dos estudantes.
Juiz de Fora – MG	Professora da rede pública de ensino pretende desenvolver um projeto de rádio nas escolas em que trabalha e gostaria de saber mais informações sobre o *Roda Pião*.

Figura 10 – Solicitação de informações sobre o Roda Pião.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Neste período, o *Roda Pião* foi finalista de grandes concursos nacionais na área de comunicação, com destaque para: *Microfone de Prata*, no Prêmio Nacional da Rede Católica de Rádio, em 2000; Finalista do 5º Grande Prêmio de Jornalismo Ayrton Senna, em 2002; e 1º lugar no 4º Prêmio Docol e Ministério do Meio Ambiente de Jornalismo, pelos programas: *Água nossa de cada dia* e *Água fonte da vida*, em 2004.

Este mesmo período coincide com o tempo em que a coordenação do *Projeto* estava sob a responsabilidade da Rádio Rio Vermelho, que permaneceu à frente do *Projeto* até 2005, quando a SEDUC-GO assumiu a coordenação, produzindo, em estúdio especialmente montado para isso, os programas radiofônicos, rompendo, assim, a parceria com a emissora Rádio Rio Vermelho, que se limitava à veiculação dos programas.

Segundo os depoimentos de gestores e professores, entretanto, durante a trajetória do *Roda Pião* houve desgastes naturais como em qualquer programa, seja educacional ou comunicacional, seja por motivos econômicos ou de relações interpessoais, seja pelo desinteresse dos professores e gestores escolares. Em se tratando de projeto educacional, poucas foram as experiências com a duração do *Roda Pião* (12 anos), mesmo entre os programas financiados pelo governo federal

Em 2010, medidas da SEDUC, extinguindo as figuras dos Dinamizadores – professores lotados nas unidades escolares com a atribuição de promover ações de uso das TIC no processo ensino-aprendizagem – e desativando o *Programa Rádio Escola Sem Fronteiras*, comprometeram a continuidade não só do Roda Pião, como, também, de outros projetos que promoviam o uso pedagógico do rádio.

Em 2011, o *Roda Pião* teve, então, suas atividades interrompidas, pela falta de apoio da SEDUC-GO.

No momento da realização desta pesquisa, no entanto, foi possível observar nas falas dos sujeitos da pesquisa um certo sentimento de perda e um desejo do retorno do *Projeto*, visto que o *Roda Pião* apresenta uma proposta de integração entre Escola, Família e Mídia, e é um aliado do ponto de vista de estratégias metodológicas.

4.2 Estrutura e funcionamento do *Roda Pião*

Diferentemente de muitos projetos educativos, inclusive os projetos de rádio escola analisados na produção acadêmica mapeada no Apêndice B, que, em muitos casos, se limitam ao espaço de uma escola, o *Roda Pião* abrangeu todas as escolas de Ensino Fundamental da região de alcance das ondas da emissora de Rádio Rio Vermelho de Silvânia. Conseguiu mobilizar professores, alunos, autoridades políticas e religiosas, dirigentes comerciais e comunidade em geral em torno de uma proposta singular de educação via rádio. Uma proposta audaciosa, na visão dos sujeitos da pesquisa, como relata o Gestor 2:

> *[...] Nós queríamos assim que abrangesse toda a nossa regional de Silvânia, com exceção de Orizona, onde a Rádio não tinha cobertura. Então, ficaram no Projeto as escolas Estaduais e Municipais de Gameleira, São Miguel do Passa Quatro, Leopoldo de Bulhões, Vianópolis, Silvânia, que era a sede, e, também, Bonfinópolis.*

Inicialmente, em 1999, o *Projeto* atendeu a 22 escolas de cinco municípios da regional de Silvânia. Em 2001, pela especificidade do programa – desenvolvido para as séries iniciais do Ensino Fundamental – passou a beneficiar 17 escolas, 3.014 alunos e 105 professores, conforme Figura 11.

INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES DO *RODA PIÃO*				
Ord.	**Escola**	**Municípios**	**Qtde. de Alunos**	**Qtde. de Professores**
01	C. E. Dom Emanuel	Silvânia	439	11
02	C. E. José Paschoal	Silvânia	227	19
03	C. E. Moisés Santana	Silvânia	147	07
04	Ginásio Anchieta	Silvânia	456	20
05	Instituto Auxiliadora	Silvânia	671	21
06	Aprendizado Marista Pe. Lanciso	Silvânia	239	10
07	E. M. Alexandrina Pereira	Silvânia	170	07
08	E. M. Benedito Lobo	Gameleira	123	06
09	E. M. Fleuri Adrião	Gameleira	98	05
10	E. de 1º grau Geraldo Napoleão	Silvânia	219	11
11	E. M. José Brás	Silvânia	25	01
12	E. M. José Eduardo de Mendonça	Silvânia	161	06
13	E. M. Manoel Caetano	Silvânia	131	05
14	E. M. Santo Inácio	Silvânia	44	02
15	C. E. Adonias Lemes Prado	São M. P. Quatro	413	09
16	E. E. Americano do Brasil	Vianópolis	64	02
17	E. E. Geralda Luzia Vechhi	Leopoldo de Bulhões	70	02
Total Geral			**3.014**	**105**

Figura 11 – Instituições participantes do *Roda Pião*, a partir de 2001.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Em 2010, devido às reorganizações operacionais das redes de ensino, o *Roda Pião* passou a atender apenas a 10 escolas, sendo oito de Silvânia e duas de Gameleira de Goiás.

Indiretamente, porém, os temas discutidos pelo *Roda Pião* incentivaram atividades em todas as escolas de Silvânia, inclusive as de ensino médio, as quais utilizavam os programas, embora não mantivessem nenhum vínculo com o *Projeto*. Segundo um dos gestores, algumas escolas utilizavam os assuntos abordados no *Roda Pião* por considerarem importantes no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com o documento de criação do *Projeto*, seus objetivos eram: contribuir com a comunidade escolar através do rádio, atendendo às especificações dos PCNs e promover a integração entre a escola e a comunidade. Deveria ainda, valorizar a ludicidade como eixo da cultura infantil e como instrumento de leitura do mundo; contribuir na construção de uma consciência cidadã e no processo de implantação e implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente; criar um canal de divulgação e produção cultural para crianças e adolescentes; promover o brincar, o criar, o desafiar alicerçados na solidariedade, na visão crítica e no respeito à pessoa.

A Figura 12 retrata os objetivos do *Projeto*, na percepção dos sujeitos da pesquisa.

OBJETIVOS *DO RODA PIÃO* NA VISÃO DE GESTORES E PROFESSORES	
Sujeitos	**Objetivos**
Gestores	– utilizar o rádio como um canal de educação, levando os alunos da primeira fase do Ensino Fundamental a trabalhar a construção do conhecimento por meio da linguagem radiofônica. – tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas, proporcionando maior interação entre a mídia e a sala de aula, relação que o computador ainda não havia conseguido. – despertar no professor a possibilidade de outras estratégias de aprendizagem, capaz de levar o aluno a se reconhecer como protagonista, autor e produtor do próprio conhecimento. – desenvolver habilidades de falar, ouvir, ler e escrever, desenvolvendo a oralidade do aluno, para isso pautou-se pela ludicidade e transversalidade por meio dos conteúdos educacionais. – desenvolver as potencialidades dos alunos, de forma pedagogicamente diferente daquela da sala de aula. – trabalhar os temas transversais, a transversalidade do conteúdo na perspectiva da formação cidadã. – contribuir com o papel do professor na sala de aula, possibilitando que os alunos tivessem uma aprendizagem diferenciada, mais prazerosa, mais lúdica.
Professores	– contextualizar a prática da sala de aula. – discutir conteúdos que são trabalhados em sala de aula, complementando, assim, o trabalho do professor. – trabalhar a oralidade das crianças que participavam das gravações dos programas, porque elas tinham que se preparar para essa gravação. – disponibilizar uma nova ferramenta, uma nova metodologia para inovar as aulas.

Figura 12 – Objetivos do *Roda Pião*, na visão de gestores e professores.
Fonte: Entrevistas com gestores e grupo focal com professores.

Percebe-se nos relatos acima, que os objetivos do *Roda Pião* foram apresentados em dois aspectos: muito audaciosos, na visão dos gestores, e mais realistas, na percepção das professores. Esta diferença pode ser atribuída ao fato dos gestores terem idealizado o *Roda Pião* com a perspectiva de avançar para uma produção autônoma dos professores e alunos das escolas, ou seja, da escolha dos temas à gravação dos programas sob a responsabilidade da escola. Como a equipe do *Roda Pião* produzia os roteiros pedagógicos com as orientações e sugestões de aplicabilidade dos programas em sala de aula, as professoras não avançaram para a produção dos programas, ficando na utilização dos temas e programas gravados.

De maneira geral, os objetivos do *Roda Pião* apresentados pelos gestores e professores estão relacionados com o uso da comunicação nos processos educativos, contribuindo para o enriquecimento da prática pedagógica do professor e da aproximação da sala de aula com a realidade do aluno. Estas afirmações ficam mais evidentes na fala do Gestor 4: "[...] N*esse projeto o que eu acho que era muito importante é aquela proposta de comunicação e educação, que é mais libertária, que é de fazer com que o aluno e a escola se apropriassem das ferramentas da comunicação até para entender a própria comunicação"*.

Nesta mesma percepção o Gestor 5 afirma que,

> *o objetivo do Roda Pião era usar o rádio em favor da educação, mas que a criança pudesse participar efetivamente da produção do programa, tanto é que o lema do programa era "criança fazendo comunicação". O objetivo dele era utilizar o veículo rádio, o veículo de comunicação rádio, que é de fácil acesso, vai para qualquer lugar, para que a criança pudesse ter também um complemento na sala de aula. E o grande feeling do programa era que o menino escutava o programa lá na sala de aula junto com o professor.*

Percebe-se que alguns gestores tinham a compreensão da importância e possibilidade de trabalhar a comunicação nos processos educacionais, de forma a utilizar o rádio como um canal de educação. Uma concepção de "educação para e pelos meios", como afirmam os estudos de Soares (1999), ao reconhecer na relação comunicação e educação um novo espaço de aprendizagem, que leva o aluno a compreender os processos de produção e difusão das mídias, numa perspectiva de formação crítica do indivíduo.

Os gestores daquele momento idealizaram a possibilidade de criar um programa que pudesse ser trabalhado na perspectiva de transformar o aluno de ouvinte passivo a um participante ativo, "*ao invés do aluno ouvir, que ele fosse protagonista"* (GESTOR 7) da construção do próprio conhecimento.

A percepção deste gestor pode ser caracterizada como uma forma de comunicação escolar, na concepção de Penteado (2002), onde o conhecimento (mensagem) passa de pronto, acabado e único, a conhecimento em construção, incompleto, uma construção coletiva. O professor (emissor) deixa de ser o transmissor de conhecimento para se tornar o organizador de situações de aprendizagem, o mediador do conhecimento; e o aluno (receptor) passa de agente passivo, a manipulador, explorador, produtor e co-produtor do conhecimento.

Uma concepção também orientada por Freire (1977), ao afirmar que o papel do professor não é o de quem transfere, deposita algo em seu educando, como se este fosse arquivadores de seus comunicados. Segundo o autor, uma educação pautada nestes princípios constitui uma espécie de assistencialismo educativo, que impede que os assistidos vejam clara e criticamente a realidade.

Na percepção de uma professora da Escola 1, os meios de comunicação, em especial, o rádio, têm a função de possibilitar a participação das pessoas, de fazê-las se sentir útil. O rádio durante muito tempo serviu para as pessoas enviarem recados, uma forma de aproximar as pessoas. Não se pode deixar que as tecnologias e a globalização sufoquem a essência do

rádio, nem que ele continue apenas mandando recados, cartas e contando histórias. Para esta professora,

> *o Roda Pião é um momento desses, seria importante que ele voltasse porque iria estar meio que entre aspas, uma ingenuidade, de uma simplicidade dentro de um todo tão grandioso que está tomando as novas tecnologias, a pessoa vai ficando distante e vai mandando mensagem pelo celular e pelo facebook e não sei o quê e está ficando todo mundo tão longe, no rádio a pessoa fala e o outro escuta, mesmo que não esteja assim pessoalmente, mas é muito mais direto do que palavras escritas* (Professora 3 – Escola 1).

Ainda segundo esta professora, o rádio é mais caloroso, menos frio, menos impessoal que outras tecnologias, *"porque quando a gente está aqui e escuta o programa dos meninos lá do quilombo, é como se a gente estivesse vendo os meninos do quilombo*[19]*"* (Professora 1 – Escola 1).

A percepção da professora nos remete à definição de meio de comunicação quente de McLuhan (1964), em que as mensagens transmitidas pelo rádio, não deixam muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência, pois a quantidade de dados que chega a eles é suficiente, não exigindo que se esforcem para aprender.

Para Andrelo e Kerbany (2009), a hipótese é que a linguagem radiofônica tem potencial educativo, mas é necessário que seja elaborada em conformidade com o gênero educativo. Segundo as autoras, é preciso estabelecer parâmetros claros para a produção de programas educativos, para não repetir erros históricos, como reproduzir para o microfone o modelo tradicional de aula, ou produzir programas com finalidades educativas com uso excessivo de formatos de entretenimento, gerando mais diversão do que o aprendizado de conteúdos relevantes. É preciso refletir sobre o conceito de gênero educativo no rádio, pois

> o rádio não é como os outros instrumentos pedagógicos com que a educação, historicamente, tem lidado. Trata-se de uma tecnologia marcada por características próprias e por um uso social específico: entretenimento, com pequenos espaços para informação; oralidade; instantaneidade, já que a mensagem precisa ser ouvida no momento da emissão; além de uma recepção marginal da mensagem, uma vez que o produto radiofônico disputa a atenção da audiência com várias outras atividades (ANDRELO; KERBANY, 2009, p. 149).

Pelo depoimento de um dos gestores, o *Roda Pião* com seu estilo próprio, no qual crianças utilizam-se de brincadeiras para informar e instruir sobre coisas sérias do cotidiano

---

[19] Quilombo é uma região do Município de Silvânia habitada por população quilombola, remanescente dos Quilombos, onde está localizada uma escola rural participante do *Roda Pião*.

da população, logo conquistou a audiência do público da Rádio Rio Vermelho. Segundo este gestor,

> *[...] no início, muita gente via o Roda Pião até como uma parada na programação da rádio, porque ele ia ao ar em um horário nobre, não era completando uma programação: 8h15 da manhã é horário nobre no rádio. Mas aquilo foi entrando, assim, sutilmente no meio do nosso ouvinte que ele já tinha o Roda Pião como algo que ele tinha que acompanhar. Porque o rádio a pessoa liga o rádio cedo, a maioria das pessoas liga e deixa lá ligado, ela está fazendo seus afazeres, a dona de casa está trabalhando e tal e o rádio está ligado. No começo, as pessoas reclamavam: "ah, esse programa de meninos atrapalhou a minha música". Depois, aos poucos, ele foi sendo incorporado como algo da Rádio Rio Vermelho.* (GESTOR 5).

A iniciativa da Rádio Rio Vermelho de propor um programa educativo, considerando suas características de rádio comercial, é algo pouco encontrado neste meio. Visto que no Brasil,

> a radiodifusão, embora seja um serviço público, é voltada quase que na totalidade ao gênero de entretenimento e, com menor espaço, ao gênero informativo. Sua finalidade principal é a comercialização de publicidade e, para isso, a elaboração é pautada, muitas vezes em pesquisa de audiência (ANDRELO; KERBANY, 2009, p. 150).

Para as autoras, devido esta característica comercial do rádio, torna-se difícil encontrar iniciativas voltadas para a educação escolar, mesmo sendo este quesito um dos critérios para outorga de concessões, como determina a Portaria Interministerial n. 651 (BRASIL, 1999). Neste sentido, as autoras lançam uma questão importante: como elaborar programas educativos sem levar para o rádio o formato da sala de aula? A resposta, segundo elas é positiva. Mas, as autoras alertam para que a produção radiofônica seja em “consonância com a perspectiva educacional que leva em consideração o aluno/ouvinte como um ser ativo e não como um mero receptáculo de informações” (ANDRELO; KERBANY, 2009, p. 163).

Del Bianco (2000), em sua análise sobre o uso do rádio, destaca que os programas educacionais institucionalizados não são de interesse das rádios comerciais, pois quase sempre são de caráter partidário, e não apresentam garantia de periodicidade na produção. Os programas educacionais de rádio, em geral, trazem uma reprodução da sala de aula, tornando-se chatos e não conquistando audiência, que é o objetivo das empresas de comunicação.

Ao contrário desta lógica de mercado, o Gestor 5 afirma que a audiência da Rádio Rio Vermelho é o caráter local e o *Roda Pião* trouxe isso, uma forma diferente de informar e formar. Segundo este Gestor,

> *[...] nós tentamos regionalizar o Roda Pião. Então, o que mais me encantou no Roda Pião foi falar das coisas da gente. A lenda do poço da roda, que aqui tem uma lenda que a cidade foi fundada a partir do ciclo do ouro, que tem uma serpente enterrada debaixo de uma igreja, certo? Coisa que você não vai ver nos livros didáticos. Foi falar, por exemplo, da devastação do cerrado, que é uma coisa que a gente vive aqui na região* (GESTOR 5).

De acordo com os depoimentos, o *Roda Pião* não só quebrou este rótulo de que programas educativos são monótonos, chatos e não dão audiência, como foi reconhecido por professores e alunos como uma nova forma de ensinar e aprender. Foi uma experiência de programa de educação institucional que fugiu à regra, permaneceu no ar por mais de 12 anos, sendo transmitido semanalmente, sem interrupção nem repetição de programa.

Para elaborar uma proposta de produção radiofônica, deve-se atentar para as especificidades dos campos da comunicação e educação. Nesta perspectiva Andrelo e Kerbany (2009, p. 155) identificam algumas orientações para a elaboração de um programa educativo, que segundo elas pode focar:

- na análise do conteúdo, essencial para a educação, mas de forma genérica: pode-se pensar que a mensagem veiculada trata de conteúdo informativo, igualando-o ao gênero jornalístico;
- na apresentação de conteúdos tipicamente escolares: esta proposta não pode ser estabelecida como parâmetro. Primeiro, a noção de temas transversais leva praticamente todos os assuntos para o interesse escolar – a mídia, a cidadania, a política, a sexualidade entre outros. Segundo, vários temas "oficiais" da escola também interessam à mídia, por exemplo, os conceitos da geopolítica vão ajudar um produtor jornalístico a explicar determinado conflito mundial. Terceiro, o perfil extremamente especializado de tratar determinado campo do saber, neste caso, o programa terá como alvo um público formado por especialistas, já conhecedores dos temas tratados.

Percebe-se que vários são os fatores que precisam ser levados em conta ao elaborar um programa radiofônico educativo. Na análise de Andrelo e Kerbany (2009), nesta elaboração, o conteúdo a ser trabalhado, embora fundamental, não deve ser o único norteador. Deve-se considerar a princípio, a formação por competência, capaz de agir com eficiência em determinada situação, apoiada em conhecimentos, mas não se limitando a eles. Isso significa relacionar a educação às práticas sociais, perspectiva que pode ser contemplada no potencial

educativo do rádio, segundo as autoras. Além disso, os programas são elaborados levando em conta um determinado público que se espera-se atingir, o ouvinte; em se tratando de educação, o aluno.

Nesta perspectiva, segundo Andrelo e Kerbany (2009), o conteúdo não pode ser o único parâmetro a ser considerado, mas deve-se pensar na finalidade do programa, para que possa diferenciar o ato de informar do ato de instruir. Por isso, é necessário refletir sobre como propor a aprendizagem via rádio, respeitando a bagagem cultural dos ouvintes, em um veículo que atinge um público amplo e heterogêneo.

Segundo as autoras, outro aspecto a se considerar são os atores, especificamente os produtores e a audiência. Neste sentido, o programa deve permitir uma interação por parte do ouvinte, mesmo que se limite aos momentos da produção e da recepção. Na produção, deve se considerar que o público do rádio é amplo e heterogêneo; no momento da produção, no entanto, torna-se mais difícil considerar o repertório do ouvinte. Logo, o produtor idealiza o perfil do público que pretende atingir. Nos programas educativos, é preciso pensar sobre a participação dos ouvintes, na fase de produção, criando canais de comunicação. A interação no momento da transmissão pode acontecer de forma discursiva, na instância da recepção, pois, a maior parte dos programas educativos é gravada, não sendo possível, durante a enunciação, a interação entre enunciador e enunciatário.

No caso do *Roda Pião*, a interatividade se dava por meio das cartas e pelos concursos de redação e desenho, pois os alunos eram incentivados a produzirem textos e desenhos sobre os temas discutidos pelo projeto e sobre o próprio *Roda Pião*. Em reuniões periódicas com a equipe local, os diretores, professores e coordenadores pedagógicos sugeriam temas e avaliavam *o Projeto*, além de manterem um *blog* com informações sobre o mesmo. O *Projeto* foi elaborado tendo como público alunos de escolas públicas. Mas, segundo os gestores os assuntos discutidos eram de interesse social, principalmente por tratar de questões sociais, ambientais e culturais, na perspectiva de formação cidadã.

A produção do *Roda Pião* seguia uma sequência de ações, conforme mostra a Figura 13.

FASES DE PRODUÇÃO DO *RODA PIÃO*, NA VISÃO DOS GESTORES		
Fases	**Descrição**	**Responsável**
1ª	Definição bimestral dos temas que seriam abordados em uma série de programas.	Equipe Local
2ª	Pesquisa e o aprofundamento da temática, coleta de materiais para a fundamentação teórica dos quadros.	Equipe Local
3ª	Definição dos quadros, que consistia em: **uma parte fixa, a abertura, as histórias, e o fechamento.** Os quadros são: Diálogo, Fique por Dentro, Trava-língua, Receita, História, Aquele Abraço, O Bom Repórter, Brincadeiras, Vá Pesquisar, Música, Poesia, O que é, o que é?, Curiosidades.	Equipe Local
4ª	A escola, com base nos roteiros pedagógicos e no cronograma de gravação, deveria preparar e selecionar os alunos que gravariam o programa.	Escola/ Professores
5ª	Consistia na gravação dos programas, onde os alunos selecionados pelas escolas eram levados ao estúdio para a gravação, seguindo o calendário organizado pela equipe local, em rodízio entre as escolas para que todas tivessem a oportunidade de participar.	Equipe Local/ Alunos

Figura 13 – Fases de produção do Roda Pião, na visão de gestores.
Fonte: Entrevistas com gestores.

A **primeira fase do processo** iniciava-se com a equipe de produção local reunindo-se duas vezes por semana, definindo bimestralmente os temas que seriam trabalhados em série. Normalmente, um mês fechava uma série de quatro a cinco programas dentro de um mesmo tema.

A princípio os temas eram selecionados segundo o calendário ou as datas comemorativas, como por exemplo, estações do ano, feriados religiosos, eleições e outros eventos. Segundo o Gestor 5, a equipe "*escolhia os temas basicamente pelo calendário, então, no programa de novembro você trabalhava igualdade racial por causa da data de Zumbi, você trabalhava o dia da bandeira, os símbolos nacionais*".

Poderiam ser temas discutidos e sugeridos pelos professores das escolas participantes, temas relacionados com algum conteúdo que seria trabalhado por eles em sala de aula, como a cidadania, meio ambiente, economia, orientação sexual, saúde, ética, pluralidade cultural, consumismo e outros.

Para Penteado (2002), pensar a educação escolar como um processo de comunicação é necessário para criar possibilidades de interação entre os sujeitos e a significação do processo de ensino-aprendizagem, que se concretiza em uma ação fundamentada no diálogo, na problematização e na criticidade.

Pelos depoimentos, a proposta do *Roda Pião* era justamente esta: criar formas de tornar a aprendizagem significativa e estimular a participação efetiva dos alunos. Uma concepção de formação cognitiva, valorativa, atitudinal e procedimental, em uma relação em que a construção do conhecimento acontece de forma contínua em uma cumplicidade entre professor/aluno/conhecimento, como propõe Penteado (2002), Porto (2001) e Fusari (2001).

Penteado (2002) apresenta as tecnologias comunicacionais como meios potencializadores da comunicação humana. De acordo com a autora, a utilização das tecnologias da comunicação exercerá seu poder de transformação, no sentido de aprimorar os processos educacionais como suporte de aprendizagem e para o exercício da cidadania, quando for utilizada em um contexto de vivência didática, capaz de possibilitar o exercício comunicacional, tornando a educação um processo específico de comunicação.

Esta reflexão reafirma a importância emergente de se aprofundar as discussões sobre as interfaces entre os campos da comunicação e educação, reconhecendo nos meios de comunicação um espaço propício para ampliar as possibilidades da construção do conhecimento, envolvendo além da formação intelectual e das habilidades, o desenvolvimento de consciência e atitudes, de convivência e cidadania.

Observa-se, entretanto, que a utilização dos meios de comunicação nos processos educativos, quase sempre se dá em uma perspectiva instrumental, sem se preocupar com as concepções de educação com vistas a uma formação para a emancipação, para a cidadania e para a crítica. Segundo Martin-Barbero, “nada pode prejudicar mais a educação que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar” (MARTIN-BARBERO, 2000, p. 52).

Este modelo, segundo Penteado (2002), consiste em uma metodologia comunicacional escolar, um agir comunicacional nos processos educativos, no qual os agentes pedagógicos (professor e aluno) constroem juntos o conhecimento de forma coletiva, dialógica e solidária. Para Gomes (2004), essa comunicação deve ser horizontal, um processo comunicacional realmente democrático e participativo.

Para efetivar este modelo comunicacional na escola, como propõem Penteado (2002) e Porto (2001), é necessário desprender-se do modelo tradicional e tecnicista de ensino, buscando valorizar o potencial de produção, participação, autonomia e autoria que os meios de comunicação possibilitam. Para Martin-Barbero (1999, p. 27) seria estratégico pensar “a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual, ou, em

outras palavras, o ecossistema comunicativo que constitui o meio educacional difuso e descentralizado no qual estamos imersos".

Cabe a escola, contudo, criar condições para a efetivação do uso transformador destes meios em estratégias metodológicas de aprendizagem, uma atividade que, segundo Penteado (2001), requer transformar o momento solitário do planejamento do professor, em um processo coletivo de partilha.

O *Roda Pião*, ao discutir temas de caráter social, com possibilidade de promover a cidadania, caracteriza o papel estratégico do rádio, apontado nos texto de Bertolt Brecht, *Teoria do Rádio*, escritos entre 1927 e 1932, ao reconhecer suas potencialidades de comunicação e função social.

Após a definição do tema, a equipe de produção inicia a **segunda parte do processo**. De acordo com os gestores, esta etapa da produção era importantíssima para a criação dos textos que comporiam os roteiros pedagógicos dos programas. Os conteúdos *do Roda Pião*, de caráter transversal, buscavam complementar os conteúdos institucionais de sala de aula, com foco na construção social da cidadania, como propõem Andrelo e Kerbany (2009).

A **terceira fase de produção** consistia na definição dos quadros que comporiam os programas radiofônicos(Anexo B). Estes quadros contavam com uma parte fixa, a abertura, as histórias (Anexo C) e o fechamento. Segundo o Gestor 6 [...] o*s quadros fixos eram o diálogo inicial, o diálogo final e a história. [...] Todo programa tinha que ter o diálogo inicial, uma história e o diálogo final para fechar.* Cada programa tinha, também, uma parte rotativa e variada, que era o desenrolar do tema. "*Então, tinha sempre o quadro da história, poderia ter entrevistas, poderia ter notícias da escola, quadro fantástico e por aí, um ganho enorme de possibilidades"* (GESTOR 7).

Os quadros – *Diálogo, Fique por Dentro, Trava-língua, Receita, História, Aquele Abraço, O Bom Repórter, Brincadeiras, Vá Pesquisar, Música, Poesia, O que é, o* que é?, *Curiosidades* – eram definidos de acordo com o conteúdo a ser abordado. A equipe de produção procurava evitar a repetição dos quadros, dentro de uma mesma série, para quebrar a monotonia, ou seja, havia um rodízio entre estes quadros, *"um ganho enorme de possibilidades"*, como afirma o Gestor 7.

Outro aspecto do *Roda Pião* que o aproxima das definições de Brecht (2005) de que o rádio deveria ser um instrumento capaz de proporcionar voz a sociedade, retratando seu

cotidiano, suas expressões e sua cultura, são os quadros que promoviam a interação com a população, como o quadro *Curiosidades* e *Você sabia?*

Nestes quadros, a Rádio recebia perguntas e dúvidas dos ouvintes que eram respondidas no quadro. Segundo os alunos, estes quadros eram muito interessantes, tinham curiosidades como, por exemplo, "*o óleo não se mistura com a água, tem pessoas que não sabiam, aí aparece, você sabia que o óleo não se mistura com a água?"* (Aluno 1 – Escola 1).

Para os alunos, com esta metodologia, a aprendizagem acontecia de forma amistosa e bastante divertida. *"Eles lançam mais ou menos assim, uma palavra de um jeito, por exemplo, uma coisa que as pessoas podem achar chata, só que transformam essa coisa bem divertido"* (Aluno 1 – Escola 1). Para este aluno, o *Roda Pião* transforma em brincadeiras, coisas sérias e importantes para a vida inteira, "*falado de um jeito divertido, uma coisa interessante, importante, que a gente nunca vai esquecer"* (Aluno 1 – Escola 1).

Para os gestores, foi essencial manter alguns cuidados, como procurar refletir sobre os conteúdos pesquisados, mas em um contexto essencialmente lúdico; empregar uma linguagem que buscasse o envolvimento dos ouvintes; e procurar estratégias que prendessem a atenção da criança.

Para os professores, o *Roda Pião* representava a oportunidade de *"inventar outros momentos em sala que não só o livro didático, enfim, um momento que enriquecesse nosso trabalho"* (Professora 7 – Escola 1).

Ressante-se, ainda, que, sempre que possível, são aproveitados na elaboração de quadros trabalhos elaborados pelos alunos, bem como, experiências práticas de algum professor. Na verdade, esta era a proposta do *Roda Pião*, *"a possibilidade de um programa que pudesse ser trabalhado... ao invés do aluno ouvir, que ele fosse protagonista"* (Gestor 7), ter a participação dos alunos e professores em todo processo de produção do programa e não só na gravação. *"É preciso que fique claro que a ideia era sempre os meninos escreverem, os meninos produzirem a matéria"* (Gestor 1). Na percepção dos gestores e professores a participação dos alunos na produção dos programas radiofônicos não se concretizou, devido à dificuldade de se conciliar a técnica de gravação e produção com o tempo disponível, a falta de integração entre a equipe local e os professores na produção dos programas e, mesmo, o pouco interesse das escolas em promover essa participação.

Do ponto de vista da mediação, esta postura da escola em não assumir a produção dos programas e a excessiva preocupação da equipe local com a técnica de produção e

gravação não consideravam a escola como local de encontro de muitas culturas e de mediação, como afirma Orofino (2005). Na escola esta mediação é promovida pelas relações sociais e pelos objetos culturais em uma troca visando o desenvolvimento dos indivíduos, nas dimensões cognitiva, afetiva e moral, em que o papel do professor é promover reflexões, discussões sobre as informações pesquisadas. Neste caso, prevaleceu a mediação *situacional*, onde deveria ser fortalecida a mediação *institucional*.

Concluídas as séries, a equipe local do *Roda Pião* elaborava os *Roteiros Pedagógicos*, com sugestões didático-pedagógicas, de acordo com os temas dos programas. Estes roteiros eram enviados às escolas, juntamente com um cronograma de gravação, para que os professores pudessem utilizá-los nos planejamentos das aulas e selecionar os alunos que participariam das gravações, como explica o Gestor 7:

> *O roteiro pedagógico chegava às escolas impreterivelmente no final da semana para a semana subsequente, então, por exemplo, quinta e sexta feira esse roteiro já estava na escola e a escola poderia agregar ali ao seu planejamento o seu momento pedagógico ali, ela já tinha condições de já trabalhar todos aqueles conteúdos*

Na quarta fase, a escola, com base nos roteiros pedagógicos e no cronograma de gravação, deveria preparar os alunos que gravariam os programas radiofônicos. A equipe de produção orientava que as instituições criassem oportunidades para a participação de todos os alunos. Uma escola poderia ser responsável pela gravação de vários programas durante o ano. As escolas deveriam ainda buscar situações significativas para a escolha e preparação dos alunos que participariam da gravação.

Nesta etapa, os temas eram trabalhados com os alunos em sala de aula, antes da gravação. Esta atividade era orientada pelo roteiro do programa e pelo roteiro pedagógico, momento em que os professores selecionavam os alunos que iriam gravar. A escola, por meio dos professores e da coordenação pedagógica, organizava o tempo para preparar os alunos. Estes alunos apresentavam os temas, em sala de aula ou no momento do recreio, como forma de ensaio. Alguns professores preparavam estas apresentações sobre a temática dos programas a serem gravados em forma de teatro para todos os alunos da escola.

> *E era bom na sala de aula porque quando tinha um tema a gente estudava em todas as disciplinas, tipo a consciência negra, a gente estudava não só em geografia, história, a gente estudava em português também uma poesia que falava sobre os negros, e também a professora dava um tempo para a gente falar o que era consciência negra pra gente* (Aluno 4 - Escola 1).

Os roteiros pedagógicos de uma série de programas eram enviados mensalmente para as escolas, assim, os temas eram inseridos no planejamento da escola e nos planos de aula dos professores. Inicialmente, a transmissão acontecia toda segunda-feira, às 15 h e 35, e, às terças-feiras, às 10 h e 30, ou seja, no horário de recreio. Depois, os programas passaram a ser transmitidos às terças-feiras, às 8 h e 15, para o turno matutino, e, às 13 h e 15, para o vespertino.

Os professores tinham a responsabilidade de selecionar as crianças que representariam a escola. Devido ao grande número de escolas, este rodízio poderia durar mais de um mês. Para que este tempo não fosse tão longo, a equipe local passou a oportunizar mais de uma escola para cada programa, alunos de duas ou três escolas eram selecionados para gravar um programa. Isso era possível, principalmente, pela sua organização em quadros, assim, cada escola poderia gravar um quadro.

Quanto à escolha dos alunos que gravariam os programas, os professores priorizavam aqueles que apresentavam mais facilidade para memorizar o texto e que tinham maior capacidade de expressão oral, uma exigência da dinâmica de produção do *Roda Pião*, não havendo um critério definido que fosse menos excludente. Assim, eram selecionados,

> *quase sempre os meninos maiores e os que tinham assim mais expressividade não só na leitura, mas na espontaneidade própria. [...] Mesmo porque para não ficar retocando demais, para não ficar com cara de coisa ensaiada, porque o bonitinho do Roda Pião era a espontaneidade mesmo das falas* (Professora 4 – Escola 1).

Na verdade, os alunos não participavam da produção dos programas, da escrita das pautas, das pesquisas para elaboração dos quadros. Mais uma vez, a mediação situacional prevalecia. Rodrigues (2006) entende que a mediação significa criar metodologias e estratégias de utilização de materiais que viabilizem a aprendizagem autônoma. Nesta perspectiva, entende-se que esta autonomia de aprendizagem aconteceria pela participação do aluno em todas as fases de produção dos programas, o que não aconteceu no *Roda Pião*.

Para as professoras da Escola 2, cada escola tinha seus critérios de escolha dos alunos que iriam gravar o programa. Nesta escola, por exemplo, eram escolhidos aluno do 5º ano, por eles estarem saindo da escola. Mas, em geral os professores escolhiam os melhores em leitura, com boa expressão oral, *"porque não adiantava nada escolher um menino que chega lá...e dá trabalho para gravar"* (Professora 1 - Escola 2). *"E mesmo assim tem criança que vai lá... mas a timidez também atrapalha muito; tem criança que quer gravar, mas a voz é tão baixa que não dava para gravar"* (Professora 3 - Escola 2). Percebe-se que havia por

parte das professoras uma preocupação em fazer um programa perfeito, com poucos erros e repetições de gravação, uma orientação, também, da equipe local. Neste caso, as mediações massmediáticas, videotecnológicas ou tecnológicas não foram utilizadas na perspectiva de superação e aprendizagem dos alunos ao lidar com as especificidades do processo de comunicação (RODRIGUES, 2006).

Para as professoras, os critérios de escolha dos alunos que participariam das gravações dos programas não eram justos e incomodavam. Uma das professoras, explica: *"[...] a gente tem tendência de escolher os que leem melhor, outros que entendem, acho que fosse bom voltar para rever... porque tem aqueles que sempre querem ir e não têm chance..."* (Professora 1 - Escola 1). Outro professor deixa transparecer seu receio de não estar proporcionando a oportunidade das crianças aprender com o processo: *"fico com medo, acho uma falha da minha parte"* (Professora 4 - Escola 1).

É unânime a opinião das professoras de que o processo de seleção dos alunos deveria ser repensado, e não concordavam com os critérios desta seleção, como explica uma professora.

> *Das vezes que eu observei os meninos que eram selecionados para ir, era tomado esse cuidado também, de confiar mais naquele que nem sempre vai porque, às vezes, a gente quer mostrar um trabalho bem feito, bonito, que não precise tanto de retoques e a gente acaba pecando nisso aí, levando o que já não precisa tanto, e aquele que está precisando só de um empurrãozinho para ele começar a andar...* (Professora 5 – Escola 1).

Na opinião da professora, o correto seria trabalhar com todos os alunos antes, dando oportunidade a todos. Na verdade, deveriam trabalhar mais com leitura, usando o microfome para que os alunos fossem se familiarizando com a linguagem radiofônica e não achassem que era coisa de outro mundo. Segundo ela, o correto seria *"fazer mais em sala de aula, usar microfones, caixas de som, para casa, para que treine todos os alunos para que não haja isso de selecionar os melhores. Isso aí acho que é uma falha da gente mesmo enquanto professores"* (Professora 2 - Escola 1).

Percebe-se que este processo de seleção que as professoras achavam ser um processo injusto, na verdade foi uma forma de estímulo e incentivo à leitura e à escrita, de formação crítica e cidadã. Isso porque, sem perceber, os professores estavam motivando os alunos com menor rendimento escolar a buscar aprimorar seus conhecimentos e até uma mudança de atitude, de postura, com o objetivo de participar das gravações do *Roda Pião*.

Os alunos, também, não achavam que esta era uma forma justa de escolha. Reconheciam, contudo, neste processo, uma espécie de contribuição, pois, os alunos que não eram escolhidos pela dificuldade de leitura, dedicavam-se mais à leitura e na pronúncia, procuravam comportar-se na escola e até fora dela, para ter a oportunidade de participar dos próximos programas. Eles afirmam que quando era dada oportunidade para as crianças com maior dificuldade de leitura, além de receber ajuda dos outros colegas, elas procuravam melhorar cada vez mais para garantir a participação em outros programas. Sobre este processo de seleção, é significativo o diálogo entre aluno e professor, narrado por um aluno participante desta pesquisa:

> *Na primeira vez que eu fui gravar o Roda Pião, foi outra pessoa, aí eu falei: tia eu quero ir, eu quero gravar eu nunca gravei. E ela falou assim: Mas você não gosta de ler. E eu não gostava de ler mesmo não. E eu: não tia, mas eu quero ir. E ela: Dá mais valor à leitura, se interesse mais, que você vai. Aí eu comecei a dar valor para a leitura e percebi que ia ajudar a gente muito, porque se a gente lê uma palavra, depois a gente tem que escolher um texto, a gente dá valor em escrever melhor* (Aluno 3 – Escola 1).

Na Escola 1, os alunos relataram que as professoras procuravam dar oportunidade para todos, realizando um rodízio dos participantes. Para cada programa, a professora escolhia de 3 a 4 alunos, quase sempre do 4º e 5º ano. Segundo os alunos, a professora pedia para todos lerem um texto, e os que lessem melhor, tivessem melhor fluência na leitura, mais coerência, respeitando a pontuação, eram os escolhidos para representar a escola na gravação do *Roda Pião*. A professora observava, além da leitura em sala, o comportamento do aluno, dentro e fora da sala de aula e da escola, que ainda contava com a participação da coordenação pedagógica nesta escolha. Esta preocupação com a leitura, com a entonação de voz e com o comportamento das crianças, era para garantir que o grupo da escola fizesse "bonito" na gravação, o que de certa forma tinha a aprovação dos próprios alunos que conheciam a dinâmica de produção dos programas. Quanto mais treinados e disciplinados, em menos tempo se produzia um programa. A repetição das falas por várias vezes foi apontada por todos os alunos como a parte mais chata do programa.

Neste sentido, Andrelo e Kerbany (2009) recomendam o uso da redundância para compensar a ausência de imagem. Para as autoras alguns aspectos devem ser observados, como a oralidade, a estética radiofônica (trilhas e efeitos sonoros diversos), o tom de voz e a velocidade da locução. Não há restrições de formato, incluindo a transmissão de uma aula, como também a dramatização, a revista, a simulação de um jornal etc. Os conteúdos devem

ser contextualizados, relacionados a práticas sociais. Utilizar uma locução clara, em tom calmo, transpor a didática ao meio radiofônico. Valorizar curtos trechos de silêncio, incentivando a reflexão.

O rádio é um veículo de comunicação que tem na oralidade sua principal característica. Logo, na ausência de imagens, o rádio passa a apelar para o imaginário do ouvinte. Sendo assim, "em um veículo que tem no som o único estímulo e que, portanto, é marcado pela efemeridade de sua mensagem, há aspectos que devem ser considerados. Um deles diz respeito ao número de informações veiculadas em um programa – quanto mais, menos se retém" (ANDRELO; KERBANY, 2009, p. 159).

Segundo Gomes (2006), por si só, a linguagem traz a noção de incompletude, solicitando que os sujeitos preencham as lacunas quase sempre permitidas no ato comunicacional. "É no imaginário, portanto, onde as relações de sentidos se complementam. De modo análogo, e exatamente porque rádio é só audição, o ouvinte vai preencher os elementos de indeterminação provocados pela linguagem radiofônica" (GOMES, 2006, p. 2).

Deste modo, a palavra mediada se insere no sistema das representações do que é transmitido e do que é escutado, considerando o repertório e experiência estética do ouvinte. Segundo Gomes (2006), nesta perspectiva, parece inconcebível considerar passivo o ouvinte consumidor dos produtos radiofônicos.

Na percepção dos gestores este método de escolha não era o mais didático, o mais justo, visto que *"[...] aquela criança que às vezes tivesse vergonha de ler, através do programa ele podia melhorar a leitura, então não podia ser só os melhores, porque você ia marginalizar os outros meninos* (Gestor 5). Percebeu-se, porém, pelos depoimentos de gestores, professores e alunos, que esta prática de seleção continuou até os últimos programas gravados.

A **quinta fase da produção,** na verdade, não era o produto final do processo. Consistia na gravação dos programas, momento em que os alunos selecionados pelas escolas eram levados ao estúdio para a gravação, seguindo ao calendário organizado pela equipe local, em um rodízio entre as escolas para que todas tivessem a oportunidade de participar.

A gravação era realizada sempre às quintas-feiras, a partir das 13 h e 30, de acordo com o cronograma pré-definido pela coordenação local. No estúdio, as crianças tinham a oportunidade de conhecer a equipe de produção do *Roda Pião* e compreender como são produzidos os programas de rádio.

Considerando-se a dinâmica, a técnica e o tempo de produção, e que os programas deveriam ser gravados, editados, sonorizados a tempo de ir ao ar todas as terças-feiras, – o primeiro programa, planejado para ser gravado em duas horas, só ficou pronto em uma semana – a equipe local decidiu por organizar uma equipe fixa, selecionando um grupo de alunos para gravar os primeiros programas. Esta primeira equipe de apoio foi selecionada pelos professores do Colégio Auxiliadora e, posteriormente, passou a ser composta por alunos de outras escolas de Silvânia. A equipe de apoio passou a ser o suporte do projeto, uma solução para eventuais problemas de gravação. Ou seja, caso uma das escolas não conseguisse se organizar para a gravação do programa da semana, a equipe de apoio era solicitada para gravar. Esta equipe, também, era levada para apresentações em eventos de Silvânia, Goiânia e em outros municípios. Esta equipe de apoio se manteve durante toda a existência do *Roda Pião*, embora houvesse um rodízio dos seus membros.

Após a gravação de todos os quadros, a equipe de comunicação, o produtor e o operador de áudio, editava o programa com 15 minutos de duração, deixando-o pronto para ser transmitido. Mesmo sendo veiculado pela emissora Rádio Rio Vermelho, era enviada uma cópia do áudio para as escolas utilizarem em seus momentos pedagógicos.

Segundo Gomes (2006), no processo de produção radiofônica, deve-se abordar, no ato da recepção sonora do rádio, questões relacionadas com a experiência estética, que constitui os elementos verbais e não-verbais. Neste sentido, o autor destaca os paralinguísticos, presentes nas inflexões de voz, como pausa, entonação, acentuação, intensidade e altura da voz e o silêncio, bem como os elementos artísticos centrados nas músicas, trilhas, *spots* e jingles que, da mesma forma, provocam o ouvinte em suas instâncias sensoriais, racionais e emocionais.

Na escola, segundo as professoras da Escola 1, no horário de transmissão do programa, "*Todo mundo fica pronto para ouvir o Roda Pião"* (Professora 4 - Escola 1). *"A escola tem aparelhagem de som, então, na hora que começava a musiquinha todos já sabiam que era aquele horário do programa"* (Professora 1 - Escola 1). Por sua vez, os professores, também esperavam pelo momento da audição, pois *"colocávamos no planejamento semanal"* (Professora 3 – Escola 1). Naquele horário, a aula era interrompida, e os alunos sentavam-se em círculo para ouvir o programa.

Em outras escolas que não contavam com equipamento de som nas salas, o professor levava o aparelho de rádio que era ligado no horário da transmissão. Havia, ainda, escolas que

não possuíam aparelhos de rádio em quantidade suficiente para todas as salas. Para resolver este problema, a equipe local gravava os programas em CD e enviava às escolas, assim, o professor poderia trabalhar no momento oportuno. Em outras escolas, o aparelho de som era colocado no corredor para que todos os alunos saíssem da sala para ouvir o programa no momento da transmissão. Para os gestores, entretanto, a grande novidade estava no fato das crianças ouvir os programas em sala de aula junto com o professor. *"O grande feeling do programa era que o menino escutasse o programa lá na sala de aula junto com o professor"* (Gestor 5).

Com relação à introdução do destinatário nos programas radiofônicos educativos, Andrelo e Kerbany (2009, p. 158) trazem o conceito de código de implicação de Jacquinot (1997), onde o grau dependerá do produto.

- o "grau zero" da escritura radiofônica didática engloba cursos, mesas-redondas e palestras. Embora tenham a finalidade educativa, usam o rádio como mero meio de registro, ignorando seus recursos e, também, suas possibilidades educativas.
- no grau médio de escritura radiofônica didática estão as mensagens radiofônicas didáticas tratadas com base na relação pedagógica tradicional, isto é, alguém que sabe algo informa este conteúdo a alguém que o desconhece. É o caso da fala de um especialista.
- o grau pleno da escritura radiofônica didática inclui as mensagens que trabalham a matéria significante de modo específico, permitindo ao ouvinte participar de forma mais ativa.

O objetivo era o aluno ouvir os programas em sala de aula no horário de sua transmissão pelo rádio, para que o professor pudesse fomentar as discussões a respeito do tema. Analisando o *Roda Pião*, Lobo (2010) afirma que,

> por ser ouvido em sala de aula (e pelo acesso ao roteiro pedagógico), o Programa Roda Pião abre um leque de possibilidades pedagógicas, questionando e provocando tomadas de posição. Contribuindo assim para dar maior relevância social aos conteúdos escolares, vencendo devagar as resistências através de intercâmbios formativos com os professores. Os chamados temas transversais vêm tornando-se elementos estruturadores do currículo nas escolas, que mantém uma interação viva com o programa Roda Pião (LOBO, 2010, p. 18).

Na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é indiscutível e necessário o uso das tecnologias como instrumento de aprendizagem escolar, para que os

alunos possam estar atualizados com as questões da tecnologia e para as demandas sociais e presentes. Nesta compreensão, o rádio ressurge como uma estratégia metodológica de aprendizagem que, após os PCN, ganha maior destaque nos processos educacionais, o que significa uma retomada ao caráter educativo e cultural que marcou a origem do rádio no Brasil.

Segundo os depoimentos, de acordo com o tema, os programas traziam poesias, que eram lidas em sala e músicas, que podiam ser cantadas com os alunos. Alguns temas eram trabalhados por até duas semanas dependendo de sua relevância, como por exemplo, o "folclore" que era apresentado em duas semanas com quadros diferentes, por ser um tema amplo. Neste tema, o professor poderia *"falar, por exemplo, de um personagem folclórico, o saci, [...] trabalhava uma parlenda na segunda, um trava-línguas ou um "o que é o que é" em uma terça, fazia produção de texto e tudo mais"* (Professora 6 – Escola 1).

Outra ação do *Roda Pião* que as professoras consideravam importante para o processo de aprendizagem, foram os concursos propostos, de acordo com os temas dos programas, e consistiam na produção de texto e, para as crianças menores, na realização de desenhos com uma frase (ANEXO D).

Segundo as professoras,

> *Para as crianças que gostavam de participar tinha uma premiação, divulgava o nome na rádio, eles achavam interessante, [...] a cidade inteira que tem acesso ao rádio escuta, muita gente que está lá trabalhando na fazenda ouvia... [...] foi trabalhado para escola, mas quem quisesse ligar o rádio na Rio Vermelho naquele horário escutava também* (Professora 2 - Escola 2).

> *Porque era um programa veiculado em ondas médias, [...] então, atingia tanto o público da escola, o aluno na sala de aula, e a comunidade. O mais interessante é, por exemplo: por não ser ao vivo, no momento em que o programa estava sendo veiculado a criança [que participara da gravação] ouvia na sala de aula... Mas não só a criança que ouvia, [...] quem ligasse a rádio ouvia, então, era um programa que levava entretenimento tanto para a criança na sala de aula como para a comunidade em geral* (Professora 3 - Escola 2).

Apesar dos roteiros predefinidos, elaborados pela equipe do *Roda Pião* e que chegavam pronto para os professores inserirem em seus planejamentos e começar a trabalhar com os alunos em sala de aula, as professoras da Escola 1 afirmaram que a escola estava livre para fazer as modificações necessárias à sua realidade. *"A gente tinha a liberdade, [...] por exemplo, se eu estou desenvolvendo um projeto na minha sala e a culminância dele eu quero apresentar em forma do Roda Pião, eu podia ir lá com antecedência para marcar e tinha a oportunidade de gravar conteúdo"* (Professora 3 – Escola 1).

Segundo as professoras da Escola 2, no início do *Roda Pião*, os programas eram produzidos, exclusivamente, pela equipe local. Depois foi estendido para as escolas, com a orientação de que os professores poderiam propor programas para o *Roda Pião*, como explica uma professora:

> *Antes era feito por eles, apenas as crianças iam participar dessas gravações, depois veio o roteiro e o professor que quisesse participar, fazer, montar um programa todo... e como eu estava trabalhando em um projeto sobre a água, eu achei muito interessante e assim os meninos ajudaram muito, na verdade eles não ajudaram, eles fizeram, nós fizemos juntos esse programa. Então, nós buscamos muitas fontes de pesquisa e, é claro, nós tivemos muita ajuda, lá mesmo no Roda Pião com o pessoal* (Professora 1 - Escola 2).

Segundo esta professora,

> *quando veio a chance de eu estar participando o nosso intuito era conseguir expandir o nosso programa para a comunidade toda, porque a gente estava precisando de uma caixa d'água maior para a escola, então, como o meu projeto era sobre a água, a gente escreveu uma frase sobre a necessidade e a importância da água e isso comoveu pessoas... A nossa escola precisava de uma caixa maior, então, mandamos ofício, fizemos todo o programa com esse intuito e ganhamos. Ainda não foi colocada devido à estrutura, nós estamos aguardando* (Professora 1 - Escola 2).

Esta iniciativa da professora e de seus alunos, em que eles mesmos produziram o programa – tendo a equipe local apoiando, orientando, dando suporte técnico e pedagógico – foi uma das poucas experiências que mais se aproximaram da proposta inicial do *Roda Pião*.

Assim, com criatividade, ludicidade e diversidade dos quadros, o programa agradou à comunidade que, de acordo com o Gestor 5, passou a ver no *Roda Pião* não apenas um programa de escola feito por crianças, mas, também, um momento divertido, de entretenimento e informação, princípios da radiodifusão e, sobretudo, de construção de conhecimento.

4.3 As contribuições do *Roda Pião* na formação dos alunos.

A proposta inicial do *Roda Pião* era transferir a competência da produção dos programas para os professores e alunos das escolas públicas, recebendo da equipe local o apoio técnico e pedagógico para esta produção, uma medida que valorizaria ainda mais o *Roda Pião* como prática dialógica no processo educacional.

Foi possível identificar, entretanto, nos documentos analisados, nas entrevistas e nas audições dos programas, que a materialização do projeto não seguiu necessariamente nesta direção. Segundo o Gestor 3, o rádio apresenta infinitas possibilidade pedagógicas, que o *Roda Pião* não soube aproveitar, ou utilizou de maneira muito tímida, principalmente no que se refere à produção dos programas que não contou com a participação direta dos alunos. Mesmo assim, os alunos têm acesso a diversas formas de pesquisas, desenvolvem a capacidade do ouvir e debater os temas em sala de aula, algo significativamente importante para o aprendizado. A partir da análise dos dados coletados e do conteúdo das entrevistas é possível inferir que, mesmo as mediações massmediáticas, videotecnológicas ou tecnológicas não tendo sido compreendidas em sua essência, o trabalho realizado no *Roda Pião* foi um marco significativo no processo educativo dos alunos participantes.

Para os gestores, a dinâmica, a técnica de produção, a preocupação com a qualidade dos programas, a periodicidade da veiculação dos programas pela Rádio, ou seja, transmissão semanal de programas inéditos foram fatores que dificultaram o avanço da proposta, para uma produção, de fato, de sala de aula, ou seja, com a participação dos alunos. Esta preocupação pode ser observada na expressão do Gestor 7: *"foram 12 anos de produção intensiva, nós produzíamos de 4 a 5 programas por mês, um para cada semana. E tudo a tempo de ser veiculado, chegava lá na hora o programa estava prontinho para ser veiculado pela rádio, ele nunca saiu dessa veiculação da rádio"*. Os depoimentos dos gestores indicam que, mesmo os alunos não participando do processo de produção dos programas, é possível afirmar que houve contribuição do *Roda Pião* na formação dos alunos participantes.

Do ponto de vista da formação e da interface comunicação e educação, o fato dos alunos terem tido acesso ao sistema de comunicação radiofônica, conhecerem o processo de produção dos programas veiculados pelas mídias, a rotina da Rádio Rio Vermelho, em geral, e a rotina dos profissionais, em particular, foi, sem dúvida, uma experiência formativa relevante que possibilitou a todos o início da compreensão do que vem a ser o "mundo editado", ou seja, tiveram elementos que lhes possibilitaram uma leitura crítica das mídias (GUARESCHI; BIZ, 2005).

A mediação pedagógica das mídias na escola deve acontecer principalmente pela **Educação para os meios**, voltada para o desenvolvimento dos estudantes em sua capacidade de trabalhar com a lógica das tecnologias mediáticas, e pela **Leitura crítica das mídias,** a

qual por meio da observação da produção midiática de forma crítica, desenvolve nos alunos uma competência para a leitura dos produtos e processos midiáticos.

Nesta perspectiva, Braga e Calazans (2001) afirmam que a apropriação dos meios em sala de aula possibilita o surgimento de pelo menos duas linhas específicas de interface entre comunicação e educação: a primeira é a proposta de “estudos para os meios” na escola, que consiste em desenvolver no estudante a capacidade de trabalhar com a lógica das tecnologias mediáticas; a segunda linha refere-se à “leitura crítica”, que por meio da compreensão da produção da mídia de forma crítica, desenvolve nos estudantes uma determinada competência para a leitura e interpretação destes produtos e processos. Segundo os autores, as duas perspectivas, “de educação para os meios” e de “leitura crítica” são complementares entre si e o desafio desta interface vai além da decisão de incluir ou não tais procedimentos na escola, mas em determinar com quais critérios e objetivos a escola poderia trabalhar estas questões de maneira mais propositiva nos processos de ensino e de aprendizagem.

Ainda nesta perspectiva, Baccega (2009) afirma que o enfrentamento da complexidade do campo da comunicação e da educação, como espaços de formação de sujeitos críticos, é um dos maiores desafios desta interface. Este espaço exige, tanto de educadores quanto de estudantes, uma capacidade de pensar criticamente a realidade, reconhecida pela autora como fundamental no processo de socialização. Esta é, também, a compreensão de Porto (2001), a de que o sujeito desenvolve uma consciência crítica ante os meios de comunicação.

Para o Gestor 4, a potencialidade do rádio está na capacidade que ele tem de formular imagens, de provocar o imaginário das pessoas, a partir de conteúdos que lhes são apresentados, conteúdos que podem ou não ter vinculação direta com seus contextos de vida, mas que, de uma certa maneira, representam um "convite" à reflexão de novos e também de velhos temas. Neste sentido, entendemos que é correto aproximar tais afirmações daquilo que Brecht na década de 1930 (apud ZUCULOTO, 2005) já defendia sobre o potencial do rádio no processo de formação das pessoas. Isso contribui para a formação social e intelectual do aluno. Segundo o Gestor 4,

> *se o professor souber como fazer isso, ele vai promover, porque ele vai direcionar o aluno à busca da informação, do conhecimento, ele vai ter que ler, conhecer para poder informar aquilo que ele está passando, e isso vai gerar nele essa autonomia da pesquisa. Na minha opinião hoje um dos maiores problemas que nós temos na educação, [...] é o famoso CTRL C, CTRL V, que o cara copia e cola, e no rádio não tem jeito de você copiar e colar, você tem que criar e isso é fundamental. Eu acho que isso ajuda pra caramba, não tem nem o que ver... Então, são fatores que*

> *eu acho que interferem na questão didática, isso é importante, muito, muito... a questão da comunicação.*

A percepção deste Gestor é, segundo Marcondes Filho (2008), a diferença existente entre o rádio e as outras mídias que utilizam as imagens. E é nesta capacidade de construir o imaginário, a partir do simbólico, que está a riqueza da linguagem radiofônica.

Como afirma Gomes (2006), a ausência de imagens impõe ao rádio a necessidade de evocar de maneira mais enfática o imaginário do ouvinte, sua capacidade de fantasiar, de criar e de representar mentalmente a imagem proveniente da linguagem oral. Dito de outra forma, através do rádio as palavras ganham movimento, conforme afirma Citteli (2006).

O professor precisa compreender melhor esta característica do rádio, para explorá-la em favor do processo educativo e isso, configurou-se em um desafio para os professores participantes do projeto. Conforme relata uma professora, tudo que é diferente do livro e do quadro-giz os alunos adoram. *"Levar uma televisão, um rádio, um DataShow, um retroprojetor para eles é uma coisa maravilhosa, então tudo favorece, eles gostam do que é diferente, do que é melhor, mais lúdico"* (Professora 1 - Escola 2). Este relato, ao mesmo tempo em que demonstra a sede que os alunos têm de incorporação de meios diversificados nos processos de ensino e aprendizagem, evidencia que as práticas pedagógicas no contexto investigado estão pautadas fundamentalmente numa concepção pedagógica tradicional, pelo menos no que tange às estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores.

Porto (2001) chama a atenção para a necessidade de que a escola defina o que deve ser significativo para a formação do aluno e escolha meios que estimulem a curiosidade e a participação efetiva dos alunos no processo de construção de conhecimento. Entende-se que na proposta de avançar no sentido da produção participativa do aluno, o *Roda Pião* criou um ecossistema comunicativo, onde o conhecimento surgiria a partir da dialogicidade do professor com os alunos e destes com os meios de comunicação.

Do ponto de vista pedagógico, a leitura, a escrita, a oralidade, bem como, o gosto de ouvir os programas de rádio foram apontadas como as principais contribuições do Roda Pião para a formação dos estudantes. O Gestor 1 destaca que não se refere à leitura pela leitura, mas leitura com objetivo de compreensão do texto, prestando atenção na entonação da voz, *"Não adianta você ensinar para o camaradinha, você tem que fazê-lo sentir o texto, e isso eles faziam com as histórias. [...] Quando você vê cartinhas, coisas que os meninos mandaram como retorno de um programa para a Rádio, para a equipe, você percebe que*

alguma coisa aconteceu" (Gestor 1). Segundo este Gestor, o processo constitui um diálogo, cria condições para que os alunos sintam-se envolvidos na e pela leitura e, sentindo o texto, eles têm melhores condições de interpretá-lo, dramatizá-lo, ou seja, eles dão significado ao que estão lendo.

Todas as atividades humanas estão ligadas ao uso da linguagem, seja ela oral ou escrita, verbal ou icônica. Neste sentido, Andrelo e Kerbany (2009) afirmam ser importante na produção de programas radiofônicos educativos entender o aluno como um ator ativo e a aprendizagem como um processo, requerendo para isso, articular pressupostos pedagógicos aos conceitos de produção radiofônica, principalmente, em relação à linguagem, pois é por meio da linguagem oral, do poder de evocação e do imaginativo do rádio, que serão superadas a ausência de imagens e a efemeridade da mensagem.

Neste sentido, Donini (2008) ressalta que o desenvolvimento da linguagem oral é um aspecto importante da utilização pedagógica do rádio. Esta é, também, uma das preocupações dos produtores do *Roda Pião*, ressaltada em vários momentos dos depoimentos.

Segundo o Gestor 4, *"quando você trabalha com palavras, automaticamente, está elaborando textos, então, você estimula a produção de textos, melhora o vocabulário do aluno, aprimora o conhecimento dele"*. Assim, o aluno entra em um processo de construção de conhecimento. Ao trabalhar com diferentes temas em sala de aula, o aluno é estimulado a se mobilizar em torno de diferentes conhecimentos e informações e, de certo modo, é estimulado a realizar pesquisa, que, neste momento, se realiza essencialmente pelo exercício mais detido da leitura e da escrita.

Segundo Assumpção (2001), ao participar da produção dos programas de rádio, o aluno desenvolve a leitura e a produção de texto e esta atividade contribui, ainda, para compreender as linguagens jornalística, radiofônica, televisiva e do computador, compreendendo, assim, o discurso simbólico e, compreendendo-o, os alunos têm maiores possibilidades de fazerem uma leitura crítica de seus conteúdos, iniciando, desta forma, a compreensão de que os conteúdos midiáticos atendem a interesses determinados pelos contextos nos quais são produzidos e veiculados. No nosso entendimento, este é um aspecto relevante que deve ser perseguido pelos professores no processo educativo, de modo geral, e no uso das mídias, em particular.

Uma das professoras entrevistadas destacou que o projeto *Roda Pião* conseguiu despertar a atenção dos alunos em um nível considerado expressivo, um aspecto que muitos

professores, às vezes, não conseguem em outras situações de aprendizagem. Segundo a professora, despertar a atenção dos alunos na sala de aula tem sido um dos grandes desafios enfrentados pela maioria dos professores. A partir dos depoimentos das professoras, é possível inferir que o *Roda Pião* deslocou o eixo de participação dos alunos que ficaram mais concentrados, mais atentos dentro e fora da sala de aula. *"Desde a atenção, quando a gente senta para ouvir, e depois que o programa termina... que eles imaginem, lembrem e recordem tudo que foi trabalhado... É produtivo no sentido da formação deles, [...] de saber ouvir, de organizar e de falar"* (Professora 6 – Escola 1).

Andrelo e Kerbany (2009) afirmam que o rádio, utilizando o som como único estímulo sonoro, exige que a imaginação seja trabalhada, requerendo o desenvolvimento do hábito da escuta que, automaticamente, contribui para ampliar o nível de concentração. A atenção e a concentração são fatores essenciais no processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, Orozco (2005) afirma que nos processo de recepção, o receptor não é passivo, mentalmente, ele se vê participante ativo no envolvimento e processamento do conteúdo.

No que se refere às questões curriculares, as professoras afirmaram que houve uma acentuada contribuição à área de Língua Portuguesa. Segundo uma professora, eles estavam mais atentos à leitura. *"Na hora do cantinho de leitura, eu percebi que dedicavam mais, que queriam preparar, porque queriam participar. 'Nossa, eu vou treinar bastante, Tia, eu vou ler muito agora, porque no próximo programa eu que vou participar'"* (Professora 2 - Escola 2). Interessavam-se e se comprometiam com as atividades de leitura talvez porque estivessem compreendendo de modo mais propositivo esta atividade a partir da função social que a revestia, ou seja, estavam envolvidos em um projeto que tinha sentido e que lhes possibilitava a produção de sentidos.

Pelos depoimentos, houve contribuição, também, para a comunidade de Silvânia, uma vez que o *Roda Pião* passou a ser visto como um bem cultural local, um espaço de informação e de conhecimento. Uma espécie de *"domínio público de Silvânia"*, segundo o Gestor 5. A relevância do projeto residia na compreensão de que estavam diante de algo produzido por eles, *"não importado"*, como diz o Gestor 1. Isso porque a maioria dos projetos e programas educacionais, como a *TV Escola*, *Salto para o Futuro*, *ProInfo* e o Educom.Rádio, que foi desenvolvido pela USP e incorporado pela Rádio Escola do MEC, todos têm origem no Ministério da Educação. Esta relevância era explicitada na materialização dos programas radiofônicos, ao apresentarem diferentes eventos da cidade, da

região, da Capital e de outras cidades circunvizinhas, e percebida pelos alunos como algo positivo: *"o Roda Pião também ajudou na cidade, porque várias pessoas saíram da cidade em que moravam para vir conhecer o Roda Pião.* (Aluno 1 – Escola 1).

A partir dos dados coletados, das entrevistas e grupos focais realizados é possível afirmar que as contribuições do *Roda Pião* para a formação dos alunos foram inúmeras e significativas.

4.3.1. Dificuldades apontadas pelos sujeitos da pesquisa

Algumas dificuldades encontradas ao longo da execução do *Projeto Roda Pião* foram apontadas pelos sujeitos da pesquisa e sistematizadas na Figura 14.

DIFICULDADES APONTADAS PELOS SUJEITOS DA PESQUISA	
Sujeitos	**Dificuldades do *Roda Pião***
Gestores	– carência de recursos financeiros, logísticos e de recursos humanos, como por exemplo, falta de recursos financeiros para os prêmios dos concursos promovidos pelo *Roda Pião*; transporte para o alunos da zona rural que deveriam vir a Silvânia para gravar o programa; liberação de professores habilitados para compor a equipe local. – administrar os conflitos gerados nas relações entre os membros da coordenação e entre as instituições parceiras.
Professores	– jornada intensa de trabalho dos professores. – cobrança do sistema educacional sobre os professores, com atividades que, muitas vezes, extrapola a sala de aula. – sentimento de querer esgotar conteúdos, algo negativo, tradicional. – falta de formação específica para utilizar, pedagogicamente, o rádio. – falta de integração com a equipe local, na elaboração dos programas. – horário em que os programas eram transmitidos (às 8 h e 15 e às 13 h e 15), pois, praticamente, antes deste horário, não se conseguia concluir quase nenhuma atividade sem que fosse interrompida pela escuta do programa. – falta de equipamento adequado para uso do professor. – insegurança do novo, em trabalhar com novas estratégias, principalmente, usando novas tecnologias no processo educacional.
Alunos	– a leitura e a escrita como a maior dificuldade para participação do Roda Pião. – a ansiedade provocada pela presença no estúdio, a necessidade de silêncio e o medo de errar.

Figura 14 – Dificuldades apontadas pelos sujeitos da pesquisa.
Fonte: Entrevistas com gestores e Grupo Focal com professores e alunos.

As dificuldades para o desenvolvimento do *Roda Pião*, apontadas pelos gestores estão relacionadas, principalmente, a aspectos políticos, falta de apoio financeiro, logístico e recursos humanos. A falta de apoio do poder público foi apontada pelos gestores, como um

dos fatores que levou à interrupção do projeto. Foram evidenciadas, também, como dificuldades pelos gestores, a administração de conflitos entre os membros da equipe local, e as relações, às vezes, conflituosas, entre as instituições parceiras. Isso porque, segundo um dos gestores, na medida em que o *Roda Pião* foi ganhando espaço de destaque nas mídias, despertou, também, um sentimento de vaidade que terminou na quebra parcial da parceria entre a Educação e a emissora de Rádio Rio Vermelho.

Essa situação de conflito levou a SEDUC-GO, em 2005, a adquirir um estúdio de gravação para o NTE de Silvânia, que passou a produzir, de forma integral, o *Roda Pião.* Na falta de um local próprio, o estúdio foi instalado em um espaço improvisado na sede do NTE de Silvânia. Para tanto, a Secretaria Municipal de Educação de Silvânia, que já participava com dois professores na equipe local, disponibilizou mais um funcionário para a função de operador de áudio. Esta medida desvinculou totalmente a emissora da produção do *Roda Pião,* embora continuasse transmitindo os programas. Para alguns sujeitos da pesquisa, a emissora só continuou veiculando os programas por pertencer aos Irmãos Maristas que foram os grandes incentivadores do *Roda Pião*.

Na percepção do Gestor 5,

> *[...] talvez uma das questões que tenha diminuído, mas até feito com que o programa saísse do ar é porque ficou só, não vou dizer que rompeu o laço de parceria, mas em determinado momento esse programa passou a ser feito só por uma parte, então, o programa perdeu um pouquinho do seu objetivo.*

A fala do Gestor 5 e a análise documental nos levam a concluir que a equipe de comunicação, ligada à emissora, foi a grande responsável pelo sucesso e o destaque do *Roda Pião* na mídia nacional e em concursos. Assim, pode-se questionar: a participação efetiva da Rádio Rio Vermelho na coordenação e produção do *Roda Pião* poderia ter evitado sua interrupção? A emissora Rádio Rio Vermelho poderia ter minimizado os problemas enfrentados pelo *Projeto,* como a falta de apoio do poder público estadual?

Segundo depoimentos e documentos analisados, os conflitos constantes culminaram na quebra parcial da parceria. Esta situação teve duas versões:

Para os representantes da equipe de comunicação, a ascensão do Roda *Pião* despertou sentimento de vaidade na equipe e nos parceiros, fragilizando a parceria. Para o Gestor 5,

> *na medida em que ele começou a tomar essa proporção nacional, teve matéria sobre ele na Folha de S. Paulo, foi objeto de pesquisa, então eu acho que ele*

> *começou a fugir um pouquinho da nossa mão, porque a gente fica muito envaidecido com isso, não vou dizer que esquece o foco principal, mas passa a ter outros atrativos.*

Para a equipe da educação, o rompimento foi devido à centralização da emissora, na imposição de regras na produção dos programas. Para o Gestor 2, a coordenação da emissora *[...] era muito centralizadora e a gente queria um programa que fosse abrangente, mas não uma pessoa só determinando, que fossem todas as ideias juntas* (Gestor 2).

Neste caso de conflito entre as instituições, percebe-se que a mediação institucional foi abalada, visto que houve o rompimento quase que total da parceria entre o poder público e a iniciativa privada. Com relação à mediação de conflitos, Rodrigues (2006) afirma que as mediações institucionais devem lidar com os conflitos das instituições envolvidas, neste caso representadas, de um lado, pelo poder público – Secretaria Estadual e Municipal da Educação, Escolas – e, do outro lado, pela iniciativa privada – a Rádio Rio Vermelho.

Para os professores, as dificuldades se relacionam com sua formação inicial, que contribuiu para uma prática pedagógica carregada de autoritarismo tecnicista, dificultando a aceitação de novas estratégias metodológicas de ensinar e aprender; com a falta de recursos financeiros para apoiar o projeto; e com a inexistência de um plano de carreira mais flexível e condizente com os novos modelos de ensino proporcionados pela inserção das mídias na educação escolar. Assinalam, ainda, como dificuldade, a falta de integração entre a equipe local e os professores. Como não participavam da produção, os professores, construíam uma expectativa, que nem sempre se realizava. Segundo uma professora, *"tinha alguns temas que podia ser mais explorados e não eram... E um tema que não podia alongar tanto se estendia muito"* (Professora 3 – Escola 1). Nota-se, neste programa a necessidade [ou falta?] de uma política de formação e valorização de professores, que priorize a reflexão crítica sobre as linguagens midiáticas, que evidencie mudanças, também, nas práticas pedagógicas. A partir das contribuições de Rodrigues (2006), percebe-se que os depoimentos dos gestores e professores demonstram que a mediação institucional não ocorreu de forma satisfatória.

Seja pela carga de trabalho, seja pela falta de formação específica para utilizar pedagogicamente o rádio, a fala de uma professora retrata bem sua preocupação com o *Roda Pião*.

> *Eu ouvi, muitas vezes, gente querendo atropelar ou deixar de fazer coisas do Roda Pião. Havia dificuldade de priorizar, tirar do programa o que é bom, [...] saber escolher até que parte ir, até que parte explorar* (Professora 1 – Escola 1).

Nos depoimentos, percebe-se que os professores, trouxeram para si a responsabilidade da falta de interesse no desenvolvimento do projeto. É importante, contudo, questionar: qual foi a responsabilidade dos diretores escolares neste processo? Será que teria sido diferente com maior apoio deles ao programa? Os diretores escolares não foram sujeitos desta pesquisa, mas durante a trajetória de estudo e coleta de dados foi percebida a falta de interesse deles pelo programa, principalmente, sabendo que quando os gestores escolares assumem de fato suas responsabilidades, os projetos têm maior chance de serem bem sucedidos.

Este envolvimento da direção da escola, foi mais evidente na Escola 1, pois deste o início do *Roda Pião* até o último programa, os alunos ouviam a transmissão em sala de aula, e os programas faziam parte do planejamento de todos os professores, o que não foi observado na Escola 2.

Outro fator que deve ser levado em consideração são os recursos financeiros recebidos pelas escolas, que poderiam ser aplicados, também, no desenvolvimento do projeto. Esta deveria ser uma decisão do diretor e do conselho escolar, ambos, com autonomia suficiente para esta proposição. A escola poderia trabalhar na perspectiva de uma pedagogia da comunicação, como propõe Penteado (2001), com o envolvimento de toda a comunidade escolar e não só dos professores regentes. A falta de envolvimento de toda a equipe escolar caracteriza tanto a insuficiência da mediação institucional, quanto da mediação pedagógica.

Entre os alunos, a dificuldade foi, justamente, o que se constitui no grande desafio imposto pelas mídias à educação escolar: desenvolver projetos visando à autonomia e à liberdade de criação de educadores e educandos. Esta dificuldade foi expressa pelo medo e pela ansiedade dos alunos em participar das gravações dos programas. Segundo eles, *"se não falasse com pontuação [...] tinha que repetir de novo"* (Aluno 3 – Escola 1). *"A gente tem que ficar quietinho, deixar a folha de lado porque se fizer algum barulho atrapalha quem está falando e tem que começar tudo de novo"* (Aluno 2 – Escola 1).

Esta ansiedade aumentava pelas várias vezes que tinha que repetir a gravação, *"eu não gosto de repetir [...] aquele trem lá um montão de vezes"* (Aluno 2 - Escola 2). A exigência do silêncio era maior, visto que o estúdio passou a ser improvisado em uma sala do

NTE, sem um sistema de acústica apropriado para este fim. Esta dificuldade se tornava, ainda, maior, considerando que são crianças de sete a 11 anos de idade, que permaneciam por até três horas, concentradas e em silêncio, no espaço de gravação.

Um paradoxo, pode-se dizer. Como algo tão corriqueiro, presente na realidade das crianças de hoje, como as tecnologias, pode provocar medo e ansiedade a uma geração classificada como "nativos digitais"? Questões como esta deve ser refletida no momento de elaboração de projetos e práticas pedagógicas que envolvam o uso dos meios de comunicação em sala de aula. No caso do *Roda Pião*, a falta de integração da escola com a equipe de produção do programa, no que diz respeito à participação dos professores e alunos nesta produção, pode ser o motivo da insegurança dos alunos, no momento da gravação, e dos professores, no trabalho com os temas em sala de aula, pois não era algo espontâneo e, sim, mecânico, ensaiado, orientado. Isso pode ser percebido na audição dos programas. Esta situação poderia ter sido diferente, com professores e alunos atores ativos do processo, com a compreensão da mediação institucional e das mediações individuais ou cognitivas.

Pelo relato dos gestores e professores, as atividades do *Roda Pião* aconteceram segundo os princípios do "Aprender Fazendo", ou seja, não houve formação específica para os professores utilizarem a produção radiofônica com pressupostos pedagógicos. Na verdade, o desenvolvimento das atividades do projeto aconteceu com a orientação da equipe local e norteados pelas sugestões pedagógicas dos roteiros dos programas. Nos primeiros anos, eram organizadas reuniões semestrais com todos os professores, coordenadores e diretores das escolas participantes. Nesses encontros eram realizadas avaliações e também ministradas oficinas pela coordenação do programa. No caso do *Roda Pião*, a falta de formação específica, principalmente para a utilização da linguagem radiofônica, não foi impedimento para a aceitação do *Roda Pião* como estratégia de aprendizagem, mas foi apontada pelas professoras como uma dificuldade.

4.3.2 Benefícios apontados pelos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa reconhecem vários benefícios do *Projeto* para a formação dos alunos, como mostra a Figura 15.

BENEFÍCIOS APONTADOS PELOS SUJEITOS DA PESQUISA	
Sujeitos	**Benefícios do *Roda Pião***
Gestores	– a comunidade se voltar para um processo educativo próprio, não importado, mas construído por eles. – articulação entre as instituições públicas e privadas, projeto conseguiu juntar três instituições para trabalhar em prol da melhoria da educação escolar. – discussão da relação educação e mídias na escola. – uso do rádio como ferramenta na metodologia pedagógica de sua área de atuação. – exercício da cidadania, pois os alunos passaram a lidar com a escola de forma diferente, respeitando a individualidade de cada um. – enriquecimento da prática pedagógica do professor.
Professores	– inovação na sala de aula, visto que, ao usar o rádio como um recurso tecnológico, o professor quebra a monotonia da aula, transforma o tradicional, em um momento em que a aprendizagem acontece de forma prazerosa e divertida. – o exercício da concentração e do desenvolvimento do imaginário. – os concursos de redação e desenhos, organizados a partir dos temas propostos pelos programas. – o uso da linguagem radiofônica possibilita novas formas de ensinar.
Alunos	– incentivo à leitura, à escrita e à produção de texto. – construção de valores, saber o que é certo e o que é errado. – elevação da autoestima. – Desenvolvimento da habilidade de falar em público, a desinibição.

Figura 15 – Benefícios apontados pelos sujeitos da pesquisa.
Fonte: Entrevistas com gestores e Grupo Focal com professores e alunos.

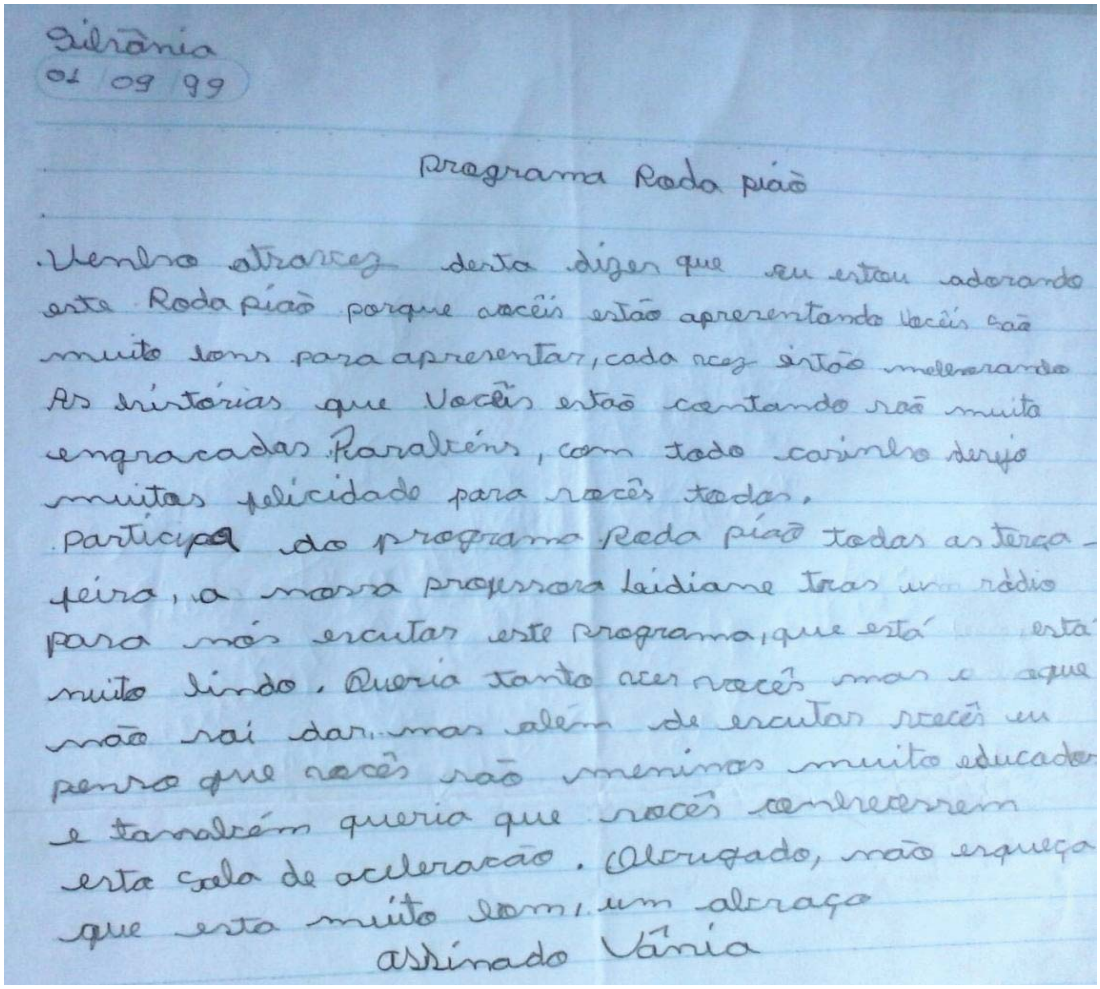
Desde os primeiros momentos do *Roda Pião*, os alunos foram incentivados a pesquisar e a produzir textos sobre os assuntos discutidos nos programas, além da construção de significado proporcionada pelo exercício da expressão oral. Estes aspectos são apontados pelos gestores e professores, como o maior benefício do programa para os educandos.

Os alunos identificaram, também, aspectos positivos no *Roda Pião* e apontaram várias formas de contribuição do *Projeto* na sua formação, na perspectiva da construção de uma consciência cidadã e na compreensão de valores, como se pode depreender de suas experiências pessoais:

> *[...] aprender valores* (Aluno 2 – Escola 1).
>
> *aprendi a respeitar, que tem que falar, ter valores* (Aluno 4 – Escola 1).
>
> *aprender leitura e escrita* (Aluno 1 - Escola 2).
>
> *a gente aprendeu o que é certo e o que é errado* (Aluno 6 – Escola 1).
>
> *[...] a gente se sentia como um ator, [...] de rádio [...] sem ver a gente* (Aluno 7 – Escola 1).
>
> *não ter vergonha de ir na frente e falar (Aluno 4 - Escola 2).*
>
> *escutando, as pessoas aprendem* (Aluno 8 – Escola 1).

> *[...] o Roda Pião vai desenvolvendo um pouco mais de inteligência nas pessoas* (Aluno 10 – Escola 1).
>
> *[...] ajudava as crianças a se desenvolverem melhor, na escola e em outros ambientes* (Aluno 5 – Escola 1).
>
> *ajudou poder entender, saber mais das coisas que acontecem. O que a gente não pode fazer e o que a gente tem que fazer* (Aluno 3 – Escola 1).
>
> *[...] produção de texto, a gente vai lendo, vai lendo, vai lendo, então, você vê um ponto em que tudo tem a ver com a leitura, tudo o que você faz tem a ver com a leitura* (Aluno 1 – Escola 1).
>
> *[...] o tema da consciência negra, mudou para a gente refletir mais, que a gente não deve abusar do negro. Isso mudou a gente bastante* (Aluno 9 – Escola 1).
>
> *[...] não desperdiçar água* (Aluno 4 - Escola 2).
>
> *[...] não fazer queimada* (Aluno 1 - Escola 2).
>
> *[...] quando desmatar, repor* (Aluno 5 - Escola 2).
>
> *[...] lavar alimentos antes de comer* (Aluno 2 - Escola 2).

Uma prática constante do projeto era a produção escrita, na qual os alunos eram incentivados a produzir textos sobre os temas discutidos, que eram enviadas ao *Roda Pião*. A Figura 16 mostra uma das primeiras produções sobre o *Roda Pião*, na forma em que foi escrita por um alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental:



Silvânia
01/09/99

Programa Roda pião

Venho através desta dizer que eu estou adorando
este Roda pião porque vocês estão apresentando vocês são
muito bons para apresentar, cada vez estão melhorando
As histórias que Vocês estão cantando são muito
engracadas Parabéns, com todo carinho deseja
muitas felicidade para vocês todas.
Participa do programa Roda pião todas as terça-
feira, a nossa professora Leidiane traz um rádio
para nós escutar este programa, que está [illegible] está
muito lindo. Queria tanto ver vocês mas é aque
não vai dar. mas além de escutar vocês eu
penso que vocês são meninas muito educada
e também queria que vocês conhecessem
esta sala de aceleração. Obrigado, não esqueça
que esta muito bom, um abraço
assinado Vânia

Figura 16 – Reprodução de carta enviada ao Roda Pião.
Fonte: Arquivos do NTE de Silvânia.

Esta atividade de produção de texto se tornou uma marca do *Roda Pião*, originando os concursos de redação e desenho. Os concursos tinham como objetivo despertar a criatividade e imaginação dos alunos, por meio de redações e desenhos sobre uma temática abordada pelo *Roda Pião*, como forma de incentivar e motivar a participação social, de conscientização e valorização do ser humano e de cidadania. Dentre os temas dos concursos, foram destaque: *Dengue, o final da história é com você*; *Professor eu preciso lhe dizer...*; *Um jeito de olhar minha cidade*; *Roda Pião: uma experiência de sucesso*; *Cartinha para o vovô e/ou para a vovó; O que é o que é; Diário de minha vida*; e *Trava-línguas*. Os concursos premiavam alunos de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, classificados entre os três primeiros lugares.

Em sua maioria, os projetos educacionais, são elaborados prevendo momentos de formação, acompanhamento e avaliação. No caso do *Roda Pião*, o acompanhamento era realizado pelos orientadores pedagógicos, membros da equipe local. Periodicamente, eles

visitavam as escolas participantes para orientar quanto ao uso dos roteiros pedagógicos. Segundo os depoimentos, esta atividade foi mais frequente no início do projeto. A avaliação acontecia em reuniões trimestrais de coordenadores e diretores das escolas participantes para avaliação do programa. Nestas reuniões, também, era dada a oportunidade das escolas apresentarem suas demandas para os programas, além da possibilidade do professor enviar sugestões de temas.

Questionados sobre a existência de formação para atuarem *no Roda Pião*, gestores e professores afirmaram que não houve curso de formação específica, esta formação foi realizada por meio de reuniões periódicas e oficinas para facilitar a compreensão dos roteiros pedagógicos. As respostas dos gestores e professores sobre a formação foram sistematizadas nas Figura 17.

RESPOSTAS DOS GESTORES E PROFESSORES SOBRE A FORMAÇÃO PARA PROFESSORES PARTICIPANTES DO *RODA PIÃO*	
GESTOR	**RESPOSTAS**
Gestores	– O projeto era autoformativo; eles aprenderam fazendo. – Os professores mesmos se reúnem, leem bastante, veem o que pode ser feito e não houve aquela pessoa específica para dar curso. – Não houve cursos de formação sobre o uso do rádio, inclusive, sobre produção de programas com os alunos; a formação ficou sempre a posteriori, não tendo, na prática, se efetivado. – Os gestores acreditam que a formação para poder participar no *Projeto* não poderia ser dada em um curso, mas decorreria do hábito de fazer e experimentar. Os professores teriam que ter a chance de ter o espaço para produzir, e essa produção se torna, por si só, uma oficina. – No início, aconteceram momentos de formação, por meio de oficinas realizadas a cada seis meses, sobre produção de programas radiofônicos, entonação de voz, narração de história, criação de quadros, observando a linguagem da criança, e o perfil dos ouvintes. – Durante os três primeiros anos houve havia um encontro semestral com todos os professores que participavam do *Projeto.* – Os coordenadores pedagógicos das escolas participavam mensalmente de reuniões para avaliação dos programas já veiculados, e sugestões de pauta.
Professores da Escola 1	– Um encontro de todas as escolas participantes do Roda Pião, no qual a equipe de coordenação do *Projeto* ofereceu uma oficina, para explicar a dinâmica do *Roda Pião*, a importância dos meios de comunicação, o rádio em si e sua história. Essa formação pretendeu mostrar para os professores como era a produção dos programas. Foi uma oficina prática, onde os participantes ficaram responsáveis por fazer um determinado momento do *Roda Pião*.
Professores da Escola 2	– Não houve uma formação específica, mas o professor recebia orientações quando solicitava. – Aconteceram oficinas para os professores das escolas participantes sobre como trabalhar os programas com os alunos,

Figura 17 – Respostas dos gestores e professores sobre a formação.
Fonte: Entrevistas com gestores e Grupo Focal com professores e alunos.

Apesar do *Projeto* não dar ênfase à uma formação específica, os gestores e professores reconhecem que as oficinas, os momentos informais e o "aprender fazendo" foram suficientes para sua implementação.

4.4 *Roda Pião*, consciência crítica e cidadania

O termo cidadania ganhou destaque nas últimas décadas. No Brasil, com a Constituição Cidadã de 1988, ressurgem as discussões em torno desta temática. Uma discussão que nos remete às mudanças sociais, principalmente, com os avanços tecnológicos. Na educação, esta discussão se intensificou com o desenvolvimento das mídias digitais, a partir, dos anos 1980, uma discussão em torno da educação para cidadania que, segundo Belloni (2009), se amplia para a educação para as mídias, mídia-educação, educação para os meios, e outras tantas denominações que buscam formas eficazes para alcançar a emancipação e a cidadania plena.

Para Baccega (2003), atualmente, a escola em sua atribuição de formação cidadã, deve, obrigatoriamente, habilitar o cidadão para ler os meios de comunicação, de forma a desvelar os implícitos que a edição esconde. Na mesma percepção, Melo e Tosta (2008), afirmam ser necessário compreender a organização, produção e regulação da mídia para a formação do indivíduo cidadão. Desta forma ele será capaz de ler, selecionar, criticar, refutar, ressignificar o mundo, tornando-se sujeito autônomo, política e eticamente.

A elevação da autoestima e a transmissão de valores foram apontadas nos depoimentos como uma grande contribuição, do ponto de vista da cidadania. O Gestor 3 relata como exemplo, o espaço de achados e perdidos criado pelos alunos da Escola 1. Além de discutir em sala de aula a temática da honestidade, esta iniciativa foi tema de uma série do *Roda Pião*, uma ação que despertou nos alunos o interesse pelos valores, direitos e deveres, pelas questões da individualidade e da solidariedade.

Segundo uma professora da Escola 1, *"é totalmente diferente você imaginar como seja o rádio, imaginar como que o programa é feito, imaginar um estúdio com um microfone na sua frente"* (Professora 2 – Escola 1). Para a professora, esta é, sem dúvida, a grande contribuição do *Roda Pião*: transformar um sonho, participar de um programa de rádio, ser ouvido por colegas, familiares e comunidade, algo, até então, quase impossível para muitos

alunos, uma ação que eleva a autoestima da criança, o que é um fator preponderante para a formação da cidadania.

Reconhecer-se socialmente e ser reconhecido pela sociedade onde vive, fator constitutivo para a formação do indivíduo cidadão. Segundo os professores participantes da pesquisa, este sentimento de pertença, de reconhecimento social do indivíduo pela sociedade, se concretizou com o *Roda Pião*, pois os alunos se sentem valorizados ao ouvirem o programa e saberem que foi feito por eles. Para Assumpção (2006, p. 4), "a Rádio escola é cidadania, oralidade e escrita".

Segundo os depoimentos, as séries dos programas abordaram temas relacionados a questões sociais, cidadania, meio ambiente, política, economia, saúde, justiça social, ética e outras temáticas, que favorecem a formação humana e a construção da cidadania, temas trabalhados em sala de aula, antes e depois da audição do programa. Temas complexos, trabalhados de forma criativa, com uma linguagem recheada de recursos de ludicidade e estética verbal, aspectos que identificam a criança com o programa.

São temas que complementam os conteúdos curriculares e contribuem para a afirmação da cidadania. A fala de um dos gestores mostra como eram trabalhado estes temas pelos professores em sala de aula, com vista na formação de valores e cidadania.

> *[...] No programa que a gente falava de economia, o roteiro ia para o professor de matemática. Como é que o aluno ia aprender a fazer um troco, como é que ele podia ir no supermercado e calcular a compra que a mamãe mandava fazer. Cidadania, como cuidar do patrimônio público... em um dos programas de cidadania tinha um caso de uma escola, o Colégio Geraldo Napoleão, que o telefone público de frente à escola vivia constantemente quebrado. A partir do momento que a gente tocou nesse tema cidadania, que nós criamos uma estória, os professores do colégio criaram uma estória que o personagem principal era o orelhão, e que contava o fato de ele ter sido depredado a vida inteira. Aquilo mexeu tanto com os alunos que eles próprios criaram um sistema de zelar do telefone público. Outro programa: meio ambiente. A gente tocava na questão do lixo, de como evitar que a sala de aula ficasse suja, o pátio do colégio ficasse sujo, a própria casa da pessoa pudesse ter um ambiente melhor... Aquilo despertou nas crianças praticamente um policiamento com relação ao meio ambiente, então, foram questões que marcaram muito o programa* (Gestor 5).

Na expressão deste Gestor, percebe-se que a relação da tríade comunicação, educação e cidadania se desenvolveu com sucesso. Mas, será que foi assim em todas as escolas participantes? A que isso se atribui? Seria a forma de apropriação dos gestores, dos professores, da gestão? Alguns depoimentos relatam o envolvimento dos alunos em uma causa que desperta o interesse por questões sociais, coletivas, um sentimento de pertença, de

responsabilidade e de direitos e deveres. Este sentimento não foi despertado somente nos alunos, mas na comunidade vizinha à escola.

Para os alunos, o fim do *Roda Pião* significou um grande prejuízo, pois, quando escutavam o *Roda Pião* as pessoas iam aprendendo coisas diferente, valores responsabilidades, era uma forma divertida de aprender.

> *No Roda Pião, as histórias... a gente tira lição pra vida mesmo. [...] A gente tira lição, por exemplo, da droga, pra gente não entrar nesse caminho. [...] O Roda Pião pra mim, fazia com que as pessoas escolhessem o caminho certo...* (Aluno 1 – Escola 1).

> *Tinha as histórias, também, que falavam que umas pessoas mexiam com drogas, e outras falavam para ela não fazer isso, e ela continuava fazendo, depois no final acabou entendendo que isso não podia. [...] Por exemplo, um jovem mexe com a droga, o Roda Pião traz aquele tema que não pode e tal, aí ele começa a perceber que aquilo faz mal para o corpo dele, então, o Roda Pião ajuda muita coisa* (Aluno 6 – Escola 1).

> *A história da dengue... [...] ninguém tinha me explicado que ela era tão perigosa, aí a professora foi falando, e eu fui aprendendo mais; depois no Roda Pião falou coisas sobre a dengue e eu fui desenvolvendo mais. E aí eu cheguei em casa e expliquei para a minha mãe. Ela tirou os trens que podiam juntar água parada, que podiam trazer coisa assim... minha mãe também entendeu sobre a dengue, ela se preocupou mais* (Aluno 3 – Escola 1).

> *Todos os temas são verdadeiros, as histórias... algumas eles pegam algumas fábulas pra servir de lição. [...] Igual o tema [...] sobre saúde, falava que a gente tinha que ficar forte, se alimentar bem... Eu conheço várias crianças que aprenderam a praticar esportes, não ficar só vendo televisão, computador* (Aluno 7 – Escola 1).

Os programas eram elaborados com a perspectiva de levar os educandos a se posicionarem criticamente diante da realidade, de modo a compreendê-la e transformá-la por meio da participação social. Na concepção dos gestores, questionando e provocando tomadas de posição, o programa contribuiu para dar maior relevância social aos conteúdos escolares.

Utilizando um meio de comunicação no processo educativo, os professores conseguiram sensibilizar a comunidade para a preservação de um bem público, como foi o caso do telefone público em frente à Escola 2.

Uma Escola da zona rural de Silvânia, certa vez, ficou responsável pelo programa sobre a importância da água para o planeta. Engajados nessa questão ambiental, os alunos se mobilizaram de tal maneira que conseguiram a retirada de uma draga do rio que passa nos fundos da escola. Ou seja,

> *[...] do ponto de vista da cidadania, [...] o rádio era usado como um meio, ele não é a cidadania em si, mas ele é usado como meio que pode estimular o exercício da cidadania. Porque, na verdade, a cidadania acaba sendo exercitando no dia a dia. Alguns exemplos que a gente tem: teve um programa no Roda Pião em que foi debatida a questão do meio ambiente, foi discutida a dragagem dos rios, dos córregos de Silvânia, do assoreamento que estava degradando o meio ambiente, acabando com os córregos e rios, e os alunos passaram a ver aquilo, o meio ambiente e a natureza próximo dele diferente. [...] Depois que o programa foi veiculado, foi debatido na escola, alguns alunos, com o estímulo da escola, da professora, foram até o promotor local para reivindicar que ele embargasse uma draga que estava retirando areia de um córrego, e essa ação foi feita. O promotor entrou com essa ação para embargar essa draga. O interessante é que o pessoal dizia na época que a área que estava sendo alugada para utilizar a draga pertencia ao pai de um dos alunos da escola, e mesmo sendo pai e tudo, eles acabaram, enfim, denunciando. Quer dizer, é um exemplo extraordinário aí do exercício da cidadania, porque o programa, então, deixa de ser no rádio e ele chega até a comunidade e até a sociedade e esses alunos acabam agindo* (Gestor 3).

Na Escola 1 os alunos criaram o *Cantinho da honestidade*, onde os alunos deixam os objetos perdidos e encontrados na escola. Esta iniciativa partiu do tema do *Roda Pião*, *Achado não é roubado, quem perdeu é relaxado*. Ainda segundo este Gestor, o rádio estimula o exercício da cidadania, pois na verdade a cidadania é exercitada no diálogo, apoiado pelos temas que debatem questões como meio ambiente, degradação do patrimônio público e outras questões de interesse social. A comunicação permite que a escola utilize mecanismos que nem sempre poderiam experimentar em uma disciplina convencional, por exemplo, o direito, discutindo questão legal, criminal e civil. Esta afirmação ilustra a teoria de comunicação de Melo e Tosta (2008).

Segundo os depoimentos de gestores, professores e alunos, o *Roda Pião* tem sido avaliado positivamente, pelo envolvimento das crianças nas questões sociais de afirmação da cidadania, se mobilizando na defesa de recursos naturais como nascentes e rios; pesquisando e comparando preços no comércio local e divulgando resultados para educar a população; mediando conflitos sócio-morais no ambiente escolar com soluções criativas para problemas de furtos e discriminações; cuidando melhor e até defendendo equipamentos de uso comunitário; partilhando com a família valores, atitudes e procedimentos de saúde preventiva, alertando pelos prejuízos do alcoolismo e do tabagismo. Tudo isso, a partir dos conceitos das diversas áreas do conhecimento e da apropriação de valores e ideais humanos.

Segundo abordagens dos PCN, o *Roda Pião* trabalha na perspectiva da transversalidade, na elaboração de diversos currículos, percebidos pelos professores como preocupação com a formação humana e para a cidadania. Esta característica abordada pelos PCN foi a base da construção do programa *Roda Pião*, no qual, de acordo com relatório da

coordenação, “a perspectiva da cidadania, da cultura, da solidariedade, da criticidade deve ser o horizonte maior do programa e de sua utilização didática”.

A utilização destes recursos em sala de aula transforma os alunos em autores e coautores de conteúdos, enriquecendo os processos educativos. Isso é possível, basta estimular a autonomia e a criatividade do aluno. “Somente se encarregando dessas transformações, a escola poderá interatuar como as novas formas de participação cidadã que o novo entorno institucional abre, hoje, à educação” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 63).

Para Belloni (2009), o uso da mídia no processo educacional é essencial e imprescindível para o exercício da cidadania, sua apropriação crítica e criativa possibilita a produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias são parte da cultura contemporânea.

Em suma, podemos concluir que a mediação pedagógica, conceito apresentado por Rodrigues (2006), foi suficientemente atendido, visto que a inserção do rádio nos processos educacionais possibilitou novas formas de ensinar e aprender, nas quais o aluno, de fato, interagiu com o conhecimento, por meio de ações comunicativas dialógicas, em que prevaleceram ações interativas, colaborativas e lúdicas, em um processo de mediação cognitiva.

Logo, na experiência do Roda Pião, observa-se que não houve, entre as tradicionais agências de socialização – família e escola – e os meios de comunicação, uma disputa pela hegemonia na formação de valores dos sujeitos, como apresentado na análise de Baccega (2009). Ao contrário, a história do Roda Pião evidencia que a escola, ao usar pedagogicamente os recursos do rádio, enriquece a ação educativa, construindo uma interface entre comunicação, educação e cidadania.

CONCLUSÃO

Após a análise e interpretação dos dados, é possível identificar elementos que podem contribuir para a mudança de práticas pedagógicas de sala de aula que avancem para um modelo comunicacional de ensino, como propõe Penteado (2001 e 2002), além de proporcionar maior envolvimento da comunidade escolar em projetos de aprendizagem desenvolvidos pela escola.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas entrevistas, grupos focais e análise documental. As questões norteadoras deste trabalho foram: qual a visão dos gestores, alunos e professores participantes sobre o *Programa Rádio Escola Roda Pião*? Qual a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania no *Programa Rádio Escola Roda Pião*? Quais os limites e possibilidades do Programa no processo ensino-aprendizagem dos alunos nele envolvidos? O desafio foi responder a estas questões sem perder de vista os objetivos propostos, que visam compreender a relação constituída pela tríade comunicação/educação/cidadania a partir da visão dos gestores, alunos e professores participantes do *Programa Rádio Escola Roda Pião*, um programa educativo que utiliza a mídia rádio como estratégia de ensino-aprendizagem, desenvolvido em escolas públicas estaduais e municipais de Silvânia, Gameleira de Goiás, São Miguel do Passa Quatro, Vianópolis e Leopoldo de Bulhões. A pesquisa se desenvolveu em duas escolas da cidade de Silvânia, em Goiás.

Conforme descrito na análise dos dados, é possível perceber a importância do *Projeto Rádio Escola Roda Pião* para a comunidade escolar da região de Silvânia. O envolvimento da comunidade com o *Roda Pião* favoreceu a realização deste trabalho, fato que facilitou muito a coleta de dados, pois os entrevistados mostraram grande interesse em participar da pesquisa, expressando seu orgulho em fazer parte de um programa, que na opinião deles, foi uma forma de inovação do processo de ensino-aprendizagem.

O *Roda Pião* contribuiu não só no âmbito escolar, mas para elevar o conhecimento da comunidade em geral, principalmente por meio dos quadros *Curiosidades* e *Você Sabia?*, que recebiam perguntas e dúvidas dos ouvintes as quais eram respondidas durante os programas.

A análise dos dados coletados permitiu confirmar as observações de Bertolt Brecht e Roquette-Pinto, sobre o potencial educativo do rádio, mesmo quando utilizado de forma instrumental, ou seja, como veículo de transmissão de informações e conhecimentos. No caso do *Roda Pião*, esta experiência conseguiu avançar para uma abordagem construcionista, afastando-se do instrucionismo que caracteriza boa parte dos projetos educacionais, que utilizam as mídias como recurso pedagógico.

Possibilitou, ainda, refletir sobre as afirmações de Baccega (2009), que ao reconhecer o papel de destaque das mídias na sociedade atual e ao defender sua inserção na educação escolar, nos ajuda a compreender o espaço de interfaces e convergências da comunicação e educação, possibilitando a construção de uma nova variável histórica, que integra as principais agências de formação – família e escola – e a mídia.

Neste contexto, percebeu-se no *Roda Pião* uma situação de interação entre os meios de comunicação e a escola, um novo espaço de construção do conhecimento e cidadania, um aprofundamento entre discurso didático-pedagógico e as linguagens comunicacionais, em que os meios de comunicação foram utilizados como mediadores dos processos educativos.

Com base na literatura pesquisada e nos dados coletados, além dos benefícios da rádio escola já citados, esta integração de uma mídia com a escola propicia aos alunos a expressão de ideias, a produção de conhecimento, a informação, a comunicação e a integração social. O pensamento crítico em relação à influência da mídia na vida das pessoas, inclusive, no desenvolvimento da formação da cidadania, é estimulado, propiciando espaço não só para receber informações, mas, também, para discutir sobre sensações, emoções e os conflitos existentes nos relacionamentos interpessoais. O *Roda Pião* discutia temas e propunha atividades que proporcionavam o envolvimento das crianças em situações reais de intervenção na vida social.

Com relação à visão dos sujeitos sobre o *Roda Pião*, foi unânime a opinião de que o *Projeto* contribuiu com os processos de ensino e aprendizagem de forma significativa, desenvolvendo as potencialidades dos alunos, diferentemente das estratégias tradicionais da sala de aula. Os sujeitos reconhecem, entretanto, que seria mais significativo, se professores e alunos participassem da produção, da escrita e do planejamento dos programas radiofônicos, como era a proposta inicial do *Roda Pião*.

O *Roda Pião* possibilitou, além do desenvolvimento de habilidades e competências cognitivas, a motivação, o equilíbrio emocional, e os relacionamentos interpessoais, aspectos que contribuem para a formação da cidadania dos sujeitos envolvidos.

A experiência significou, para os gestores, a integração entre a mídia e a sala de aula, utilizando o rádio como um canal de educação, ou seja, a construção do conhecimento por meio da linguagem radiofônica, uma forma dinâmica e atrativa de conduzir a sala de aula.

Para os professores, foi uma experiência inovadora, pois oportunizou mudança em suas práticas pedagógicas, como mediação do processo de ensino-aprendizagem com a articulação da tríade mídia, educação e cidadania. Neste caso, a mídia se apresentou como espaço de aprendizagem colaborativa no qual os alunos e professores são protagonistas.

Para os alunos, o *Roda Pião* foi uma forma divertida de falar coisas importantes, facilitando a compreensão e a construção do conhecimento, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de falar e ouvir, de ler e escrever, mesmo em meio às dificuldades peculiares da produção radiofônica.

Sobre a relação constituída pela tríade comunicação, educação e cidadania no *Projeto Rádio Escola Roda Pião*, os sujeitos da pesquisa reconhecem a comunicação como um espaço de cidadania, principalmente, quando discutem temas que levam os alunos a defenderem o meio ambiente, o patrimônio público, o não uso de drogas e outras temáticas que favorecem a afirmação da cidadania. Nesta perspectiva de análise, considerando os dados coletados, pode-se afirmar que o *Roda Pião* conseguiu demonstrar, na prática, um processo de construção da relação desta tríade, como um "novo" campo de convergência, que pode facilitar a construção da cidadania, uma vez que possibilita o envolvimento dos alunos em discussões sociais e coletivas, facilitando o processo de construção do conhecimento científico, principalmente, por aproximar a sala de aula da realidade dos alunos.

A participação dos alunos, como protagonistas em um processo comunicacional como o *Roda Pião*, elevou sua autoestima e proporcionou melhora no desempenho escolar.

A partir das reflexões realizadas durante este trabalho, considera-se que a integração entre mídia e escola altera, de forma significativa, a realidade educacional, podendo mudar a concepção de que as escolas e outros espaços formais de educação são muito lentos na incorporação crítica de práticas pertencentes à cultura extraescolar de uso das mídias.

Pelos depoimentos coletados, a apropriação da linguagem radiofônica no processo educativo foi satisfatória, conseguindo a adesão de todas as escolas de Ensino Fundamental de Silvânia e região e a aceitação da comunidade.

Esta foi, talvez, a principal característica *do Roda Pião*, mobilizar toda uma comunidade para o uso do rádio como ferramenta de aprendizagem e de cidadania. Esta percepção de educação frente os meios de comunicação, contudo, ainda é um desafio. Ao que parece, os sistemas educacionais não conseguiram, ainda, avaliar suficientemente o impacto da comunicação, e continuam trabalhando com recursos tradicionais que não têm proposta metodológica adequada para crianças e jovens "nativos digitais". É necessário, portanto, ampliar a percepção dos educadores para os novos espaços de aprendizagem proporcionados pelas mídias.

Enfim, o *Roda Pião* mostrou-se uma nova forma de ensinar e aprender, um jeito divertido de promover educação, informação e entretenimento, possibilitando a construção do conhecimento e o exercício de práticas de cidadania, utilizando a radiodifusão como estratégia.

Com relação à concepção de uma pedagogia da comunicação, pode-se dizer que o *Roda Pião* foi uma experiência exitosa neste sentido, ao manter no ar por doze anos, uma produção radiofônica, envolvendo educadores numa prática dialógica de descobertas e criações em parceria com seus alunos.

Por meio das análises dos dados coletados, foi possível perceber aspectos significativos de aprendizagem. Do ponto de vista da comunicação, o fato dos alunos terem acesso ao sistema de comunicação radiofônica e conhecer o processo e a rotina de produção dos programas veiculados possibilitou a compreensão do que vem a ser o "mundo editado", aspecto que contribui para uma leitura crítica das mídias. A comunicação permite, ainda, que a escola utilize estratégias que nem sempre poderia experimentar em uma disciplina convencional.

Do ponto de vista pedagógico, a leitura, a escrita, a oralidade, bem como, o gosto de ouvir os programas de rádio foram apontados como as principais contribuições do *Roda Pião* para a formação dos estudantes.

Do ponto de vista da cidadania, as séries dos programas abordavam temas relacionados a questões sociais, cidadania, meio ambiente, política, economia, saúde, justiça

social, ética e outras temáticas que favorecem a formação humana e a construção da cidadania, além da elevação da autoestima e a transmissão de valores.

Do ponto de vista da mediação, os professores puderam interagir com o ou com seus alunos por meio de ações comunicativas e dialógicas, nas quais prevalecem ações interativas, colaborativas e lúdicas em processos de mediação cognitiva, conseguindo despertar a atenção dos alunos em um nível considerado expressivo.

Foi identificada, ainda, a contribuição do *Roda Pião* para a comunidade de Silvânia, uma vez que passou a ser visto como um bem cultural local, um espaço de informação, formação e construção da cidadania, que se tornou reconhecido nacionalmente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Patrícia Horta. *Educom.rádio:* uma política pública em educomunicação. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

ANDRELO, Roseane. KERBAUY, Maria Teresa. Gênero educativo no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.* São Paulo, v. 32, n. 2, p. 147-164, jul./dez. 2009.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. A Rádio na escola: uma prática educativa eficaz. *Revista de Ciências Humanas:* Universidade de Taubaté. Ano 2001. v. 7, n. 2, jul/dez. p. 33-38.

_____. *A rádio no espaço escolar:* para falar e escrever melhor. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. Rádioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita, *UNIrevista* , v. 1, n. 3. julho 2006.

BACCEGA, M. A. Do mundo editado à construção do mundo. *Comunicação & Educacão*, n.1. São Paulo, CCA/ECA-USP; Moderna, set./dez de 1994. p.7-8.

_____. A construção do campo comunicação/educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [14]: 7 a 16, jan./abr. 1999.

_____. *Televisão e escola*: uma mediação possível? São Paulo: Editora Senac, 2000.
_____. Meios de comunicação na escola. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [25]: 7 a 15, set./dez. 2002.

_____. *Televisão e escola: uma mediação possível?* São Paulo: Editora Senac, 2003.

_____. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação & Educação*. Ano XIV, n. 3, set/dez, 2009.

_____. Comunicação/educação: relações com o consumo. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 7 n. 19, p. 49-65, jul. 2010.

BARROS, Adriana Azevedo Paes de. *O Projeto Rádio-Escola*: a rádio comunitária irradiando cidadania. Tese (Doutorado) – São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, Unimesp, 2002.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 3. ed. Campinas, SP: Associados, 2009.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Pesquisa quantitativa segundo a visão fenomenológica*. São Paulo, Cortez, 2011.

BOBBIO, Norberto. A *era dos direitos.* Rio de Janeiro: Campus, 2004.

BORDENAVE. Juan E. Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Vozes. Petrópolis: 1998.

BORGES, Patrícia da Veiga. *Comunicação, educação e políticas públicas*: um estudo sobre o Programa Mídias na Educação. Dissertação (Mestrado), Goiânia, UFG, 2011.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação*: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. *Comunicação & Educação,* Ano X, n. 3, set/dez 2005. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/ comeduc/article/viewArticle/5155>. Acesso em: 21/11/2011.

BRASIL, Constituição Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ constituicao/constituicaocompilado.htm >. Acesso em: 23/01/2013.

BRASIL, Lei n. 9394/96. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf >. Acesso em: 23/01/2013.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério das Comunicações; Ministério da Educação. *Portaria Interministerial n. 651, de 15 abr.1999.* Estabelece critérios para outorgas de concessões, permissões e autorizações para execução dos serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, com finalidade exclusivamente educativa. Disponível em: <http://www.sulradio.com.br/legislacao/ portaria %20int_651.asp>. Acesso em: 29/01/2013.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). *Teoria do Rádio:* textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. p 327-336. v. 1.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o* longo caminho. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CATELLI, Rosana Elisa. *O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930. Intexto*, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 12, p. 1-15, janeiro/junho 2005. Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Cinema%20 educativo -%201920-1930.pdf>. Acesso em: 25/08/2012.

CITELLI, Adilson. *Palavras, meios de comunicação e educação.* São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Comunicação e educação: convergências educomunicativas. *Comunicação, Mídia e Consumo,* São Paulo, v. 7, n. 19, p. 67-85 jul., 2010.

CORTINA, Adelia. *Cidadãos do mundo:* para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

COTRIM. Edmar Camilo. *Silvânia:* enredo e personagens. Silvânia: Anima, 1998.

DELIBERADOR, Luzia M. Yamashita; LOPES, Mariana Ferreira. Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo Soares Barros de Cambé – PR. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v.34, n.1, p. 85-103, jan./jun., 2011.

DEL BIANCO, Nélia R. Rádio a serviço da comunidade. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [18]: 22 a 35, maio/ago., 2000.

DELORS. Jacques. *Educação:* um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez. 2000

DEMO, Pedro. *Participação e conquista*. São Paulo, Cortez, 1988.

DOMINI, Adriana Maria. Programas de Rádio como Complemento Educacional ás Abordagens dos Temas Transversais. In: PEREIRA, Josias. *Novas tecnologias de informação e comunicação em redes educativas*. Londrina: ERD Filmes, 2008.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, março/2002, p. 139-154. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em: 21/11/2011.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio:* o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FIGUEIREDO, Jakes Charles. *Projeto rádio recreio no dia a dia de uma escola municipal Universidade Católica Dom Bosco Campo Grande*. Dissertação (Mestrado) – Campo Grande, MS, UCDM, 2011.

PEREIRA FILHO, Sebastião Faustino. *Convergências de meios a partir do rádio em uma escola pública de Natal*. Tese (doutorado). Natal, RN. UFRN. 2010.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Política e educação*: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRANCO, Marilia. Você sabe o que foi o INCE? In. SETTON, Maria das Graças. *A cultura da mídia na escola:* ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume; USP, 2004.

FUNARI, Claudia Vicenzai. *A prática da mediação em processos educomunicacionais*: o caso do Projeto Educom.rádio. Dissertação (Mestrado). São Paulo, SP: USP, 2007.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. Comunicação, meios de comunicação e formação de professores: questões de pesquisa. In. PORTO, Tânia Maria Esperon. *Saberes e linguagens de educação e comunicação.* Pelotas: UFPel, 2001.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Adriano Lopes. *O rádio e a experiência estética na constituição do ouvinte.* 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-radio-experiencia-estetica.pdf>. Acesso em: 15/08/2012.
_____. *As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica*: um estudo de caso, 2007. Disponível em:<http://www.bocc.ubi.pt/pag/gomes-adriano-narrativas-orais.pdf>. Acesso em: 15/08/2012.

GOMES, Pedro Gilberto. *Tópicos de teoria da comunicação*: processos midiáticos em debate. São Leopoldo-RS: Unisinos, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho A. Mídia e cidadania. *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 27-40, jan./jun., 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. *Mídia, educação e cidadania*: tudo o que você deve saber sobre mídia. Petrópolis, RJ: Editora?, 2005.

JACKS, Nilda; FRANKE, Felipe Schroeder. Recepção radiofônica: análise da produção acadêmica na década de 90. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 85-105, jan/jun., 2006.

TAVARES JÚNIOR, Renato. *Educomunicação e expressão comunicativa*: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio. Dissertação (Mestrado) – São Paulo. USP, 2007.

KEMPFER, Liderci Maria de Andrade. Impactos da cibercultura na mediação pedagógica nas escolas públicas municipais do Ensino Fundamental da cidade de Goiânia (GO). Dissertação (Mestrado), Brasília, DF, UNB, 2012.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 104 (Especial), p. 647-665, out., 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 16/06/2012.

LÉVY, P. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, Dênis de (org). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record. 2003

LINHARES, Ronaldo Nunes. *Gestão em comunicação e educação:* o audiovisual no espaço escolar. Maceió: EDUFAL, 2007.

LOBO, Maria Izaltina Lopes de Sousa. *Contribuições do programa "Roda Pião" no processo de aprendizagem nas escolas de Silvânia-Go.* TCC (Especialização) – Rio de Janeiro-RJ, PUC-Rio, 2010.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. *Pesquisa em comunicação*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação:* abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação:* contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MARSHALL, T. H. Cidadania e classe social. In: *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais*. Brasília: MEC, 1999. (Série de Estudos: Educação a distância, Mediatamente! Televisão, cultura e educação).

_____. Desafios culturais da comunicação a educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [18]: 51 a 61, maio/ago., 2000.

_____. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo, Editora SENAC, 2001.

_____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de. *Sociedade midiatizada*. São Paulo:Senac, 2005.

_____. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINO. L. C. Elementos para uma epistemologia da comunicação. In. FAUSTO NETO, Antônio. *Campo da comunicação*: caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2001.

MCLUHAN, Herbert Marshall. *Os meios de comunicação com extensões do homem.* Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEDITSCH, Eduardo. *A nova era do rádio:* o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico, 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html>. Acesso em: 08/02/2012.

MEKSENAS. Paulo. *Cidadania, poder e comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MELO, José Marques; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia & Educação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MIRANDA, Gilda Soares. *Currículo e cotidiano:* os usos dos sujeitos praticantes na Rádioescola Clóvis Borges Miguel. Dissertação (Mestrado) – ES, UFES, 2007.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. *Em Aberto,* Brasília, ano 16. n.70, abr./jun. 1996.

MOREIRA, Cláudia da Consolação. *Educom.Rádio*: indícios e sinais. Dissertação (Mestrado), Cuiabá, MT: UFMT, 2007.

MORIGI, V.; ROSA, R. Cidadania midiatizada, cidadão planetário. *Revista Comunicação e Espaço Público,* Ano VII, n. 1 e 2, 2004. Disponível em: <www.unb.br/fac/posgraduacao>. Acesso em: 21/08/2012.

MORIN. Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro.* São Paulo: Cortez, 2000.

MOTTA, Gláucio Rodrigues. *Nas ondas da inclusão*: as vozes escutadas das experiências sentidas por educandos de um projeto de rádio-escola. Dissertação (Mestrado) – Vitória, ES: UFES, 2005.

OLIVEIRA, Ana Elisa de. *Rádio-escola:* uma sintonia no ar. Dissertação (Mestrado), Curitiba, PR, UFPR, 2009.

OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e mediações escolar*: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

OROZCO, Guillermo Gómez. Uma pedagogia para os meios de comunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, [12]: 77 a 88, maio/ago., 1998.

_____. Mídia, percepção e educação. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre , n. 26, abr. 2005 quadrimestral.

_____. O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva. *Communicare – Revista de Pesquisa*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 27-38, 1º semestre 2005.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Pedagógica da comunicação: teorias e práticas. In. PORTO, Tânia Maria Esperon. *Educação para a mídia/pedagogia da comunicação*: caminhos e desafios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Comunicação escolar*: uma metodologia de ensino. São Paulo: Salesiana, 2002.

PORTO, Tania Maria Esperon. *Educação para a mídia/pedagogia da comunicação*: caminhos e desafios. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Saberes e linguagens de educação e comunicação.* Pelotas: UFPel, 2001.

PRESNKY, Marc. Nativos digitais imigrantes digitais. 2001. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/texto-1-nativos-digitais-imigrantes-digitais-pdf-d27791998> Acesso em: 04/01/2011.

RESSEL. Lúcia Beatriz. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. *Texto Contexto*, Florianópolis, 2008, out-dez; 17(4): 779-86.

RODRIGUES, Cleide Aparecida Carvalho. *Mediações na formação a distância de professores:* autonomia, comunicação e prática pedagógica. Tese (Doutorado) – Salvador: UFBA, 2006.

RODRIGUES, Maria Emília de Castro. Movimento de educação de base em Goiás. *Anped*, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT06-5724-Int.pdf>. Acesso em: 15/08/2012.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto*:* o rádio e o cinema educativos. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 10-15, dez./fev., 2002-2003.

SANTOS, Arnaldo Ribeiro dos. *O rádio no espaço público da escola:* construindo áreas comuns de significado. Dissertação (Mestrado), São Paulo, SP: USP, 2002.

SANTOS, Elvis Wanderley dos. *Rádio Educativo*: um estudo de caso nas escolas municipais da cidade de São Paulo - Educom.Rádio. Dissertação (Mestrado). São Paulo, SP: UNIP, 2006.

SANTOS, Roberto Elísio dos. *As Teorias da Comunicação*: da fala à internet, São Paulo. Paulinas, 2003.

SEGAWA, Francine Sayuri. *Programa Educom.rádio*: um estudo sobre representações. Dissertação (Mestrado). São Paulo, SP: USP, 2009.

SETTON, Maria das Graças. *Mídia e educação.* São Paulo: Contexto, 2010.

SIGNATES, Luiz. *A questão epistemológica da centralidade da comunicação*. In: SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 3. 2011, Goiânia-Goiás. *Anais...*, Goiânia: UNISINOS; UFG; UFJF, 2011.

SILVA, Robson Terra. *A rádio escola e a escola na rádio*. Dissertação (Mestrado) – Rio de Janeiro: UFF, 2005.

SIQUEIRA, Romilson Martins. *O programa "Um Salto Para O Futuro*" e o discurso da formação continuada de professores. Dissertação (Mestrado) – Goiânia/GO, UFG/FE, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. Tecnologias da informação e novos atores sociais. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 04, set/dez 1995.

_____. *Uma educomunicação para a Cidadania*. 1999. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos>. Acesso em: 14/07/2011.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania*: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha Albieri. *Para entender as teorias da comunicação.* Uberlândia: EDUFU, 2009.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade:* uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro-Petrópolis: Vozes, 1998.

TOSCHI, Mirza Seabra. *Formação de professores reflexivos e TV Escola:* equívocos e potencialidades em um programa governamental de educação a distância. Tese (Doutorado) – Piracicaba, SP: Unimep, 2000.

_____. *Leitura na tela dos computadores.* Goiânia: UFG, 2009. Disponível em: <http://anaisdosimposio.fe.ufg.br/uploads/248/original_1.473_.pdf>. Acesso em: 20/06/2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais:* a pesquisa qualitativa em educação. 18. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

VALENTE, José Armando. *Informática na educação*: instrucionismo x construcionismo. Campinas: NIED/Unicamp 1998.

_____. *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas, SP: Unicamp/NIED, 1999.

_____. Educação ou aprendizagem ao longo da vida. *Pátio Revista Pedagógica*. Porto Alegre, v. 8, n.31, p. 12-15, 2004.

VERMELHO, Sônia Cristina; AREU, Graciela Inês *Presas. Estado da arte da área de Educação & Comunicação em periódicos brasileiros. Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1413-1434, set./dez. 2005. Disponível em:<http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em:10/08/2012.

ZUCULOTO, Valci. Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio (1927-1932): um diálogo sempre atual sobre o papel social e as potencialidades da radiodifusão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 28, 2005, Rio de Janeiro, *Anais*... Rio de Janeiro:UERJ, 2005.

APÊNDICE A – PROGRAMAS E PROJETOS DE INCENTIVO AO USO PEDAGÓGICO DAS TIC NA ESCOLA

O quadro, abaixo, apresenta Programas e Projetos de incentivo ao uso pedagógico de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas escolas, destacando, entre eles, o *Projeto Rádio Escola Roda Pião*, objeto desta investigação.

PROGRAMA/ PROJETO	DATA DE CRIAÇÃO	PROPONENTES	FINALIDADE	AÇÕES
TV Escola e Salto para o Futuro http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/	Setembro de 1995. Foi ao ar oficialmente para todo o Brasil em 4 de março de 1996	Governo Federal, Secretarias de Educação e Fundação Roquete-Pinto	Sistema fechado de produção-recepção de um serviço educativo voltado essencialmente para a capacitação, em serviço, de profissionais da educação, utilizando a televisão como meio de transmissão de conhecimentos	Distribuição para as escolas de antenas parabólicas e *kit* tecnológico, composto de televisão e videocassete.
TV na Escola e os Desafios de Hoje http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/modulo1_parte_a.pdf	Teve inicio em 15 de outubro de 2000.	MEC/UniRede	Capacitar profissionais de instituições públicas de ensino fundamental e médio para o uso no cotidiano escolar dos recursos proporcionados pelas TIC, com ênfase na comunicação audiovisual	Possibilitar por meio do curso a melhor utilização da televisão, do vídeo e demais tecnologias no ensino.
Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462	Portaria n. 522, de 9 de abril de 1997	Governo Federal em parceria com Secretarias Estaduais e Municipais de Educação	Promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica.	Compra e distribuição de computadores interligados à Internet e outras mídias e produção de conteúdos digitais.
Mídias na Educação http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=681&id=12333&option=com_content&view=article	Iniciou-se em 2005	Governo Federal em parceria com Secretarias Estaduais	Proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes TIC – TV e vídeo, informática, rádio e impresso. O público-alvo prioritário são os professores da educação básica	Cursos de formação continuada para professores
Educom.Rádio http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/radio/radio_basico/projetos_noar_educomradio.htm	2001	Faculdade de Comunicação e Artes (ECA/(USP) e Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo	Utilizar a metodologia da Educomunicação, por meio da mídia rádio no processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas goianas	Utilização da linguagem como ferramenta pedagógica

Continuação...				
PROGRAMA/ PROJETO	**DATA DE CRIAÇÃO**	**PROPONENTES**	**FINALIDADE**	**AÇÕES**
Um Computador por Aluno (PROUCA) http://www.uca.gov.br/institucional/index.jsp	Lei n. 12.249, de 14 de junho de 2010	Governo Federal em parceria com Secretarias Estaduais e Municipais de Educação	Ser um projeto educacional utilizando tecnologia, inclusão digital e adensamento da cadeia produtiva comercial no Brasil	Em Janeiro de 2010, o projeto piloto distribuiu 150.000 *laptops* educacionais a aproximadamente 300 escolas públicas já selecionadas nos estados e municípios. Cada escola recebeu os *laptops* para alunos e professores, infraestrutura para acesso à internet, capacitação de gestores e professores no uso da tecnologia
Rádio Escola Sem Fronteiras	1999	SEDUC-GO	Utilizar a tecnologia e a mídia rádio no processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas goianas	Utilização da linguagem radiofônica no processo de ensino-aprendizagem.
Projeto Rádio Escola Roda Pião http://nterodapiao.blogspot.com.br/	1999	SEDUC-GO, SME Silvânia e Rádio Rio Vermelho	Utilizar a tecnologia e a mídia rádio no processo de ensino-aprendizagem das escolas públicas de Silvânia e região	Utilização da linguagem radiofônica no processo de ensino-aprendizagem.

APÊNDICE B – MAPEANDO A PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE O TEMA

Texto elaborado como resultado da pesquisa exploratória, que antecedeu a definição e delimitação do objeto de estudo, privilegiando-se a produção acadêmica a respeito das interfaces entre comunicação, educação e cidadania, em geral, e do uso pedagógico do rádio, em especial.

De certa maneira, as inovações tecnológicas sempre estiveram presentes na educação, provocando, de início, em muitos professores, espanto, medo e resistência. Foi assim com o quadro-giz, com o livro, com a televisão, até mesmo com a própria invenção da escrita, criticada por Sócrates, por temer, com o advento do registro escrito das palavras, o desestímulo à memória. Na contemporaneidade, presenciamos essa estranheza em relação à inserção na escola de mídias digitais modernas como o computador, internet, lousas digitais e outros meios que assustam os professores.

No Brasil, a onda de modernização e desenvolvimento reflete-se, também, na educação, seja na inserção de equipamentos e recursos audiovisuais na escola ou na capacitação de professores para uso das tecnologias nos processos educacionais. Assim, a utilização do audiovisual em sala de aula não é uma novidade para esta geração, denominada por Toschi (2009), de “geração digital” ou "nativos digitais" (PRENSKY, 2001). Segundo Citelli (2010), desde o início da década 1920, educadores brasileiros, como Roquette-Pinto e Anízio Teixeira, discutem a potencialidade dos meios de comunicação na educação.

Várias experiências de uso de mídias na educação já foram implementadas. Dentre as propostas consideradas inovadoras para o desenvolvimento da educação, destacam-se o Cinema Educativo[20] (FRANCO, 2004), e as Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base (MEB[21]) (RODRIGUES, 2009).

---

[20] Proposta de utilização do cinema como recurso nos processos educativos, levando à criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), em 1937, sob a direção de Roquette-Pinto, que permanece atuante até 1966 (CATELLI, 2005)

[21] Criado pela Igreja Católica, em 1961, inicialmente, com apoio do Governo Federal, propunha-se a desenvolver programa de alfabetização e educação de base, por meio de escolas radiofônicas, a partir de emissoras católicas. Após dois anos de atuação reformulou radicalmente seus objetivos e seus métodos de ação, aliando-se a outros movimentos de cultura popular do período. Com interrupções e refluxos, o MEB existe até hoje, tentando fazer ressurgir seu modo de atuação original. Para maiores informações sobre o Movimento de Educação de Base da Igreja Católica, no seguinte endereço eletrônico: < http://www.forumeja.org.br/meb>.

Na década de 1970, destacam-se os cursos de preparação para os exames supletivos de 1º e 2º grau, chamado Madureza, cujos conteúdos para as provas eram transmitidos pelo rádio, por meio do Projeto Minerva[22].

Na década de 1990, registra-se a TV Escola e ProInfo, ainda em atividade e disponível às escolas públicas.

Em 2000, o MEC retoma de forma mais abrangente o uso do rádio em ações educativas, lançando o *Programa Rádio Escola*, desenvolvendo ações que utilizam a linguagem radiofônica para o aprimoramento pedagógico de comunidades escolares, o desenvolvimento da cidadania e o treinamento de grupos profissionais.

No ano de 2003, o *Programa Rádio Escola* do MEC incorporou a experiência e a metodologia da educomunicação desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Educação e Artes do NCE/USP e utilizada no programa *Educom.Rádi*o. O *Educom.Rádio* passou, então, a ser desenvolvido em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação

Entre 2005 e 2006, o *Educom.Rádio* foi implementado nos estados da região Centro-Oeste, com o nome de *Educom.Rádio.Centro-Oeste*, com o objetivo de introduzir o conceito e os procedimentos da educomunicação nas práticas pedagógicas de 70 escolas estaduais, por meio da formação de professores e gestores estaduais no uso da linguagem radiofônica (ALVES, 2007).

A inserção das mídias na educação vem acompanhando o próprio processo de desenvolvimento dos meios de comunicação. Devemos, entretanto, refletir sobre o uso pedagógico desses recursos, sua contribuição para a aprendizagem e a existência de políticas públicas em nível, estadual e municipal, que sustentam as iniciativas do governo federal.

O uso do rádio no processo educativo não é uma novidade deste século. Historicamente, no Brasil, rádio e educação sempre estiveram associados (DEL BIANCO, 2000), visto que a primeira emissora instalada no País, em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tinha caráter educativo e cultural.

---

[22] Projeto Minerva, Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação, fundamentados na Lei n. 5.692/71, que enfatizava a educação de adultos. O projeto Minerva foi transmitido, obrigatoriamente, em rede nacional, por emissoras de rádio, e seu objetivo era preparar alunos para os exames supletivos de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Este programa foi implementado como uma solução, em curto prazo, aos problemas de desenvolvimento econômico do país, já que visava a preparar mão-de-obra.

Para iniciar essa investigação sobre comunicação e educação, em especial sobre a mídia rádio na educação, realizamos o seguinte levantamento bibliográfico.

Vermelho e Areu, no artigo *Estado da arte da área de Educação & Comunicação em periódicos brasileiros, de* 2006, identificaram a existência de 1543 textos publicados no período de 1982 a 2002. Estes revelam que as pesquisas têm privilegiado estudos sobre a televisão (19,1%), a informática/internet/*softwares* (25,7%) e mídia impressa (15, 4%). Neste trabalho o rádio não foi mencionado.

Outro trabalho que merece destaque foi a pesquisa *Recepção radiofônica: análise da produção acadêmica na década de 1990*, em que Nilda Jacks e Filipe Schroeder Franke (2006) descrevem o estado da arte da pesquisa de recepção nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Segundo os autores, na década de 1990 foram realizadas 1.769 pesquisas, entre teses e dissertações, nos 11 Programas de Pós-Graduação em Comunicação no Brasil, das quais 58 têm como objeto de estudo o rádio. Este estudo não esclarece quantos trabalhos relacionam comunicação e educação, somente descreve os nove trabalhos que estudam a recepção do rádio.

Na Revista Brasileira de Ciências da Comunicação/Portal da Intercom, foram encontrados 18 artigos com a temática Rádio, publicados entre 1987 a 2011. Destes, somente dois artigos estão relacionados com a interface comunicação e educação: o artigo, *Gênero educativo no rádio: parâmetros para a elaboração de programas voltados à educação*, publicado em 2009, por Roseane Andrelo e Maria Teresa Kerbany e *Mídia Educação e a formação cidadã: análise das oficinas de rádio da escola municipal Olavo* Soares *Barros, Cambé – PR*, publicado em 2011, por Luzia M. Yamashita Deliberador e Mariana Ferreira Lopes. No primeiro, as autoras buscam compreender o papel do rádio na educação, com o objetivo de discutir as especificidades do gênero educativo, de forma a fornecer parâmetros para a produção radiofônica com finalidade educativa. No outro artigo, as autoras propõem uma reflexão sobre a mídia educação, utilizando, além do levantamento bibliográfico, a pesquisa-ação por meio de oficinas de rádio, oferecidas na Escola Municipal Olavo Soares Barros, em Cambé, Paraná.

Buscando identificar a relevância do tema deste estudo, outro levantamento foi realizado no *Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)* a fim de identificar trabalhos relacionados à temática Rádio Escola. Foram encontrados vários registros de estudos sobre rádio, sendo que foram identificados 14

trabalhos, dentre dissertações e teses, que têm como foco o espaço escolar. Do total, seis trabalhos estavam relacionados ao projeto Educom.Rádio, em São Paulo, programa implantado pela Lei n. 13.096, de 08 de dezembro de 2000.

Considerando a relevância da temática, optamos por apresentar um breve resumo destas pesquisas que abordam o uso do rádio no contexto educacional. Não é nossa pretensão analisar estes trabalhos, mas apenas elucidar a proposta das pesquisas.

Adriana Azevedo Paes de Barros, em 2002, defendeu a tese com o título *O Projeto Rádio-Escola: a rádio comunitária irradiando cidadania*. Nesse estudo a autora procurou observar, analisar e descrever o *Projeto Rádio-Escola* desenvolvido no município de Vargem Grande Paulista, na grande São Paulo, no qual evidencia-se a participação como possibilidade de transformação de crianças em cidadãos críticos, constituindo-se numa prática viva da cidadania. Analisou, também, a ação dialógica que passa a ocupar o ambiente escolar, permitindo que crianças desenvolvam uma escuta reflexiva, uma fala questionadora e uma capacidade criativa de transmitir significados.

Outra pesquisa encontrada diz respeito ao acompanhamento do processo de implantação de uma rádio escola, em uma escola pública da cidade de Curitiba. A autora, Ana Elisa de Oliveira, evidenciou, em 2009, na dissertação *Rádio Escola: uma sintonia no ar...*, a compreensão do sentido da rádio escola para os alunos participantes e o impacto percebido por eles na aprendizagem escolar. Constatou-se que a produção dos programas estimulou o trabalho em equipe, a construção da autonomia, o respeito à diversidade cultural, potencializando o protagonismo adolescente e ressaltou a importância da educomunicação no ambiente escolar.

O trabalho de Arnaldo Ribeiro dos Santos, de 2002, descreveu uma experiência de uso do rádio em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino Fundamental de São Paulo, na qual professores, funcionários e alunos de sétimas e oitavas séries, transformaram parte da produção escolar de algumas disciplinas componentes da matriz curricular em matéria radiofônica na perspectiva interdisciplinar.

Patrícia Horta Alves na tese de doutorado, *EDUCOM.RÁDIO: uma política pública em Educomunicação*, de 2007, analisou a formulação e implementação do *Programa Educomunicação pelas Ondas do Rádio(EDUCOM.RÀDIO)*, em escolas públicas de ensino fundamental do Município de São Paulo, no período de 2001 a 2004.. A autora concluiu que o projeto contemplou a centralidade de conceitos como participação, dialogicidade, formação

para a cidadania e inclusão social, bem como estabeleceu uma relação entre atores governamentais e sociedade civil.

A dissertação de Cláudia da Consolação Moreira, de 2007, discutiu a implantação do *Projeto Educom.Rádio Centro-Oeste*, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em parceria com o Ministério da Educação, Fundação de Apoio da Universidade São Paulo, Unesco e Secretarias de Educação dos Estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O Projeto atendeu a 70 escolas: 20, em Mato Grosso; 20, no Mato Grosso do Sul; e 30, em Goiás. O Projeto buscou formar profissionais de educação, alunos e comunidade, para o uso da linguagem radiofônica na escola.

Outras quatro dissertações de mestrado, abordaram o Projeto Educom.Rádio. Elvis Wanderley dos Santos, em 2006, abordou a inserção do rádio na escola, tomando como foco o *Projeto Educom.Rádio* e a proposta de utilização do rádio como ferramenta de mediação tecnológica da produção de conhecimento no ambiente escolar, segundo a perspectiva da educomunicação. A pesquisa buscou identificar diferentes visões do processo de implementação e desenvolvimento do projeto de rádio, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Teixeira, em São Paulo.

A pesquisa de Cláudia Vicenza Funari, de 2007, teve como objetivo traçar o perfil, entender a ação e os conceitos formados por agentes culturais que foram responsáveis pela relação direta entre o *Projeto Educomunicação pelas Ondas do Rádio* (*Educom.Rádio*) e os cursistas, representados por professores, estudantes e membros das comunidades educativas, das escolas de Ensino Fundamental da Prefeitura do município de São Paulo, concluindo que o objetivo da atuação dos "mediadores" era o de criar as condições indispensáveis para o entendimento do conceito de educomunicação para a sua aplicação no planejamento de ações educomunicativas, mediante o uso da linguagem radiofônica.

A dissertação de Renato Tavares Júnior, de 2007, investigou a consolidação do novo campo autônomo da Educomunicação, com ênfase na área da "mediação tecnológica na educação", tendo como objeto de pesquisa produções radiofônicas vinculadas ao Projeto Educom.Rádio, implementado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCEUSP) junto a 455 escolas da rede municipal de ensino de São Paulo, entre 2001 e 2004. A pesquisa pretendeu elucidar em que condições e com que resultados ações educomunicativas podem melhorar os processos comunicativos nas escolas e ainda estimular o protagonismo infanto-

juvenil, potencializando a capacidade expressiva de crianças e jovens, tornando-os cidadãos mais críticos e criativos, e revelando o potencial pedagógico do rádio como instrumento de inclusão, capaz de proporcionar o desenvolvimento da fala e da escrita.

Já Francine Sayuri Segawa, em 2009, realizou um levantamento e análise das representações sobre educação de um grupo de agentes que atuou no programa *Pelas Ondas do Educom.Rádio* nas escolas de Ensino Fundamental da Prefeitura do município de São Paulo. As representações foram estudadas por meio de um conjunto de 104 relatórios escritos pelos integrantes de uma das equipes que atuava diretamente com as escolas municipais, durante o ano de 2004. Concluiu que os relatórios foram utilizados como um espaço de monitoramento e avaliação das atividades, dos cursistas e das condições materiais do curso, de acordo com critérios de classificação que foram estabelecidos pela própria equipe no decorrer da prática pedagógica, em consonância com o referencial teórico do projeto.

Gilda Soares Miranda, em 2007, analisou as práticas cotidianas de uma rádio instalada no interior de uma Escola Estadual de Ensino Médio, no Município da Serra, no Espírito Santo. Verificou que os jovens se identificam com as possibilidades variadas de comunicação, no contexto da escola, e melhoram a auto-estima à medida que se relacionam como grupo coeso na produção da programação.

A dissertação de Gláucio Rodrigues Motta, de 2005, descreveu as experiências sentidas por um grupo de dez crianças e adolescentes participantes de um projeto de rádio escola, em uma escola pública municipal na periferia de Vitória, no Estado do Espírito Santo. Segundo o autor, foi possível observar que o espaço da rádio escola possibilita mudanças significativas nos educandos, como a ampliação da percepção e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e afetivas, revelando o alcance que a experiência da rádio escola propicia.

Jakes Charles Figueiredo analisou, em 2011, em sua dissertação as concepções dos docentes de uma escola pública da educação básica sobre a igualdade/diferença da identidade indígena, pela análise de documentos do *Projeto Rádio Recreio*. A pesquisa evidenciou que os alunos participantes do *Projeto Rádio Recreio* percebem a escola de uma maneira diferente, entendendo que o *Projeto Rádio Recreio* não significa apenas um passatempo, mas sim a continuidade das aulas de uma forma diferenciada, dinâmica e atrativa.

A pesquisa de mestrado de Robson Terra Silva, de 2005, abordou a experiência de Rádio Escola Comunitária, do Colégio Estadual Ary Parreiras, em Laje do Muriaé, Estado do

Rio de Janeiro, transformando-o em ferramenta de integração escola-comunidade. Concluiu que a Rádio Escola Comunitária transforma a Escola em espaço da Comunidade, dilui o muro, dá voz a alunos e pais, exercita a cidadania, possibilita a integração e maior participação, e dá sabor às relações escola-comunidade, consolidando-se como uma experiência instituinte de autonomia administrativa e pedagógica sem romper com o sistema no qual está inserida.

A tese de doutorado de Sebastião Faustino Pereira Filho, de 2010, tratou da convergência da fotografia, do vídeo e da música, intermediados por uma rádio escolar, instalada na Escola Municipal Djalma Maranhão, em Natal, Rio Grande do Norte, em uma turma do 5º ano da Educação de Jovens e Adultos, a partir das atividades desenvolvidas por eles, no processo de produção dos programas radiofônicos. A pesquisa revelou que as experiências com os meios citados permitiram diversas possibilidades de melhoria no ensino-aprendizagem, como a elevação da auto-estima dos educandos, a inclusão sócio-educacional de pessoas portadoras de necessidades especiais, diminuição da timidez e da facilitação da comunicação entre os sujeitos, permitindo o diálogo entre eles, intervindo nas suas relações sociais, ultrapassando os limites da escola. A pesquisa confirmou, então, que comunicação e educação fazem parte da mesma natureza.

Em 2010, Maria Izaltina Lopes de Sousa Lobo apresentou para o curso de Especialização em Tecnologias na Educação, a monografia que resultou no estudo de caso a cerca dos dez anos do programa de rádio Roda Pião de Silvânia. Este trabalho apresentou o Roda Pião como um marco positivo na vida dos estudantes participantes das gravações, dos concursos, dos programas ao vivo e da audição do programa em sala de aula, enfim, de todo o processo. Para os professores o Roda Pião tem sido um suporte pedagógico que visa ampliar as possibilidades do trabalho do ensino e aprendizagem.

De certa forma, estes estudos reafirmam os resultados deste trabalho, principalmente quando revela as contribuições da rádio escola na formação dos educandos, no que diz respeito ao desenvolvimento da fala, ao aprimoramento da escrita, à elevação da autoestima, assim como, à identificação de novas estratégias de aprendizagem à disposição dos educadores.

APÊNDICE C – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM GESTORES

1) Qual seu nome?
2) Qual sua função e cargo na instituição em que trabalha?
3) Quando e como teve início o projeto de Rádio Roda Pião?
4) Qual o objetivo do projeto Roda Pião?
5) Como funciona o Roda Pião?
6) Existe formação para os educadores atuarem no projeto? Quem é responsável?
7) Como são produzidos os programas a serem veiculados no rádio?
8) Na sua opinião, há contribuição do Roda Pião na formação dos educandos?
9) Quais as contribuições que o Roda Pião trouxe à comunidade silvaniense?
10) Na sua opinião, quais as dificuldades e benefícios do programa Roda Pião?
11) Em quantas escolas foi implantado o programa Rádio Escola?
12) Qual a participação da Rádio Rio Vermelho na produção e veiculação do Roda Pião?
13) O Roda Pião já ganhou algum prêmio? Quais?
14) Em casa você costuma ouvir o programa no rádio?
15) O que você mais gosta no Projeto?

APÊNDICE D – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM PROFESSORES

1) Qual seu nome?
2) Há quanto tempo é professor?
3) Qual a disciplina você leciona e qual a série?
4) Quando e como teve início o projeto de Roda Pião na sua escola?
5) Qual o objetivo do projeto Roda Pião?
6) Como funciona o Roda Pão?
7) Como é a participação da escola na produção dos programas?
8) Como são selecionadas as pautas?
9) Há quanto tempo você trabalha no Roda Pião?
10) Existe formação para os educadores atuarem no projeto? Quem é responsável?
11) Como são produzidos os programas a serem veiculados no rádio?
12) Na sua opinião, há contribuição do Roda Pião na formação dos educandos?
13) Na sua opinião, quais as dificuldades e benefícios do programa Roda Pião?
14) Como acontece a seleção dos alunos participantes no programa?
15) E os pais, o que acham da participação dos filhos no projeto?
16) O que mudou na rotina da escola depois da implantação do projeto?

APÊNDICE E – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM ALUNOS

1) Qual seu nome?
2) Qual sua idade?
3) Qual série está cursando atualmente?
4) Quanto tempo participa do Roda Pião?
5) Qual o significado do Roda Pião para você?
6) Como são produzidos os programas a serem veiculados no rádio?
7) Como é sua participação do projeto Roda Pião?
8) Em casa você costuma a ouvir o programa no rádio?
9) O que você mais gosta do projeto?
10) Na sua opinião quais as dificuldades e benefícios do programa Roda Pião?

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES E PROFESSORES

Prezado Gestor ou Professor:

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Divino Alves Bueno, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Comunicação.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável, Divino Alves Bueno, nos telefones: (62) 3622-7982, inclusive ligações a cobrar. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

Informações importantes sobre a pesquisa

O Rádio Escola Roda Pião: comunicação, educação e inovação na prática pedagógica é uma pesquisa de natureza acadêmica que visa compreender o papel do rádio no processo educativo e sua contribuição na construção da cidadania, a partir da visão dos gestores, alunos, professores e pais de alunos participantes.

Para conseguir seus objetivos, o pesquisador realizará entrevistas com gestores e professores participantes do *Projeto Roda Pião*, a serem previamente agendadas. Nas entrevistas serão abordados temas relacionados com o Projeto Roda Pião. Com base nos resultados, será possível compreender a importância da utilização do rádio na Escola. Sua participação é absolutamente voluntária. O tempo de duração da entrevista é, em média, de 30 minutos, e o entrevistado tem o direito de responder ou não às questões colocadas pelo entrevistador, bem como finalizar a entrevista no momento em que desejar, ou se retirar da pesquisa a qualquer momento.

As entrevistas serão gravadas, transcritas e usadas somente pelo pesquisador responsável pela pesquisa e, no momento da análise dos dados, os mesmos serão articulados por temáticas afins e categorias de análise, por meio das quais serão trabalhadas as evidências dos resultados de forma coletiva, ou seja, a partir da visão geral dos participantes da pesquisa, e não a partir de afirmações individuais dos sujeitos, preservando a identidade e a confidencialidade dos dados.

Serão garantidos o anonimato e o sigilo absoluto por parte do pesquisador. A cada entrevistado será atribuído um número de código quando os dados forem analisados, assim, as respostas permanecerão confidenciais e nomes não serão associados a elas.

Os dados coletados a partir da análise das entrevistas serão destinados somente à pesquisa e serão utilizados apenas para fins de produtos acadêmicos, como: artigos, trabalhos em eventos, dissertação de mestrado, relatório de pesquisa e livro. As gravações serão arquivadas

por um período de cinco anos para consulta do próprio pesquisador, caso haja algum questionamento e, após este período, serão apagadas e descartadas e apagada.

Divino Alves Bueno

Pesquisador

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____ RG n._____ CPF n. _____, abaixo assinado(a), concordo em fazer parte do estudo *O Rádio Escola Roda Pião: comunicação, educação e inovação na prática pedagógica*, como sujeito da pesquisa. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador, Divino Alves Bueno, sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo a minha pessoa.

Local e data:_____

Nome e Assinatura: _____

APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNOS ENVOLVIDOS

Prezado Pai ou Responsável:

O(a) aluno(a) _____ está sendo convidado (a) para participar, como voluntário(a), de uma pesquisa. Meu nome é Divino Alves Bueno, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Comunicação.

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de consentir que o aluno(a) faça parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador. Em caso de recusa, o(a) aluno(a) não será penalizado (a) de forma alguma.

Em caso de dúvida **sobre a pesquisa**, você poderá entrar em contato com o(s) pesquisador(es) responsável(is), Divino Alves Bueno nos telefones: (62) 3622-7982. Em casos de dúvidas **sobre os seus direitos** como participante nesta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, nos telefones: 3521-1075 ou 3521-1076.

Informações importantes sobre a pesquisa

O Rádio Escola Roda Pião: comunicação, educação e inovação na prática pedagógica é uma pesquisa de natureza acadêmica que visa compreender o papel do rádio no processo educativo e sua contribuição na construção da cidadania, a partir da visão dos gestores, alunos, professores e pais de alunos participantes.

Para conseguir seus objetivos, o pesquisador realizará uma sessão de Grupo Focal, reunindo alunos participantes do projeto *Rádio Escola Roda Pião*, que acontecerá em uma sala de aula cedida pela Escola onde seu (sua) filho(a) estuda. Os alunos reunidos em sala de aula, responderão perguntas sobre o *Roda Pião*, que serão gravadas pelo pesquisador. Com base nos resultados será possível compreender a importância da utilização do rádio na Escola. A participação é absolutamente voluntária. O tempo de duração do Grupo Focal é, em média, de 30 minutos, e os participantes terão o direito de responder ou não às questões colocadas pelo pesquisador, bem como se retirar do grupo no momento em que desejar, ou se retirar da pesquisa a qualquer momento.

A sessão de Grupo Foral será gravada, transcrita e usada somente pelo pesquisador responsável pela pesquisa e, no momento da análise dos dados, as informações serão agrupadas por temáticas afins e categorias de análise, a partir das quais serão trabalhadas as evidências dos resultados de forma coletiva, ou seja, a partir da visão geral dos participantes da pesquisa, e não a partir de afirmações individuais dos sujeitos, preservando a identidade e a confidencialidade dos dados.

Serão garantidos o anonimato e o sigilo absoluto por parte do pesquisador. Quando os dados forem analisados, os participantes serão identificados por meio de um código, assim, as respostas permanecerão confidenciais e seus nomes não serão associados a elas.

Os dados coletados serão destinados somente à pesquisa e serão utilizados apenas para fins de produtos acadêmicos do tipo: artigos, trabalhos em eventos, dissertação de mestrado, relatório de pesquisa e livro. As gravações serão arquivadas por um período de cinco anos para consulta do próprio pesquisador, caso haja algum questionamento e, após esse período, serão apagadas e descartadas.

Divino Alves Bueno

Nome e Assinatura do pesquisador

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, _____ RG n._____ CPF n. _____, abaixo assinado(a), responsável pelo(a) aluno(a) _____, autorizo sua participação no estudo *O Rádio Escola Roda Pião: comunicação, educação e inovação na prática pedagógica*, como sujeito da pesquisa. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo pesquisador, Divino Alves Bueno, sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, assim como sobre os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer penalidade ou interrupção do acompanhamento/ assistência/tratamento prestado ao sujeito pesquisado.

Local e data:_____

Nome e Assinatura do pai ou responsável: _____

ANEXO A – EXEMPLO DE ROTEIRO DE PROGRAMA

PROGRAMA RODA PIÃO - GRAVAÇÃO 22/08/2002
CULTURA POPULAR (Lobisomem)
Escola Municipal José Eduardo Mendonça

1º Quadro: Diálogo de abertura
Vinheta: Roda Pião
Música do Zé Ramalho
(Mistério de um lobisomem que fosse um homem...)
Lucas: Ei, André, aonde você vai a essa hora da noite, já se esqueceu que hoje é dia de lua cheia?
Fábio: Uai Lucas, e daí?
Lucas: E daí?!! Se esqueceu do causo do Lobisomem?
Fábio:Lobisomem? Não. Qual?
Lucas: Você não conhece?
Fábio: Não,
Lucas: Então preciso lhe contar, antes que você tope com ele pela rua
Fábio:Que isso Lucas, eu não acredito em assombrações, que bobagem...
Lucas: André...André... Lobisomem existe mesmo!
Fábio: Então conte a história que você conhece para ver se eu acredito.
Lucas: Conto não, calma! O Programa do Roda Pião vai contar essa história hoje, vamos prestar atenção!
Fábio: Mas calma, daqui um pouquinho vamos conhecer esta história... Agora, precisamos dizer que o programa de hoje vai nos ajudar a conhecer melhor Silvânia.
Lucas: É mesmo. Vamos conhecer uma música, um causo, um artista da terra... tem muita coisa boa, aí, pessoal.
Fábio: Então, que rode o Pião!
Téc.: Vinheta do Roda Pião

Vinheta: Roda Pião...

2º Quadro: Música: Saudação à Silvânia –
Letra:José Luiz Gonçalves dos Santos
Música: João Carlos e Tereza Cristina

Estribilho

Berço humilde de heróis altaneiros
Hoje, alto e teu nome reluz.
Foste fruto de bravos mineiros,
Sob a égide milênia da cruz.

Eu me orgulho de ser silvaniense,
Desta terra que vela por mim.
Ensinou-me que o amor tudo vence,
Tendo fé no Senhor do Bonfim.

Esta terra banhada de ouro,
Me legou este grande fadário:
Ser cristão, oh! que grande tesouro,
Terra da Virgem Mãe do Rosário.

Educar, educar, é teu lema;
És a Athenas do Grande Goiás,

Não podias propor melhor tema,
Pra fazer o teu povo capaz.

As catiras e tuas congadas,
As quadrilhas do mês de São João,
É folclore, que em noites passadas,
É semente, é raiz-tradição

Juventude valente e brilhante
Que divide o fracasso e o sucesso,
De Silvânia, farás confiante,
Terra boa de Ordem e Progresso.

3º Quadro: História do Lobisomem

4º Quadro: Bate Papo
Vinheta: Bate Papo Puxa prosa...
Narrador: Ei amigo, ai, do outro lado, hoje nós vamos contar algumas coisas sobre a nossa cidade de Silvânia que talvez você ainda não saiba.
Narradora: É, e são coisas muito curiosas de nosso município.
Narrador: Uma dessas coisas são as crateras formadas pelas escavações de ouro feitas por escravos.
Narradora: Isso aconteceu quando Silvânia, a nossa cidade, começou a surgir.
Narrador: É, os escravos foram trabalhando... trabalhando...
Narradora: E foram escavando... escavando... procurando ouro.
Narrador: Até que o ouro acabou e ao redor de nossa cidade ficou que é um buraco só.
Narradora: Buraco em?! buracão.
Narrador: É mesmo! Mas quem conhece esses buracos chamam eles de buraquinho.Você sabia?
Narradora: Ah, sim! É verdade, vale a pena você conhecer.
Narrador: Só que não vá lá sozinho, convide seus pais para levarem você até lá.

5º Quadro: Pesquisa sobre a cultura da nossa região

Narrador: Amigos, agora que vocês já sabem um pouco mais sobre a história de escavação do ouro em nossa cidade, busque mais informações sobre a era da mineração em nosso município. E o porquê dela ter tido o nome de Bonfim e como e por que de hoje se chamar Silvânia.
Narradora: E ainda, vale a pena pesquisar sobre o desenvolvimento agrícola da região depois que acabou a exploração dos recursos minerais.
Narrador: Pergunte seu professor ou professora, seus avós ou seus pais, que eles podem lhe informar melhor como saber mais sobre esse assunto.

6º Quadro: Causo do Wagner

Narrador: Hoje vamos ouvir um causo contado pelo professor Wagner. Ele nos disse que foi seu avô que lhe contou essa história. Vocês vão adorar...

7º Quadro: Entrevista com o Zé Cidadão
Vinheta: Ele é um bom repórter...
Perguntas: Ele é um artista silvaniense. Suas esculturas impressionam pelo detalhe, pela beleza. Hoje vamos conversar com o Zé Cidadão. Conte pra gente:

- Como foi que aprendeu a esculpir?
- Quando descobriu que tinha talento? Alguém o apoiou? Quem quiser conhecer as suas obras, o que deve fazer?
- Muito obrigado, Zé Cidadão... Um abraço de toda galera do Roda Pião.

8º Quadro: Lembrete do Concurso

Narrador: Ei, amiguinho aí do outro lado. Você está lembrado do concurso de redação sobre as

histórias que o povo conta aqui em Silvânia? **Narradora**: Então, o que está esperando, escreva uma linda redação, contando alguma história que você ouviu ou já conhece e envie para o programa Roda Pião. **Narrador**: É, e se você não sabe nenhuma história, pergunte aos seus pais, tios, avós ou professores... **Narradora**: E participe, pois você poderá ganhar bolas de vôlei ou futebol ou um lindo relógio. **Narrador**: É isso aí amigo, não deixe de participar, peça ajuda ao seu professor. **Narradora**: E boa sorte!
9º Quadro: Aquele Abraço! **Narrador:** Aquele Abraço! Para todas as pessoas que fazem parte de movimento cultural de sua cidade... Aquele Abraço a todas as pessoas que fazem parte da Sociedade Bonfinense de cultura.
10º Quadro: Diálogo de encerramento **Lucas**: Fábio, o programa já está no finzinho... **Fábio**: Ah, não. Mas a prosa tava tão boa... **Lucas**: É mesmo... hoje aprendemos muito sobre a nossa cidade... **Fábio**: E tem muito mais pra aprender. Ei, amigos do Roda Pião, façam como o professor Wagner, conversem com as pessoas mais velhas, aposto que elas sabem muito coisa interessante... **Lucas**: Elas têm muita história pra contar... **Fábio**: É mesmo, Lucas vamos conversar com meu avô Pedro, ele uma vez me contou a lenda da Igreja Velha... vamos conversar com ele? **Lucas**: Então vamos. **Todos: Tchau, amigos do Roda Pião e até a próxima semana.**

ANEXO B – EXEMPLO DE ROTEIRO PEDAGÓGICO

MULTI MEIOS

NURED - NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÀO À DISTÂNCIA
TV-ESCOLA E RÁDIO ESCOLA .
Subsecretaria Regional de Educação. Secretaria Municipal de Educação
ROTEIRO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO MULTIMEIOS : SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO .

Caro Professor :

Estando sediados no mesmo lugar a TV Escola e o Projeto Rádio –Escola , têm trabalhado integrados numa proposta de utilização de tecnologias na educação . Esse roteiro multi-meios é uma primeira tentativa de partilhar com as escolas o fruto do nosso trabalho . Assim o professor tem mais um recurso à disposição , para dinamizar mais ainda sua prática pedagógica numa sociedade tecnológica. Ele pode partir do programa e enriquecê-lo com o vídeo , ou partindo do vídeo , trabalhar com o programa de rádio e ainda enriquecer ambos com atividades de informática . Importa ter claros objetivos de aprendizagem e escolher caminhos para alcançá-los .

Alertamos novamente para uma questão muito importante : *A audição do programa RODA PIÃO , por ser uma "rotina" semanal , precisa ser algo muito tranqüilo , muito negociado com a turma , para que não se caia num desgaste de se ouvir por ouvir .O momento do programa deve ser um ritual gostoso e querido pelas crianças .*

A equipe: TV Escola: Irene Aparecida Gomes. Maristela Regina Peres Tavares. Rádio Escola: Iraci Balbina Gonçalves, Nevione Cotrim, Maria Izaltina Lopes e Geraldo de Oliveira Costa .

PROGRAMA RODA PIÃO: A criança fazendo comunicação !

Dias. 3 e 4 de Setembro : BRASIL INDEPENDENTE ?

VÍDEOS: A) Erradicação do trabalho infantil
B) Direitos do coração.
C) Pela erradicação do trabalho infantil de Goiás .

Obs: Contatos com Irene e Maristela . NURED : Pça Joaquim Félix, 134. f. 332 2078

LIVROS: SERAFINA , A MENINA QUE TRABALHA de Michele Iacoca , ed. Ática
CIDADÃO DE PAPEL, de Gilberto Dimenstein. Ed. Ática.

Nesse dia o programa Roda Pião irá tratar da questão da independência do Brasil , enfocando a exploração do trabalho infantil . O professor poderá trabalhar normalmente o fato histórico da independência (e sobretudo as diferenças entre Brasil colônia e Brasil independente) . Mas é importante atualizá-lo como questionamento para hoje: Somos um povo independente?? Até quando sim. Até quando não . Importa muito mais localizar pontos de avanço e lacunas. Mas para que isso não se perca numa ampla análise , sugerimos o enfoque do trabalho infantil . A questão da independência pode ser questionada a partir desse aspecto bem localizado e próximo do interesse das crianças . Um país onde a saúde, os estudos e o brinquedo da criança são prejudicados por um trabalho precoce é um país soberano e independente?

1) Rádio – Teatro: O Grito do Ipiranga .
2) Questionamento: O que é ser independente ?
3) Entrevista com uma criança que ficou prejudicada pelo trabalho precoce .
4) Paráfrase do Hino Nacional: Para facilitar a interpretação da letra .
5) Conto: João e Maria.

SUGESTÕES DIDÁTICAS:

_Parafrasear o hino nacional de modo a facilitar a compreensão do seu significado .

_Desenhar o mapa do Brasil, em cartolina recortando–o nos contornos . Amarrá-lo com faixas de papel (fininhas), contendo palavras e/ou expressões que indiquem dependência social e econômica do Brasil . Essas palavras bem ao alcance da criança e referidas à situações que elas conhecem (trabalho infantil , desemprego , salário baixo , etc.) podem ser amarradas no "Brasil" , por alguns alunos que,

explicarão porque aquilo torna o Brasil menos livre . Ao fim, pode-se amarrar corrente de papel crepom no Brasil.

_ Assistir um dos vídeos indicados. No vídeo da erradicação do trabalho infantil, relacionar os depoimentos com situações semelhantes, conhecidas pelas crianças. Ver o que pode ser feito como conversa, encaminhamento ou denúncia.

_ Identificar adultos que tenham sido obrigados a largar a escola na infância, para trabalhar e que hoje estejam numa situação que poderia ser melhor . Entrevistá-los.

_Voltar ao hino e confrontá-lo com a situação do Brasil refletida acima , identificando e debatendo o sentido de expressões como : "Verás que um filho teu, não foge à luta". "Paz no futuro e glória no passado" etc...

Dias 10 e 11 de Setembro: OLHA O APAGÃO !

A crise energética atual , se presta muito bem a um estudo que relacione ciência / tecnologia / meio ambiente , como orientam os PCNs . Mais que a construção de novas usinas (necessidade inegável) importa situar o problema no contexto da preservação ambiental . É o que o programa desse dia tentará fazer .

1) Os reservatórios baixam. Só por isso é que falta energia ???
2) Só existe a água como fonte de energia ?
3) O uso consciente da água e luz.
4) De onde vem a energia de Silvânia ?
5) Conto : *A concha d'água* . Conto popular que mostra o drama de uma menina em tempo de seca , necessitando de arranjar água para sua mãe enferma . Depois de muito procurar, encontra uma quantidade ínfima. Contudo, dessedenta a todos quantos encontra pelo caminho de volta pra casa . O pouco que restou para dar à mãe, cai ao chão, quando ela chega em casa, mas ao cair vira uma fonte de água cristalina .

Vídeos: Rios do Destino.
Meio Ambiente: O que tem a ver conosco?
Meio Ambiente: Novas fontes de energia.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES:

_Após ver o vídeo, fazer um quadro sinóptico (em colunas comparativas) das diversas fontes de energia : Nuclear , hidrelétrica , termoelétrica , eólica (vento) , solar , etc. Nesse quadro de dupla entrada , deixar espaços que serão preenchidos com a pesquisa dos alunos, respondendo aos itens: custo , tempo de construção , impacto ambiental ,etc. (consultar Celg , educadores ambientais : Dil e Valdivino do Ibama .)

_ Pesquisar qual a hidrelétrica que gera a energia para Silvânia, qual a sua situação atual, o nível dos reservatórios. Solicitar informações à Celg .

_ Procurar em jornais e revistas velhas, notícias sobre a crise da energia (cf. encarte) e confrontá-las com as notícias atuais. Era previsível?

_ relacionar formas abusivas de uso da energia e alternativas.

_ Trazer a conta de luz para a sala de aula, xerocar e ampliar para a exploração coletiva . Fazer mais cópias para trabalho individual. Pode se trabalhar com essa conta de muitos modos, desde leitura e apreensão da terminologia técnica , verificação da cota de consumo prevista pela celg, trabalhos de matemática calculando a cota prevista e o que foi gasto, até gráficos comparativos das contas de toda a turma .

_ Mapear a entrada da energia em nossa casa, desde a sua geração na usina. (ver material impresso com a Celg)

_ Visitar a usininha antiga de Silvânia, pesquisar dados sobre ela. (livro " SILVÂNIA: ENREDOS E PERSONAGENS" de Edmar Camilo Cotrim .)

_ Visitar alguma fazenda onde haja gerador próprio, verificar como funciona.

Dias 17 e 18 de Setembro: A NOSSA BACIA .

A questão da bacia hidrográfica é crucial do ponto de vista ecológico . A crise dos recursos hídricos (estreitamente ligada à energética) é algo que deve ser percebido desde as causas mais remotas . O programa fará uma divertida viagem imaginária desde a nascente da nossa bacia , até os rios que passam por Silvânia.

1) Trocadilho com a palavra bacia e breve conceituação da palavra bacia

2) Dois meninos passeiam de barco desde a nascente de um rio, passando por outros da mesma bacia hidrográfica e vão constatando os diversos danos ambientais que a comprometem .
3) Conto: O peixe aruanã. Do folclore do norte goiano, essa lenda conta a história de um índio que se abriga dentro do peixe para defender o rio.

Vídeos: Os mesmos do programa anterior .
Livros: PCNs de Meio Ambiente e vários panfletos educativos disponíveis em entidades como Saneago , Ibama , Agência Ambiental .

SUGESTÕES DIDÁTICAS:
Refazer com desenhos o trajeto dos meninos que navegaram pelos rios no programa .
Trabalhar com a letra da música TERRA, PLANETA ÁGUA, de Guilherme Arantes. Cantar, interpretar, debater.
Visitar o(s) rio(s) ou córrego(s) mais próximo da escola , fazer levantamento do seu estado enfocando: a vegetação das margens, a irrigação agrícola com suas águas , a presença de dragas . (Se possível, visitar o manancial) Entregar esse relatório ao Ibama, com uma carta coletiva , solicitando providências .
Produção de texto: *O Desabafo do Rio*. Depois de explorar com as crianças, todos os danos ambientais que degradam os rios, essa é uma maneira interessante de avaliar sua compreensão. (Naturalmente, para diagnosticar e pensar novas formas de abordagem da questão!)
Explorar um mapa hidrográfico com os alunos. (Cuidando de vivenciar todas as etapas necessárias à compreensão dessa forma de representação gráfica). Localizar nossa bacia, nossos rios principais.

Dias 24 e 25 : O Córrego Caidor.

Esse programa irá enfatizar a importância da nossa nascente e situar a sua atual problemática .

Vídeo: Degradação do manancial do Córrego Caidor.

1) Entrevista com um membro do comitê que está trabalhando na defesa da nascente do Caidor.
2) Rádio-teatro. Um morador das imediações , polui a nascente com agrotóxicos. Um amigo lhe sugere uma forma alternativa.
3) O lixão: Ameaça ao lençol freático .
4) Mas afinal o que é lençol freático???
5) Conto: Estela e o rei dos peixes. A invejosa mulher quer presentes cada vez mais caro do rei dos peixes, mas em troca degrada o rio, por fim fica sem nada .

SUGESTÕES DIDÁTICAS :

Aprofundar melhor a questão do lençol freático . (nessa e em outras questões de água, a Saneago será de grande valia)
Visitar a nascente e produzir um relatório das suas condições atuais. Se possível fotografar.
Levantar numa lista , todas as formas de degradação da nascente e possíveis alternativas, discernindo o possível uso auto sustentável da proibição pura e simples de certos usos . Ver o que a lei diz a respeito (Consultar o Ibama)
Verificar quem tem fonte de água ou poço em casa. Quais as condições dessa água, de sua preservação? Está longe da fossa? Orientar no que for necessário.
Assistir ao vídeo do Córrego Caidor.

OUTUBRO:

Dias 1 e 2 : Aniversário de Silvânia

O aniversário da cidade esse ano será, entre outras iniciativas, dinamizado pela Secretaria Municipal de Educação de modo diferente. Fugindo ao ufanismo vazio, a secretaria quer pôr em relevo, o trabalho dos educadores que constroem a cidadania com seus alunos , inclusive premiando-os . Um dos prêmios será para os trabalhos mais relevantes em sala de aula , com o programa Roda Pião . Aqueles que mais despertarem atitudes e valores e melhor incentivarem o exercício da cidadania.

1) Cidadão: O que é isso?

ANEXO C – EXEMPLO DE HISTÓRIA ADAPTADA PARA O PROGRAMA

O LOBISOMEM

Adaptação da História do Lobisomem

LOBISOMEM

Narrador: Hoje vocês vão conhecer a lenda do mais temido e horripilante monstro das lendas de nossa terra. É a história do Homem que vira Lobo, chamado de Lobisomem...
Téc.: Uivo de lobo (bem longo)
Narrador: Conta a lenda que se você encontrar um homem magro, pele muito branca, caladão, sempre olhando torto, com sobrancelhas grossas e orelhas compridas, é melhor ficar esperto: o tal sujeito pode ser o lobisomem.
Aninha: Que dia é hoje Marcio?
Márcio: Hoje?!
Aninha: É, da semana?
Márcio: Ah, hoje é quinta feira.
Aninha: E a Lua ?
Márcio: Lua?!
Aninha: Sim, que lua é?
Márcio: Ah, lua cheia. Mas por quê?
Aninha: Por quê?!!! Ora, Márcio, porque dia de quinta pra sexta feira e lua cheia o lobisomem aparece.
Márcio: Que bobagem Aninha, eu não acredito nisso não.
Aninha: Ei, Márcio, mas aonde você vai a essa hora da noite, já se esqueceu que hoje é dia de lua cheia?
Márcio: Uai Aninha, e daí?
Aninha: e daí?!! Se esqueceu do causo do Lobisomem?
Márcio: Lobisomem? Besteira?
Aninha: Besteira não, tome cuidado
Márcio: Que isso Aninha, eu não acredito em assombrações, que bobagem...
Aninha: Márcio...Márcio... Lobisomem existe mesmo!
Márcio: **Téc.: Som de sinos ou música para começar a história.**
Narrador: Diz a lenda que quando uma mulher tem sete filhas mulheres e o oitavo filho é homem, esse filho será um Lobisomem, ou se uma mulher tiver um filho com um padre ele também será um lobisomem...a pessoa que vira Lobisomem, nasce normal, só com treze anos de idade a maldição começa e na primeira noite de terça ou sexta-feira, depois do aniversário dele,

ele sai de noite e vai aonde duas estradas se encontram...Ali, no silêncio da noite, se transforma em Lobisomem pela primeira vez, e uiva pra lua...

Márcio: Ah, Aninha deixa disso, você acha que eu vou acreditar que existe mesmo esse tal de Lobisomem?

Téc.: uivo de Lobo

Aninha: O que foi isso?!

Márcio: Que barulho foi esse?

Aninha: Não te falei Márcio! É noite de lua cheia, e o Lobisomem já está por aí solto procurando alguém...

Márcio: êêêê... Já lhe disse que não acredito...

Aninha: Pois pode acreditar, pois já que você insiste em sair a essa hora em noite de lua cheia, vai topar com ele mesmo. Mas já que você não acredita em Lobisomem, então nem vou te contar como a gente faz pra espantar ele...

Márcio: Espantar ele? E tem jeito? Como é?

Aninha: Uai, Márcio não é você que me disse que não acredita em Lobisomem?

Márcio: Não acredito mesmo, mas estou curioso pra saber como fazer nessas horas, vai lá que eu encon...

Aninha: Encontra né mané ?! Me engana que você não está com medo de encontrar o Lobisomem?

Márcio: Não enrola Aninha me diz como é

Aninha: Se acaso você sentir um cheiro de cocô de galinha é ele que está por perto e se você topar com o lobisomem é só você fechar os olhos, esconder os dentes e as unhas da mão, e rezar assim:

São Romão está em Roma
A cabeça em Portugal
Deus me livre, Deus me guarde
De cão bravo, cão malvado
Que vem vindo me danar.
São Romão sejai comigo
Para sempre do meu lado
Para sempre meu amigo.

Márcio: Tudo isso?!!

Aninha: Sim, assim você não correrá perigo.

Márcio: Que besteira, nem sei porque fui te ouvir, tô indo embora, tchau Aninha...

Aninha: Tchau, Márcio, cuidado em?!

Narrador: Márcio estava com medo, mas queria mostrar que era corajoso na frente de Aninha, foi embora... Para o menino ir para casa era preciso passar por uma matinha que tinha uma pinguela sobre um pequeno córrego e ainda precisava passar pelas terras de Nhô João que era cercada por arame farpado. A noite estava fria, muitas nuvens cortando o céu. A lua clareava o caminho por onde Márcio passava. O garoto estava distraído quando ouviu um som esquisito ao seu redor...

Téc.: Som de pisadas em cima de galhos

Márcio: Ê, ê... Quem está aí?

Narrador: ninguém respondeu. Assustado e suando frio, Márcio começou a andar mais rápido. De repente ouviu um uivo...

Tec.: Uivo de Lobo

Narrador: Márcio começou a correr...

Tec: música para dar sensação de ação na corrida do menino.

Narrador: mas no meio do caminho tinha um buraco de tatu e o menino enfiou o pé dentro dele e caiu.

ele sai de noite e vai aonde duas estradas se encontram...Ali, no silêncio da noite, se transforma em Lobisomem pela primeira vez, e uiva pra lua...

Márcio: Ah, Aninha deixa disso, você acha que eu vou acreditar que existe mesmo esse tal de Lobisomem?

Téc.: uivo de Lobo

Aninha: O que foi isso?!

Márcio: Que barulho foi esse?

Aninha: Não te falei Márcio! É noite de lua cheia, e o Lobisomem já está por aí solto procurando alguém...

Márcio: êêêê... Já lhe disse que não acredito...

Aninha: Pois pode acreditar, pois já que você insiste em sair a essa hora em noite de lua cheia, vai topar com ele mesmo. Mas já que você não acredita em Lobisomem, então nem vou te contar como a gente faz pra espantar ele...

Márcio: Espantar ele? E tem jeito? Como é?

Aninha: Uai, Márcio não é você que me disse que não acredita em Lobisomem?

Márcio: Não acredito mesmo, mas estou curioso pra saber como fazer nessas horas, vai lá que eu encon...

Aninha: Encontra né mané ?! Me engana que você não está com medo de encontrar o Lobisomem?

Márcio: Não enrola Aninha me diz como é

Aninha: Se acaso você sentir um cheiro de cocô de galinha é ele que está por perto e se você topar com o lobisomem é só você fechar os olhos, esconder os dentes e as unhas da mão, e rezar assim:

São Romão está em Roma
A cabeça em Portugal
Deus me livre, Deus me guarde
De cão bravo, cão malvado
Que vem vindo me danar.
São Romão sejai comigo
Para sempre do meu lado
Para sempre meu amigo.

Márcio: Tudo isso?!!

Aninha: Sim, assim você não correrá perigo.

Márcio: Que besteira, nem sei porque fui te ouvir, tô indo embora, tchau Aninha...

Aninha: Tchau, Márcio, cuidado em?!

Narrador: Márcio estava com medo, mas queria mostrar que era corajoso na frente de Aninha, foi embora... Para o menino ir para casa era preciso passar por uma matinha que tinha uma pinguela sobre um pequeno córrego e ainda precisava passar pelas terras de Nhô João que era cercada por arame farpado. A noite estava fria, muitas nuvens cortando o céu. A lua clareava o caminho por onde Márcio passava. O garoto estava distraído quando ouviu um som esquisito ao seu redor...

Téc.: Som de pisadas em cima de galhos

Márcio: Ê, ê... Quem está aí?

Narrador: ninguém respondeu. Assustado e suando frio, Márcio começou a andar mais rápido. De repente ouviu um uivo...

Tec.: Uivo de Lobo

Narrador: Márcio começou a correr...

Tec: música para dar sensação de ação na corrida do menino.

Narrador: mas no meio do caminho tinha um buraco de tatu e o menino enfiou o pé dentro dele e caiu.

Márcio: Aaaaiiii!!! Meu pé, que dor!!! Acho que me machuquei...

Narrador: Caído ao chão Márcio sentiu um cheiro forte de cocô de galinha, então Márcio tinha certeza era o "coisa ruim", levantou correndo e sentiu que seu pé estava machucado, mas ele não podia parar. Márcio pensou...

Tec.: Som de sinos, ou outro som que expresse o menino pensando.

Márcio: Ai meu Deus do Céu, Cruz Credo, Ave Maria! O que foi mesmo que a Aninha falou, se eu encontrasse o Lobisomem? Nossa me esqueci, e agora?

Narrador: Apavorado de tanto medo Márcio se levantou e tornou a correr, e quanto mais o menino corria, o uivo do lobisomem ficava mais perto. Márcio corria...corria... e seu pé doía...doía... pulou moitas de capim, cupinzeiros, arrancou galhos no peito, atravessou num salto a pinguela e quando ele resolveu olhar pra trás ele viu uma sombra enorme de um cachorrão preto do tamanho de um burro, de orelhas imensas e dois olhos cheios de fogo saiu do mato soltando fumaça pelo focinho...

Tec.: Uivo de lobo

Márcio: Ai minha Nossa Senhora! Ave credo que bicho esquisito! Socorro!!! Socorro!!!

Narrador: Márcio corria e gritava por socorro mas ninguém o escutava, ninguém aparecia... Até que Márcio se viu em uma situação mais difícil, havia ainda as terras de Nhô João pra atravessar e ela era cercada por arame farpado.

Márcio: Meu Deus e agora quando eu for parar para atravessar a cerca de arame ele vai me pegar, mas não tem jeito tenho que fazer é isso mesmo.

Narrador: Naquele momento Márcio lembrou dos conselhos de Aninha e fechou os olhos, escondeu os dentes e as unhas da mão, daí o lobisomem parou e ficou procurando pelo menino. Márcio não se lembrou da reza pra espantar o lobisomem, por isso o bicho não saiu de perto. Márcio pensou:

Tec.: Som de sino

Márcio: E agora?!!! Preciso escapar, mas ele poderá ver minhas unhas, e se isso acontecer ele vai me pegar. Ai, Meu Deus!!! Mas eu tenho que tentar!

Narrador: Márcio então puxou o arame farpado para cima e quando ele ia pular o Lobisomem segurou no seu ombro e puxou-o para trás, e o garoto gritou:

Márcio: Socorro!!! Socorro!!! Sai bicho esquisito, sai!!! Me solta! Socorro!!!

Narrador: Márcio batia os pés, as mãos, chorava, gritava quando...

Mãe: Márcio, acorda! Acorda! Você está sonhando! Acorda meu filho isso é um sonho!

Márcio: Ai, ai, ai... Graças a Deus! Que susto! Ainda bem que foi só um pesadelo! Quase que o Lobisomem me pegou.

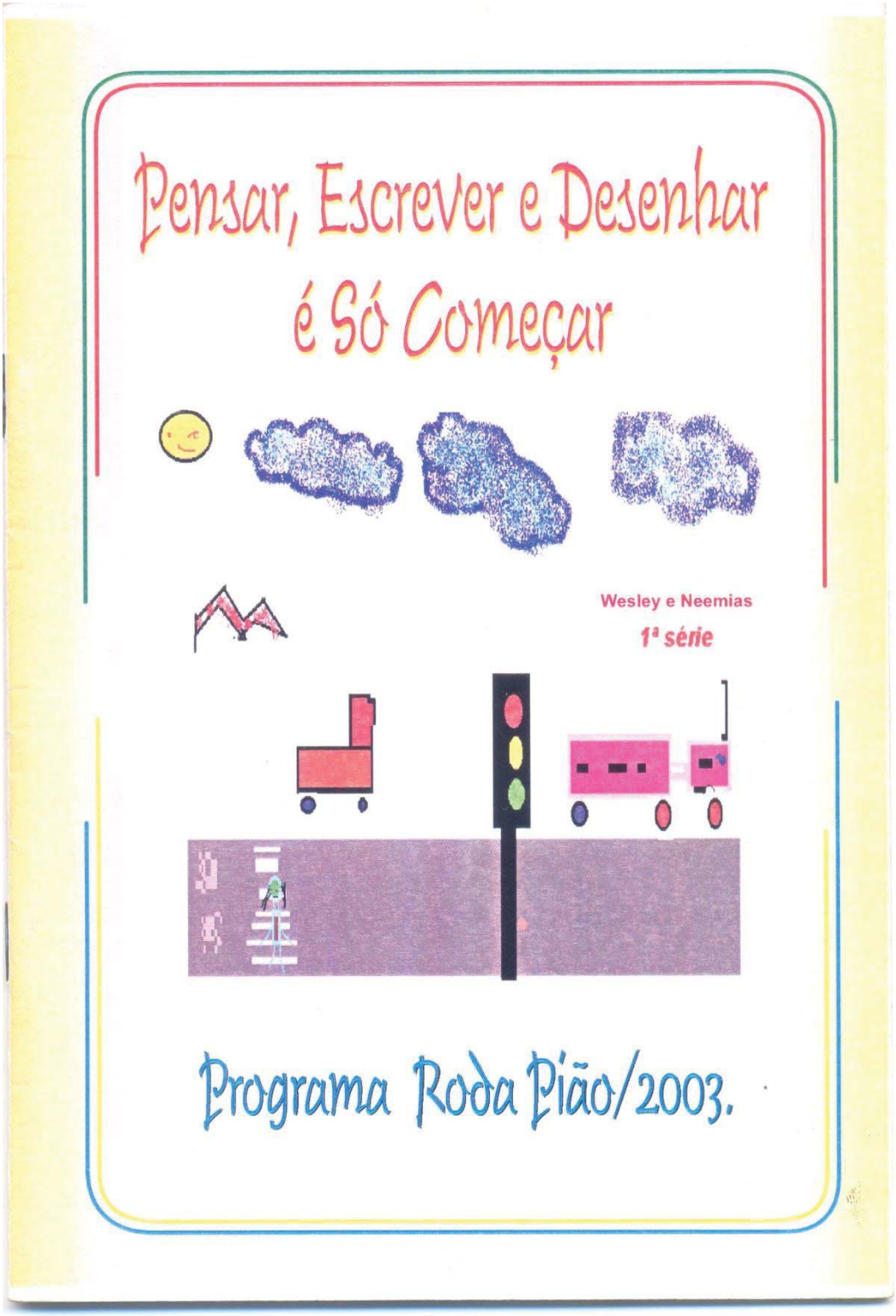
Mãe: Lobi o quê, meu filho?

Márcio: Lobisomem mãe!

Mãe: Acalme-se meu filho tudo não passou de um sonho...

Márcio: Ainda bem mãe, ainda bem...

ANEXO D – EXEMPLOS DE PRODUÇÃO DE TEXTO



Capítulo I
Mostre a Cara das Idéias
Produções Premiadas

01) Concurso de Cartinhas

Gameleira de Goiás, 20 de março de 2003.

A bênção, vovô, tudo bem?

Como é que vai aí na fazenda? E o meu tio Joelson? Aí tem muito laranja e abacate?

Na minha casa, eu quebrei um prato porque eu pensei que minha mãe tinha segurado o prato, e eu soltei, ele quebrou e eu tive que catar os cacos de vidro tudo e jogar lá na fossa .

Poucos dias atrás o bezerro pisou em cima do meu pé , porque eu fui tentar curá-lo.

Eu vou muito bem no colégio estudando com meus professores. Sabe, o nome deles? Leila, Filomena e Pedro, eles são legais. A Filomena é a mais engraçada, a Leila já é a mais brava e o Pedro, o mais legal.

E aí vovô, conte o que aconteceu aí na fazenda? Estou com saudades.

A bênção e tchau. Um abraço.

Seu neto,

Claudiovam Paulo Araújo.

- Escola Municipal Benedito Lobo
- Profª Leila
- Município de Gameleira de Goiás.

02) Concurso de produção de Adivinhas

- O que é o que é a comida mais brava do mundo?

Resposta: Pamonha, porque ela tem de ir amarrada para a panela.

Antônio Neto Souza Prado 2ª série profª Teresinha - Instituto Auxiliadora

- O que é o que é que nasce branca, cresce verde, e morre preta?

Resposta: Jabuticaba.

Heitor Vinicius Arantes de Souza 2ª série - profª Marta Instituto Auxiliadora

- O que é que tem seis pernas, mas não anda, tem seis asas, mas não voa? Tem três bicos, mas não bica? Res: três galinhas mortas.

Viviane Faria dos Santos 3ª série - profª Rosane Escola Municipal Manoel Caetano do Nascimento Silvânia/Go

- Por que é que a polícia precisa trabalhar nas festas juninas?

Resposta: Porque tem muitas quadrilhas.

Vinicius Freitas Mendes, 2ª série, profª Alda

Escola Municipal Geraldo Napoleão de Sousa - Silvânia/Go

- O que é, que é: que a galinha ganha quando bate a cabeça? resp: ganha um galo.

Aluna: Jéssica Jacomine

Professora: Valdete - 4ª série - Instituto Auxiliadora

03) Concurso Meu Diário

Meu Diário

Uma vez acordei e saí na janela para ver o sol nascente. Estava lindo, amarelo e brilhoso, como todos os dias! Eu já ficava sabendo que ia ter um dia maravilhoso.

Contos, Causos e Lendas

Silvânia e Gameleira de Goiás

PROGRAMA RODA PIÃO
NOVEMBRO/2004-2ª EDIÇÃO

Aluna: Luiza Helena Arêdes Curado
Escola: Instituto Auxiliadora
Série: 2ª D
Professora: Celuta de Fátima Morais
Pessoa entrevistada: Mamãe Luiza

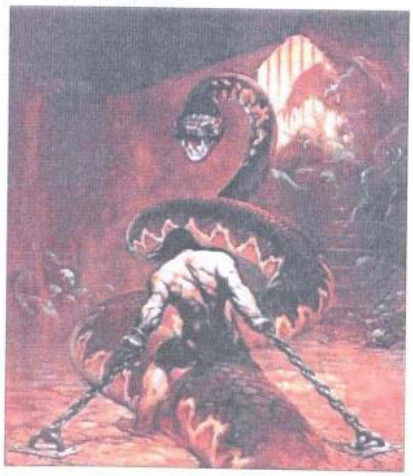
A lenda da serpente

Dizem que tem uma serpente dormindo debaixo da cidade de Silvânia.

Dizem que sua cabeça fica debaixo da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e o resto de seu corpo fica debaixo da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Aluno: Gilson Ricardo Delfino
Escola: Instituto Auxiliadora
Série: 2ª D
Professora: Celuta de Fátima Morais
Pessoa entrevistada: Terezinha Delfino dos Santos

A Serpente



Antigamente, debaixo da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim havia um tesouro de muito valor. Mas havia também uma guardiã: uma serpente.

Essa serpente ia da Igreja até o poço da Roda, por isso ninguém tinha coragem de pegar o tesouro. Um dia três mineradores decidiram ir pegar o tesouro, mas um deles era muito medroso e desistiu e os outros dois foram. Eles cavaram, cavaram e cavaram. Até que um deles gritou:

Lenda da serpente

Eu ouvi um causo que é mais ou menos assim: aqui em Silvânia tem uma igreja que é a Igreja Nosso Senhor do Bonfim e que lá embaixo dela tem a cabeça de uma serpente muito grande e que o rabo dela está no Poço da Roda.

Essa serpente está amarrada com um fio de cabelo de Nossa Senhora e que se esse fio se desamarrar a serpente destrói toda a cidade de Silvânia.

Aluna: Mayara Polyane de Sousa
Escola: Instituto Auxiliadora
Série: 2ª A
Professora: Maria das Graças Silva
Pessoa entrevistada: Edília Felipe da Silva

A Lenda da Serpente

Era uma vez, um garimpeiro que veio do Rio de Janeiro em busca de ouro.

Ele começou a garimpar e percebeu que tinha ouro debaixo da Igreja, onde começou perfurando o chão. E colocou seus homens para trabalhar e eles trabalhavam muito.

De repente, ele pensou assim:

— Vamos destruir a Igreja!

Quando começaram, de repente os trabalhadores ouviram um barulho de uma serpente gigante. O chefe deles não acreditou e disse:

— Voltem lá e continuem a trabalhar!

Eles voltaram de uma vez, saíram do buraco de medo da serpente gigante. O chefe deles foi lá e viu a serpente e saiu correndo, tampou o buraco e nunca mais garimpou debaixo da igreja.